Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 236 6$00

23 DE DEZEMBRO 1976

DL

O PLANO E O ORÇAMENTO

A Assembleia da República, sob a pressão dos prazos legais abordou, a ritmo de carga, a discussão do Plano e do Orçamento. São dois instrumentos complementares da acção governativa cuja importância e o alcance a Constituição devidamente assinala. Não estamos perante dois textos puramente técnicos; dois textos em relação aos quais a apreciação se possa limitar à consideração do rigor formal, da tecnicidade, da conveniência imediata das soluções apontadas, da viabilidade das verbas indicadas. São dois textos que exigem uma análise política, que assumem no conjunto da vida nacional relevância e significado políticos. Dois textos importantes nos quais se exprime e espelha a política do Governo e nos quais se poderão reflectir os mesmos compromissos e projectos internacionais a que o Governo se tenha ligado.

A Constituição é bem explícita ao definir a função do Plano no seu Artigo 41.º: «Para a construção de uma economia socialista, através da transformação das relações de produção e de acumulação capitalistas, a organização económica e social do País deve ser orientada, coordenada e disciplinada pelo Plano». Não se trata, portanto, de um qualquer Plano. A exigência constitucional aponta para um Plano que deverá «garantir o desenvolvimento harmonioso dos sectores e regiões, a eficiente utilização das forças produtivas, a justa repartição individual e regional do produto nacional, a coordenação da política económica com a política social, educacional e cultural, a preservação do equilíbrio ecológico, a defesa do ambiente e a qualidade de vida do povo português».

Não poderá o Plano, portanto, subordinar-se às contingências de uma política interna que se não mostre consequente com as metas constitucionais definidas nos Artigos 1.º e 2.º, nem com uma política externa que, quer no plano diplomático, quer no plano das relações económicas, se não coadune com a via socialista, com a política de solução pacífica dos conflitos internacionais, com o princípio da independência nacional.

A acção dos governos, e com maioria de razão a acção de um governo socialista, deverá assumir com clareza as opções constitucionais e enfrentar a tarefa da transformação de Portugal «numa sociedade sem classes» (Constituição, Art.º 1.º). O que logo afasta, como é bem evidente, qualquer possibilidade de uma recuperação capitalista mesmo por via da dinâmica inerente a uma «coexistência concorrencial», ainda que táctica, entre o sector público e o sector privado. O Plano deverá estabelecer os termos e os limites dessa «coexistência concorrencial» de harmonia com uma estratégia que tenha por objectivo a transformação de Portugal numa «sociedade sem classes» (Constituição, Art.º 1.º).

Continua na pág. 24

Carrillo foi preso mas não será deportado

Sem oferecer resistência, de cabeleira grisalha e vestindo um casaco castanho, Santiago Carrillo, de 62 anos, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, foi preso ontem à tarde num bairro de Madrid. Cumpriu-se assim a ordem oficial emanada há alguns dias. Carrillo foi levado para o comando da Dirección General de Seguridad, nas Puertas del Sol, em companhia de pelo menos mais sete elementos do Comité Executivo do PCE. Entre os detidos, estão ainda: Simon Sanchez Montero, Jaime Balesteros Pulido, Victoriano Diaz Cardiel Gonzalez, Juan Manuel Ascarate Diaz, Pilar Bravo Castel, Santiago Alvarez Gomez e Julio Aristizabal Cerezo. Este último, secretário de Carrillo, foi seguido pela polícia e, somente por este simples estratagema, o secretário-geral do PCE foi encontrado. Ramon Tamames e Nicolas Sartorius, também dirigentes do PCE foram igualmente detidos, mas, segundo um comunicado oficial,

Continua na pág. 24

Devido aos feriados de amanhã e sábado estão fechadas as nossas oficinas, voltando o «Diário de Lisboa» a publicar-se apenas na próxima segunda-feira

PERANTE INTRIGA DE DESESTABILIZAÇÃO

Eanes atento ao caso Morais e Silva

. «O Presidente da República está interessado na hierarquização das Forças Armadas, mas isso é uma intenção, e a maneira de concretizar essa intenção pode ser feita utilizando vários métodos» afirmou o general Ramalho Eanes, na sua qualidade de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, ao dirigir-se para a reunião do Conselho da Revolução que ontem decorreu no Restelo, e em resposta a uma das três questões que lhe foram postas a propósito do restabelecimento das cadeias hierárquicas de comando, aspecto que, com o pedido de demissão do CEMFA, vem sendo aproveitado (e empolado) pelas forças interessadas na desestabilização política e militar.

Acerca do manobrismo que tem rodeado o «caso Morais e Silva» é da opinião expressa por órgãos da Comunicação Social de pendor direitista, os quais defendem que a demissão do chefe do Estado-Maior da Força Aérea põe em causa as posições dos oficiais graduados que exercem altos cargos de comando (Vasco Lourenço é agora o seu principal objectivo) o chefe do EMGFA foi categórico e taxativo:

. «Essa é a opinião dos (alguns) jornais, e eu ainda não disse qual era a minha. A minha tem sido suficientemente esclarecida ao longo de todo este tempo, de maneira que, desde que se queira efectivamente ver qual é, é fácil».

Morais e Silva: o motor

Vasco Lourenço: o alvo já

Rocha Vieira: o alvo a seguir?

«A saída do general Morais e Silva do CEMFA» indagou um dos jornalistas «poderá arrastar outros elementos?»

. «Não é o general Morais e Silva, retorquiu Ramalho Eanes que pode arrastar seja o que for. É a situação, são as circunstâncias que determinam os comportamentos mais ajustados.»

. 'Alvo indirecto da campanha que visa a tomada do poder pela via administrativa, ou o chamado «golpe técnico» através do restabelecimento das cadeias hierárquicas do comando com o objectivo de entregar a chefia das Forças Armadas aos oficiais que alimentaram o regime até 25 de Abril de 1974, Vasco Lourenço foi também assediado pelos jornalistas à entrada para a reunião do Conselho da Revolução. «A posição pessoal do general Morais e Silva não tem nada a ver com a posição pessoal das outras pessoas. Aliás, os outros elementos», acrescentou o governador militar de Lisboa a propósito da demissão do CEMFA, «já definiram as suas posições há muito tempo, e eu continuo a dizer: há jornais que dizem».

Depois de pôr em relevo o facto de haver muitos oficiais graduados com funções de comando, e ser o único, neste momento, em foco, com o pedido de demissão de Morais e Silva, Vasco Lourenço salientou que não seriam as opiniões dos jornais, as especulações ou tomadas de posição de outros elementos que o levariam a assumir atitudes «com as quais não concordo».

A propósito de graduações referiu o facto de Morais da Silva ser superior à sua, e, acerca dos ataques de que tem sido alvo, lembrou o discurso que proferiu na posse do comando da RML.

Entretanto, o CR não distribuiu qualquer comunicado acerca da reunião de ontem, o que leva a admitir em determinados círculos que o «caso Morais e Silva» não terá sido resolvido em definitivo, embora fosse um dos pontos da análise político-militar da sessão.

A longa espera de Soares

De armas ensarilhadas na pista, a guarda de honra da G.N.R. esperou ontem em vão que o Primeiro-Ministro e a sua comitiva aterrassem no regresso do Brasil. Afinal o avião não desceu na Portela, mas em Faro, e a longa espera foi baldada também para os motoristas oficiais e para os jornalistas. Últimas notícias: Mário Soares viaja do Algarve para Lisboa num autocarro, devendo chegar ao fim da tarde

(Pág. 2)

Na pág. 3

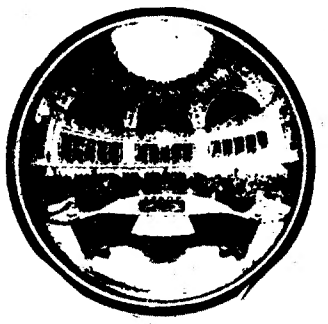
A "PENHORA" — por Vítor Bento

Nas centrais

Que destino para a Facar?

Hoje 32 páginas incluindo "Sete-Ponto-Sete"

Nacional



ASSEMBLEIA DA REPUBLICA

País em rampa inclinada

. Com o Governo a responder (?) a mais de cem perguntas colocadas pelos diferentes grupos parlamentares da oposição, terminou cerca da uma da manhã a primeira sessão destinada à discussão e votação do Plano e Orçamento.

O CDS e PSD/PPD escutavam sorridentes as tentativas de resposta do Governo. E, para passar o tempo, trocavam «papelinhos» entre si. E tão divertidas deviam ser «as mensagens» que nem conseguiam dissimular os risos.

Aliás, «as cartas estão na mesa» há muito tempo. As dúvidas e as preocupações evidenciadas por aqueles grupos parlamentares mostram que o Plano não os contempla suficientemente. Também o PCP mostra sérias reticências em relação à tentativa de recuperação capitalista. E o Governo, tal como fez com a apresentação do Programa, tenta agradar «a gregos e a troianos». Conseguirá ainda desta vez?

. O CDS, por exemplo, depois de sublinhar o «excessivo optimismo do Governo» quis saber «para quando a abertura da Bolsa?», ou para quando e como se prevê o pagamento aos patrões das empresas nacionalizadas e aos latifundiários. O PSD/PPD pretendeu saber sobre a existência ou não de alguma política para combater ou conviver com a inflação; qual a política social de rendimentos». Debruçou-se bastante sobre o tema da Previdência.

Por último, o PCP pretendeu averiguar se o Governo tenciona continuar a entregar as empresas aos patrões, e pôs questões sobre o problema dos reformados, da Previdência e da Reforma Agrária. A UDP também fez eco de questões nestes domínios.

DEIXAR CORRER?

Para tudo isto, os responsáveis do sector da Economia do Governo (onde se anunciam profundas remodelações para Janeiro) voltaram a repetir o «mesmo discurso» que vem sendo proferido, há meses, por diferentes membros do Governo.

«O País não pode viver numa rampa inclinada» diria Sousa Gomes no final da sessão. Sem especificar qual neste momento o «grau de inclinação». O mesmo ministro diria, ao princípio da tarde, na sua intervenção de fundo e apresentação do Plano, que o Governo «não vai deixar correr». Deixar correr disse seria prática de um Governo irresponsável, indiferente aos verdadeiros interesses nacionais ou impotente para fazer face à crise».

A situação económica é grave. Mais uma vez o Governo o reconheceu. Sousa Gomes, depois de sublinhar «a preocupação e a clareza do Governo» nesta matéria, justificou:

. «Não porque queira assustar o País, não porque o colapso seja inevitável ou eminente, mas porque a solução dos nossos problemas económicos tem de partir do diagnóstico concreto. Não porque julgue insuperável a crise, mas antes porque quer vencer a crise. O reconhecimento de uma situação de crise é o primeiro passo para a vencer, pois esse reconhecimento é condição indispensável para que se aceitem as soluções que a situação reclama».

Passemos a citar parte desse «diagnóstico»: cerca de 400 mil desempregados; excessiva dependência económica; níveis de produção e produtividade abaixo dos desejáveis; alta de preços; o desequilíbrio da balança de transacções, etc...

O «remédio» ou melhor, a forma como ele é «dado» pelo Governo é que não agrada a todos. Estimular a actividade económica; atenuar o desequilíbrio da balança de pagamentos; conter o processo de inflação; combater o desemprego. Em relação à iniciativa privada, aquele membro do Governo repetiu por várias vezes que se tenciona reconquistar a «confiança do empresário privado. Nesse sentido não se tem furtado ao diálogo com os empresários» prosseguiu Sousa Gomes. Mas, o CDS exige mais.

A questão do possível aumento do petróleo em mais de dez por cento, levou um deputado a perguntar se esse facto tinha sido previsto na elaboração do Plano. Medina Carreira retorquiu que não mas, a não haver mais alterações nas variantes que levaram à elaboração do documento, então o Plano «aguentará» esse aumento.

O debate prossegue esta tarde, sendo interrompido cerca das 18 horas, para prosseguir no próximo dia 28, de manhã.

SANTIAGO CARRILLO

No meio dos debates sobre o Plano, cerca das dez da noite, José Luís Nunes, do PS, pediu a palavra. Era um voto de protesto pela prisão, há minutos anunciada na TV, de Santiago Carrillo e outros resistentes antifascistas espanhóis.

O PSD/PPD, e em seguida o CDS, levantaram a questão do Regimento e que não haveria confirmação das prisões. Mostraram, no entanto, a sua disposição de votar a favor do voto de protesto. PCP e UDP mostraram-se incondicionalmente a favor da votação imediata do voto de protesto. No entanto e para respeitar o Regimento, o voto de protesto será votado esta tarde, nos seguintes termos: «A Assembleia da República protesta contra estas prisões, de todo em todo atentórias dos direitos humanos e do pluralismo democrático e manifesta a sua surpresa e a sua reprovação».

Foi ainda autorizado o Governo a contrair um empréstimo de 40 milhões de contos para ocorrer a despesas com a cobertura do «deficit» orçamental do ano. A autorização teve apenas a abstenção do Partido Comunista.

F.M.

VISITA DE SOARES AO BRASIL

Crédito de 50 milhões e concessões de mais

. Endividamento, também à ditadura brasileira, foi um dos pontos destacados por Mário Soares no seu regresso do Brasil, como fazendo parte do «sucesso» que teria constituído a sua viagem (concretamente, trata-se de uma «linha de crédito» de cinquenta milhões de dólares a favor de Portugal).

Mário Soares, que no Brasil afirmou estar «acabado o ciclo revolucionário em Portugal», disse ontem em Faro, para onde foi desviado o avião em que viajou devido ao nevoeiro que pesava sobre Lisboa, que havia sido «restabelecido integralmente um clima de confiança entre os dois Governos», isto é, entre o Governo dominado pelo Partido Socialista e o Governo ditatorial de Geisel.

Outros pontos considerados de maior importância por Mário Soares no que concerne aos resultados da sua visita foram o estabelecimento de uma «cooperação muito importante no domínio tecnológico e a resolução de alguns problemas do nosso contencioso com o Brasil».

Um aspecto desta visita que vem sendo alvo de atenções passa por declarações do Primeiro-Ministro português proferidas ainda na cidade de Salvador quando disse que iria agir a favor do Brasil na Europa «dissipando algumas incompreensões que existem em círculos políticos europeus». Desconhece-se se entre estes «círculos políticos europeus» Mário Soares considera os afectos à Internacional Socialista que têm repetidamente condenado em termos vigorosos a ditadura brasileira e o regime de repressão mantido por Geisel.

Segundo a Imprensa brasileira que já depois da partida de Mário Soares continuava ainda a tratar a sua visita, esta deslocação não teve qualquer êxito e o Primeiro-Ministro português quando fala em «sucesso» confunde os seus desejos com a realidade. Mais grave ainda, os mesmos jornais especialmente o «Estado de S. Paulo» refere que os poucos pontos positivos logrados no comunicado conjunto tiveram de ser alvo de negociações especiais em que interveio junto de Geisel, o próprio Mário Soares, conseguindo, a muito custo, alterar o texto do documento quando este se preparava para sair em termos que deixavam transparecer os fracos resultados da visita.

Ainda de acordo com a Imprensa brasileira, o malogro «o êxito do Primeiro-Ministro fica só no papel», escreveu por exemplo, o «Estado de S. Paulo» passa por as autoridades brasileiras se mostrarem altamente duvidosas quanto ao futuro do Governo minoritário de Soares, dúvidas que foram atenuadas, mas não dissipadas, quando o chefe do Governo português insistiu em que o seu Partido (governamental) seria uma espécie de muralha contra os comunistas, não referindo (certamente para satisfação das autoridades brasileiras) que constituísse qualquer barreira ao crescente avanço da direita no nosso País.

A Imprensa acorreu ontem em vão ao aeroporto da Portela. Lá estavam também as viaturas oficiais. Mas o nevoeiro levara o avião para Faro.

PUB.

E P A L

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DAS EMPREITADAS DE FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTO DE CLORAGEM DAS ESTAÇÕES DE TRATAMENTO DE ÁGUA DE S. JERÓNIMO E CAMPO DE OURIQUE

Faz-se público que o concurso em referência, primitivamente marcado para as 15 horas do dia 30 de Dezembro de 1976, foi adiado para o próximo dia 26 de Janeiro de 1977, às 15 horas devendo a entrega das propostas ser feita até às 17 horas do dia 25 de Janeiro de 1977.

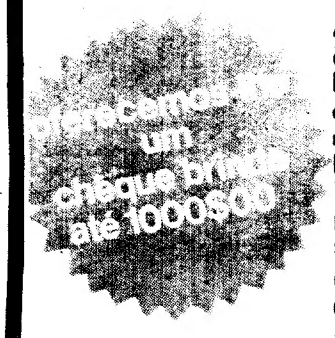
Lisboa, 21 de Dezembro de 1976.

Pel'A EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização

João P~u

visite o único centro de calculadoras do país



Aberto todos os dias das 10 às 24 horas (Sábados e Domingos). Com pessoal especializado em diversos modelos de calculadoras. Representantes da famosa linha TEXAS. Estamos permanentemente ao seu serviço no

CENTRO COMERCIAL CALEIDOSCÓPIO

Visite-nos.

TRIUDUS

Caleidoscópio - 1º Andar
Campo Grande

Aeroportos da Madeira com ameaça em suspenso

FUNCHAL, 23 — Agrava-se rapidamente o problema à volta das reivindicações do pessoal dos serviços de Aeronáutica Civil e que podem, eventualmente, levar ao encerramento dos aeroportos internacionais do Funchal e do Porto Santo. Até às 11 horas da manhã de hoje, não havia ainda chegado qualquer ordem de pagamento dos «retroactivos e horas extraordinárias» por liquidar desde Junho de 1975.

As circunstâncias fazem supor que o pessoal já não receberá hoje o «dinheiro em atraso» e, a manterem-se as suas exigências, o problema poderá assumir aspectos particularmente graves, com prejuízos para muitos milhares de turistas e para a economia do próprio arquipélago.

. Entretanto, um porta-voz dos trabalhadores em luta declarou-nos, ao fim da manhã, que a ilha não será prejudicada, nesta quadra, com uma paralisação que afectaria dezenas de milhares de turistas.

post-scriptum

Manipulação de consciências

Um leitor de Coimbra, devidamente identificado, fez chegar ao nosso conhecimento um dos milhares de exemplares que José Carranca Redondo, capitalista da Lousã e patrão do afamado Licor Beirão, enviou às pessoas do concelho, solicitando-lhes o voto no CDS nas recentes eleições para as autarquias locais.

«Ao fim de tantos anos», comenta o nosso leitor, «este senhor descobriu que era amigo e estimava toda a gente da Lousã».

O documento de que a seguir reproduzimos, por se tratar de um exemplo flagrante de manipulação de consciências, é um texto fotocopiado, onde só as palavras «D. Albertina» são escritas à mão.

Lousã 6/12/76

Senhora D. Albertina

Vão realizar-se no nosso Concelho, no proximo dia 12 de Dezembro, as eleições para as autarquias locais.

Venho por esse facto pedir-lhe o favor de ir votar.

Não deixe de o fazer.

Se em sua consciencia entender que haverá para o nosso concelho algum interesse em votar um candidato do C.D.S., de que lhe envio uma lista com os seus nomes, peço-lhe que vote nela.

Queira-me com muita estima e amizade

José Carranca Redondo

Ensino: injustiças, atropelos e abusos

No recente concurso para colocação de professores do Ensino Preparatório e do Ensino Secundário efectuado nas próprias Escolas por ordem do ministro da Educação e Investigação Científica, passaram-se tremendas injustiças, atropelos e abusos. Vejamos:

. Houve Escolas e Liceus que não puseram a concurso todos os horários que tinham. Com que fim?

. Houve Escolas e Liceus que atrasaram propositadamente todos os contactos com os candidatos para que, à data do encerramento do concurso, continuasse a haver horários livres, que iriam ser entregues, ainda que pelas Direcções-Gerais, àqueles «professores» que as Comissões Directivas queriam que entrassem, essencialmente indivíduos sem habilitação, com o curso complementar ou o curso geral, que lá haviam trabalhado o ano passado...

Mas o ministro tem insistido na defesa da qualidade e estabeleceu prioridades e escalões para o concurso, que alguns estabelecimentos de ensino não respeitaram, oque o MEIC não averiguou, ainda que bem alertado para esse facto. Era essa a sua obrigação. Qual foi a Escola ou Liceu onde acaso tenha tido um inspector do MEIC, como aliás o Decreto previa?

. E porque é que o MEIC dá inesperadamente o concurso por encerrado, no dia 15 de Dezembro, igualmente para todas as escolas do País, quando o concurso não foi iniciado em todas ao mesmo tempo? E aqui as escolas que procuraram honestamente fazer os contactos todos com pessoas devida e legalmente habilitadas, não os puderam acabar. E o que vai acontecer? Pessoas apenas com o Curso Complementar ou com o Curso Geral voltarão a leccionar aos nossos filhos matérias sobre as quais nada sabem (salvo as excepções da regra).

Admito que se possa pôr em causa que um bacharel ou um licenciado em Românicas, ou em Engenharia, ou em Direito, não é necessariamente mais apto para leccionar que alguém sem habilitações com mais experiência. Mas admito isto na mesma ordem de ideias que admito haver enfermeiros mais capazes que certos médicos, desenhadores mais aptos que alguns arquitectos, solicitadores melhores que determinados juízes. Entendamo-nos! Será possível continuar a admitir, mesmo por uma questão de garantia de trabalho, que um filho nosso, um jovem deste País que se pretende construir de novo, continue a ter como professor de Português, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Sociais, Filosofia, etc., um moço com o 5.º ano do Liceu ou Escola Técnica (ou do 6.º ou do 7.º), só porque leccionou o ano passado, e o licenciado em Germânicas ou Matemática, ou o Economista ou o engenheiro ficam de fora, só porque não leccionaram o ano passado ou só porque as escolas não tiveram tempo de o contactarem, deliberadamente ou não?

. Por onde vai a *qualidade*, de que o senhor ministro tanto tem falado? Há ou não há uma definição de competências?

E será de admitir casos autênticos de acumulações, oficiais do exército na reserva a serem colocados? As acumulações não foram proibidas?

. Não é um posto de trabalho que se está a tirar? O MEIC que averigue bem os processos que chegarem às Direcções-Gerais.

Ezequiel Santos
AMADORA

A "PENHORA"

VITOR BENTO

. Do livro **Memória histórica acerca da pérfida e traiçoeira amizade inglesa** citado por Armando de Castro em «A dominação inglesa em Portugal», sobre o Tratado de Methwen, de 1703: «...**não há exemplo de que qualquer governo a não ser o português fosse tão injusto e tivesse tão pouco a peito os interesses dos seus súbditos e que tão escandalosamente abussasse do poder para beneficiar e enriquecer a estranhos! Esta calamidade e opróbrio sem exemplo, estava guardada para os governos portugueses e os seus efeitos para a infeliz nação portuguesa, digna de melhor sorte!!!**

. ...«E, sobre o Tratado Comercial de Fevereiro de 1810, assinado, também com os ingleses, por D. João VI: **Não há exemplo, no mundo, de que nação alguma, por mais insignificante, passasse por semelhante baixeza, ou para melhor dizer, não consta que governo algum caísse na baixeza e absurdo de assinar um tratado tão injusto e vergonhoso e só para a Nação portuguesa estava reservada (como muitas outras) semelhante calamidade!...»**

. Os bastidores da política portuguesa, os almoços dos «grémios» e as antecâmaras do Poder, agitam-se, desde há um para dois meses, na curiosidade de conhecer as «condições« do «EMPRÉSTIMO» — a informação recolhida em «fonte segura»...

Não se trata de mais uma, na série de pedinchices a que os governantes nos obrigaram, desde o início do VI Governo. Como acontece com todas as pessoas que não sabem governar a sua vida, passámos nós, o País, a viver dos «favores» dos nossos fornecedores. Ainda por cima para consumir, para iludir as questões de fundo, para adiar uma ação que terá de ser feita, mais tarde ou mais cedo. Os milhões e milhões de dólares — já que a «Europa connosco» gravita à volta dos americano — baralham não só o cidadão comum (que disto da economia é no dia-a-dia que a sente, na praça, nas rendas, nos transportes, nas montras) mas até os mais conhecedores. Os valores exactos das nossas dívidas, apenas são do conhecimento de quem «bebe do fino».

É grande a confusão entre os empréstimos que estão ou não garantidos com o ouro, que são ou não renováveis e as vendas definitivas de ouro. O total da dívida externa é estimável em cerca de 1/3 do Produto Interno Bruto, o que é já um valor exagerado pelos padrões internacionais, seja 130 a 150 milhões de contos. O ouro existente, na maior parte cativo como garantia de empréstimos, poderia valer, aos preços do mercado livre, 40 ou 50 milhões de contos.

Na prática, as nossas reservas, verdadeiramente livres, foram-se: «O «EMPRÉSTIMO» de que agora se fala é o «grande». Diz-se que de 1,5 biliões de dólares (isto é, 45 a 50 milhões de contos). Será uma espécie de «Plano Marshall». Estará em linha os que foram pedidos pela Inglaterra e a Itália, para citar os casos mais conhecidos, já que outros países estão em situaçao dificil, apos a profunda crise que afecta o sistema capitalista, desde os finais de 1973.

Será, para nós, a «trela» definitiva que nos ligará ao bloco okidental, ao imperialismo americano.

Assim, se vai concluir um curto capítulo da história portuguesa, relativamente aos dois últimos anos, a que se poderia chamar: «DE COMO A IRRESPONSABILIDADE E ANTINACIONALISMO DOS DIRIGENTES POLÍTICOS SUBSTITUIU UMA EVENTUAL E SUJA INTERVENCÃO DE FORÇA, PERANTE A PASSIVIDADE (CONVENIENTE) DOS «REVOLUCIONÁRIOS».

Um empréstimo desta escala contém — como todos os empréstimos que alguém contrai na vida — várias exigências políticas. Têmo-lo visto em países mais poderosos do que o nosso, por exemplo, a Inglaterra, onde o frio e calculista raciocínio dos tecnocratas do Fundo Monetário Internacional endossa agora aos políticos locais a «batata quente» de apaziguar as consequências políticas das suas exigências.

As exigências possíveis — eventuais confusões da direita

É natural que, entre outras, sejam postas exigências do seguinte tipo: controlo da sua aplicação, por parte do credor, isto é, critério de prioridade para o lançamento de actividades produtivas e não para o consumo; eliminação ou redução substancial do défice das contas do Estado, terminando com subsídios que, de outro modo, obrigarão ao aumento dos impostos, afectando a actividade empresarial; garantias totais ao investimento estrangeiro público ou privado e liberalização da actividade económica de mercado; recuperação da capacidade de poupança nacional, através dos processos que venham a ser considerados convenientes; e, é quase certo, a desvalorização do escudo (esta uma das piores medidas, dada a anarquia dos nossos circuitos comerciais e a forte dependência das importações) o que vai afectar, sobretudo, as classes trabalhadores e desfavorecidas e aumentar o desemprego, obrigando a uma definitiva baixa do nível de vida da sociedade portuguesa.

Uma das razões para toda a excitação à volta do «Empréstimo» é evidente: americano, logo direita, logo vai permitir alguns «tachos» para a «rapaziada fixe». O PS terá de «abrir mão» de alguns lugares, nessa perspectiva. Este é um raciocínio essencialmente «pepedista» («Azores democratic style») já que o CDS tem perspectivas capitalistas mais «conservadoras» (leia-se: corporativistas).

Curiosamente, a propósito de um relatório da OCDE sobre a economia portuguesa, um matutino da direita, «embandeirou em arco» e escreveu em caixa alta: «É O CAPITAL E NAO O TRABALHO O FACTOR DE PRODUÇÃO QUE ESCASSEIA». Embora possa parecer estranho, estamos de acordo! É exactamente por faltar capital — dinheiro — que nao devíamos desperdiçá-lo com clientelas eleitorais, de mentalidade consumidora e pequeno-burguesa e com projectos magnificamente ruinosos como são os petroquímicos, Sines e a Central Nuclear. É exactamente por faltar «capital» — classe burguesa empreendedora que queira investir «sem rede» em meios de produção e novas técnicas — que tem de ser o Estado a assumir o papel-motor na economia (sobretudo através do meio veferencial: o crédito: Só assim o Trabalho — (trabalhadores por conta de outrem, pequenos agricultores, industriais e comercantes) — estarão protegidos da «trituração» por parte dos «graúdos». O Estado poderá ser um grande e eficiente «capitalista» disposto a um jogo correcto dentro do quadro constitucional, estabelecendo com o Trabalho, o «contrato social». Não com os actuais 300 sindicatos, mas com uma central sindical, que não seja

Continua na pág. 4

PAIS DE SANTUCHO RECEBIDOS PELO PAPA

. O jornal italiano «Il Giorno» noticiou e a IPS transmitiu que o Papa Paulo VI recebeu em audiência no passado dia 15, o casal Santucho, pais de Mário Roberto Santucho, «leader» guerrilheiro morto na Argentina pelas forças militares, no último mês de Julho.

Os pais de Santucho, que era secretário-geral do Partido Revolucionário dos Trabalhadores e comandante do Exército Revolucionário do Povo, braço armado do PRT, estão na Europa reclamando a liberdade e os direitos humanos de numerosos parentes presos ou «desparecidos» naquele país latino-americano.

Francisco Santucho, de 80 anos, e Manuela Juarez, de 65, tiveram dez filhos. Três foram assassinados pelas forças repressivas; quatro «desapareceram»; duas noras foram executadas; os demais filhos tiveram que fugir por razões mais do que óbvias. Hoje, para ver os netos, Francisco e Manuela devem fazer uma longa e penosa peregrinação pelas casas dos diversos amigos por onde as crianças estão espalhadas, em Buenos Aires. Há poucos dias, quando já estavam em Roma, foram informados da morte de mais um filho, Carlos, que havia sido sequestrado no passado dia 13 de Junho, por 30 homens armados e que até então era dado como «desaparecido». Director de uma metalúrgica, Carlos foi encontrado morto num subúrbio de Buenos Aires, junto de uma neta dos velhos Santucho, Maria do Valle, de 26 anos.

Mário Roberto Santucho

Paulo VI recebeu o casal, depois de Francisco e Manuela fazerem publicar num diário de Milão uma carta que lhe era dirigida. A certa altura, escreviam: «Depois da morte de Mário Roberto, a desolação abateu-se sobre as nossas vidas. Pedimos que nos receba e que nos conforte na nossa fé».

No artigo que noticia a entrevista, firmado por Giancarlo Zizola, este facto está ligado a uma atitude mais ampla de Paulo VI em relação ao que se passa na Argentina dos generais. Recorda o jornalista: «Ao receber o novo embaixador argentino, Ruben Blanco, no passado dia 27 de Setembro, Paulo VI havia manifestado a sua «consternação» perante os actos repressivos — que também atingiram a Igreja — os quais se sucedem em circunstâncias que exigem uma explicação adequada». Nesta ocasião, o embaixador Ruben Blanco tentou convencer o Papa de que a violência na Argentina era «alimentada ideologicamente pela pregação materialista do ódio». Prossegue «Il Giorno»: «Hoje, Paulo VI preferiu falar com um gesto: mandou reservar ao casal Santucho dois lugares na primeira fila da audiência geral. Trata-se da maior distinção, pois tal lugar é o que se segue imediatamente ao dos bispos, que se sentam à volta do trono papal».

Depois disso será, realmente, muito difícil para Jorge Rafael Videla, o general que tomou o Poder pela força a 24 de Março último, convencer o mundo que defende a «civilização ocidental e **cristã**». Videla também deverá gastar mais alguns milhões de dólares em publicidade e suborno a jornalistas subornáveis para melhorar a sua imagem no exterior tão denegrida por uma Imprensa acusada de «tendenciosa e comunista».

Será que depois de conceder ao casal Santucho um lugar de honra na audiência, Paulo VI também será chamado de mentiroso, irresponsável ou bandido subversivo?

Nacional

PUB.

FRENTE ELEITORAL

POVO UNIDO

CONVOCATÓRIA

Com o objectivo de efectuar o balanço dos resultados eleitorais e debater a eventual actividade futura, convocam-se todos os membros da Comissão Nacional da Frente Eleitoral Povo Unido para uma reunião a realizar no Instituto Superior Técnico no próximo **domingo, dia 26, pelas 16 horas.**

A COMISSÃO COORDENADORA
DA COMISSÃO NACIONAL
DA FRENTE ELEITORAL POVO UNIDO

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso público, pelo prazo de 20 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», para adjudicação da empreitada de «REALOJAMENTO DE 23 FAMÍLIAS NA AZINHAGA DOS BESOUROS — PONTINHA».

A base de licitação é de 9 870 724$70.

O processo da empreitada pode ser examinado todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, nos Serviços Técnicos de Obras do Município.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas, correspondente à 1.ª categoria ou da ... subcategoria da ... categoria e da classe que cubra o valor da proposta apresentada.

A caução provisória é de 246 769$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Comissão Administrativa na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Comissão Administrativa reune todas as quartas-feiras, pelas 10 horas no edifício dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho de Loures, 13 de Dezembro de 1976.

O Presidente da Comissão Administrativa
José Augusto Gouveia

ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO DE LISBOA

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 21-1.º
TELEFONES: 4 68 06 - 55 51 85 — LISBOA - 1

* ANO LECTIVO DE 1976/77 *

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E RECICLAGEM

* TURISMO *

JANEIRO

1.—Marketing 2.—Agências de Viagens
3.—Informação turística 4.—Ticketing

* HOTELARIA *

FEVEREIRO

1.—Mesa. 2.—Cozinha. 3.—Bar
4.—Economato 5.—Manutenção de máquinas de hotel

* LÍNGUAS *

1.—Inglês 2.—Francês. 3.—Alemão

NOTA: As inscrições encontram-se abertas na Secretaria da Escola.

A "PENHORA"

Continuação da pág. 3

histericamente atacada e sabotada, podendo sentar à mesa representantes legítimos dos trabalhadores; não com a CIP, enquanto apresentar apenas reclamações genéricas e recusar propostas concretas, mas com empresas que pretendam apoios para iniciativas válidas; não com a CAP (cuja falta de representatitivdade não incomodou ainda os partidos ditos «democráticos», pois por quem e quando foram eleitos os seus porta-vozes?) mas por representantes legítimos das associações de agricultores.

Ao contrário do que possa pensar a direita, a que nunca ofereceu a este País, senão estruturas débeis e repressão no interesse de uma minoria, o «Empréstimo» não exige que voltem os Champalimauds, os Melos, os Quinas e os latifundiários, mais a Pide, mais novas colónias, os condicionamentos industriais, etc. Vai sim obrigar a uma profunda mudança de estruturas económicas (que se aguentem **depois do «empréstimo»**) à eficiência, a uma relação de interesses opostos que passa, não pela repressão, mas pela solução negociada, por uma política de rendimentos e preços, pela manutenção das liberdades fundamentais, enfim por uma MUDANÇA REAL da sociedade portuguesa relativamente ao modelo de desenvolvimento anterior e que se tem teimado em manter nos últimos dois anos. Para o desastre, como era evidente!...

Estamos, pois, perante uma oportunidade que pode ainda ser de «esquerda» relativamente à situação actual. Com sacrifícios duros, mas para fazer finalmente uma opção, como nos recomendava o professor sueco E. Lundberg (ou, por outra, para confirmá-la, pois ela está feita). Assim se espera que o Presidente da República exija a conciliação entre as condições do «Empréstimo» e o quadro constitucional. Há que distinguir os mecanismos da política internacional dos da política interna, pois pelo que temos visto, os «políticos» estão dispostos a vender-nos, palmo a palmo, cabeça a cabeça, como um rebanho!

Esperamos que a discrição de atitudes e o estilo mostrado na deslocação ao Mondego — em contraste com o esbanjamento de comitivas que partem e chegam e a publicidade da Força Aérea, cujo objectivo ninguém entende — sejam sinal de que o general Eanes deseja assumir as responsabilidades do «cidadão consciente», a quem apela, apanhado na idade madura por esta particular situação histórica. Parece que, mais uma vez, dependemos de um homem! Se assim for, será significado do atraso da nossa sociedade, o qual, ao que parece, apenas uma minoria quer vencer... A CONSTITUIÇÃO EXIGE GOVERNAÇÃO PEDAGÓGICA E NÃO DEMAGÓGICA, FIRME E COERENTE E NÃO AUTORITÁRIA! Se, mais uma vez, falharmos, como em 1703, 1810, 1820, 1910 e..., então virá novamente a «bota alta». Mas até lá é preciso teimar na mudança.

A desistência talvez até arrastasse o desinteresse dos nossos «amigos», pois não se alicia quem já está debaixo da «pata».

E quanto ao socialismo? Bem, quanto ao socialismo, é talvez altura dos partidos iniciarem o esclarecimento da população sobre o seu significado e o que representa no comportamento das clases sociais. É uma longa jornada! Entretanto que voltas dará o mundo nos próximos 2 ou 3 anos, onde este «jardim« será sempre um protagonista menor? Menos, em vários sentidos...

Sociedade «ESTORIL»

LINHA DE CASCAIS

AVISO

Nos próximos dias 24 e 25 de Dezembro, sexta-feira e sábado, vigora o horário dos Domingos e Feriados.

PUB

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º-D — LISBOA-1
TELEFONES 4 17 51 - 53 55 47

CONVOCATÓRIA

A Direcção do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, convoca todas as **Parteiras sem Curso Base de Enfermagem**, para reunião a realizar dia 7/1/77, pelas 11 horas, na Sede deste Sindicato.

Lisboa, 21/12/76

PELA DIRECÇÃO

L.C.I. EM NOTA À IMPRENSA

"Nem o P.S. nem o P.C.P. podem representar a saída para uma vitória dos trabalhadores"

Para nós, nem o PS. que tenta aplicar a nível governamental formas de poupança forçada, que facilita nas suas leis os despedimentos, que ataca através da GNR os trabalhadores alentejanos, nem o PCP, mais preocupado em pressionar o Conselho da Revolução, o general Eanes e o próprio Governo, com moções e petições, do que opor-se firmemente às medidas de austeridade, podem representar a saída para uma vitória dos trabalhadores contra a vida cara, contra o desemprego, pelo avanço da Reforma Agrária e pela defesa das conquistas arduamente alcançadas» diz a LCI, numa nota distribuída à imprensa resumindo as conclusões duma Conferência do sector operário e sindical da organização, realizada em Lisboa no último fim-de-semana.

Nos trabalhos da conferência participou cerca de centena e meia de elementos da organização representantes do sector em inúmeros pontos do país.

Das conclusões, e segundo a citada nota, consta ainda esta posição do agrupamento trotsquista: «Só medidas que visem o reforço do controlo operário e não o ataque às comissões de trabalhadores, só medidas que combatam a vida cara, como um aumento imediato de 2000$00 para todos e a adequação permanente do salário ao aumento do custo de vida, só medidas que acabem com o desemprego, como a semana de trabalho de 40 horas e um plano de obras públicas que absorva os desempregados, só medidas que desenvolvam a organização sindical e não a ataquem, como fazem os ultimos decretos governamentais, podem ser o gárante de que as conquistas alcançadas não serão destruídas».

Necrologia

D. Alice da Conceição

..Da Igreja das Mercês para o cemitério da Ajuda, realizou-se hoje, pelas 10 e 30, o funeral da sr.ª D. Alice da Conceição, de 76 anos, natural de Tábua, viúva, mãe da nossa companheira de trabalho sr.ª D. Maria de Lourdes Pereira Martins, sogra do sr. José Joaquim Martins e avó da sr.ª D. Maria Fernanda Pereira Martins. Às 10 horas foi rezada missa de corpo presente.

À família enlutada, em especial à nossa companheira de trabalho, apresenta o «Diário de Lisboa» os seus sentidos pêsames.

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONVOCATÓRIA N.º 42/76

Nos termos do disposto nas alíneas c) e d) do Art.º 31 dos Estatutos do Sindicato convoco a Assembleia Geral do Organismo para uma reunião a realizar no próximo dia 28/12/76, pelas 21 horas, no Pavilhão do Clube Naval Setubalense, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — **Discussão e aprovação do aumento de quotização;**

2.º — **Discussão e votação sobre o Orçamento apresentado pela Direcção para o ano de 1977.**

Setúbal, 10 de Dezembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Domingos Baião Pires

NOTA: Estão a organizar-se transportes. Contacta os Delegados Sindicais ou o Sindicato.

Nacional

O secretário-geral do PCP foi extremamente crítico para o Governo na sua reunião com os jornalistas

CUNHAL ALERTA EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Perigos de nova ditadura e de grave crise de produção na zona da Reforma Agrária

Ao responder ontem, durante a conferência de Imprensa realizada no Centro Vitória, à questão sobre «a alternativa mais viável no actual momento para o Governo», Álvaro Cunhal acentuou querer «tornar claro que se o Partido Comunista não está disposto a participar nem directa, nem indirectamente em qualquer operação de direita reaccionária, tendo em vista a substituição do Governo P. S. por um Governo abertamente reaccionário, tão pouco servirá de suporte à política actual do Governo P. S.».

Referindo-se concretamente à política actual do Governo o secretário-geral do P. C. P. além de sublinhar que tal política «não corresponde aos interesses do nosso povo» considerou que «o seu prosseguimento pode conduzir, não só a uma mais grave situação na nossa economia, nas finanças nacionais, nos abastecimentos, mas que pode também comprometer o prosseguimento da própria democracia, pode conduzir a uma nova ditadura» e apelou à intervenção de «todos os democratas, todos os antifascistas, todos aqueles que não querem que se regresse ao passado fascista e que prossiga o caminho democrático iniciado no 25 de Abril», para uma «modificação na política actual e estudar seriamente qual a alternativa democrática que pode haver para o actual Governo».

ABRIR AS PORTAS AO FASCISMO

Álvaro Cunhal que estava acompanhado por Jorge Araújo, do Secretariado do C. C. do P. C. P., esclareceria depois, a solicitação de um jornalista, o sentido da sua afirmação de que a actual política «pode conduzir a uma nova ditadura».

Disse o dirigente comunista: «A actual política, porque contraria as leis tendenciais da economia portuguesa depois do 25 de Abril, por que fere os interesses vitais das classes trabalhadoras, porque procura liquidar as conquistas fundamentais da nossa Revolução, é acompanhada, como já se está a ver, pelo recurso, cada vez maior à utilização de métodos administrativos, à imposição pela força e mesmo de métodos repressivos e de restrições das liberdades. É uma política que conduz não à consolidação das liberdades, mas à sua restrição. Procurar aplicar uma política pela força contra a vontade do povo, não conduz à consolidação da democracia. Pelo contrário, abre as portas à direita reaccionária que quer reconduzir Portugal ao passado fascista».

OLHAR OS AÇORES E DEIXAR EM PAZ O ALENTEJO

A propósito de uma pergunta sobre problemas relacionados com a Reforma Agrária, e depois de ter salientado que são os trabalhadores que exigem o escrupuloso cumprimento da Lei e o respeito da legalidade democrática, o responsável do PCP afirmou: «a utilização de grandes forças militarizadas e de medidas administrativas mostra bem que é uma política sem apoio do povo, contra o povo. O povo alentejano e ribatejano está com a Reforma Agrária. Diz-se que a autoridade do Estado está em causa no Alentejo. No Alentejo existe uma situação democrática, existem as liberdades. Seria melhor olhar noutras direcções. Onde a autoridade do Estado é contestada é nos Açores, é no distrito de Bragança, é em numerosos concelhos do nossó país. Sem dúvida que haveria mais vantagens em tomar medidas para essas regiões e não para o Alentejo democrático, progressista, que realizou a Reforma Agrária».

Entretanto, antes do período de perguntas e respostas foi distribuído aos jornalistas um documento intitulado *O P. C. P. e o momento político actual*, aprovado durante a reunião plenária do Comité Central nos passados dias 19 e 20, na qual foram examinadas a situação política, os resultados das eleições para as autarquias, os problemas levantados pela ofensiva contra a Reforma Agrária, a situação social, o agravamento das condições de vida dos trabalhadores e a organização do trabalho de direcção do Partido.

Nesse documento, e ainda sobre a Reforma Agrária, dá-se conta que «pelo que se conhece o «Plano» que o Ministério da Agricultura pretende levar a cabo no Alentejo não é um plano de consolidação e prosseguimento da Reforma Agrária, mas um plano de liquidação efectiva da Reforma Agrária». São apontadas violações à Lei com o direito de reserva (o rendeiro Philimore, do Monte da Ribeira, com 80 000 pontos tem outras terras na Vidigueira e comprou mais quatro propriedades recentemente); entrega de terras a sabotadores; infracção da regra da viabilidade das cooperativas e unidades colectivas na aplicação da reserva; desrespeito do princípio de preferência no arrendamento que a Lei concede às cooperativas e U. C. P.'s e apoio a pequenos grupos contra vontade das maiorias, etc.

O documento frisa que esta ofensiva do ministro Barreto «está provocando enormes prejuízos aos trabalhos agrícolas e a não ser rapidamente sustida terá como resultado a diminuição da produção agrícola no próximo ano», aponta a não entrega de sementes e adubos requisitados (em Beja em 14 U. C. P. falta entregar 550 quilos de semente e 1 400 toneladas de adubos) e declara que tal política «pode conduzir a uma queda vertical da produção agrícola, diminuindo os recursos nacionais e obrigando a maiores importações quando a poupança das reservas é uma questão de interesse vital».

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Salienta-se ainda a degradação constante das condições de vida dos trabalhadores (com o aumento do custo de vida a uma taxa elevada) o congelamento da contratação há mais de um ano, despedimentos sem justa causa de dirigentes sindicais e membros de C. T.'s, ataque às empresas intervencionadas ou sob gestão dos trabalhadores, e sublinha-se a importância do Congresso dos Sindicatos em Janeiro próximo: «a unidade sindical parte integrante da unidade da classe operária é fundamental para o êxito das lutas dos trabalhadores».

Sobre os resultados das eleições considera-se nomeadamente que «constituiram uma pesada derrota para a reacção, traduziram o profundo descontentamento popular pela política do Governo PS e mostraram o reforço das posições e influência do P. C. P. e dos seus aliados mais próximos».

Interrogado sobre qual a posição do P. C. P. na Assembleia da República na discussão do Orçamento e do Plano, «tendo em conta que a sua não passagem pode significar um voto de desconfiança ao Governo», Alvaro Cunhal afirmou: «as leis do Orçamento e Plano não correspondem às exigências da situação económica e financeira nacional. Portanto, as leis tal como estão elaboradas, não são suficientemente explícitas e não nos dão satisfação. Faremos uma série de propostas, veremos como são aceites e decidiremos em conformidade».

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Coimbra em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República» o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 741, arquivo 4, pará o estabelecimento nas freguesias de Botão, Souselas e Torre, concelho de Coimbra, de modificação da linha aérea a 60 kV PORTO-COIMBRA, entre os apoios n.os 594 e 610, com aumento de comprimento de 537,410.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Novembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

EL INTERNATIONAL
RUA A. PEREIRA CARRILHO, 30
LISBOA-1

DE 2 A 11 DE JANEIRO
ESTAMOS FECHADOS

Fazemos «balanço»
mas no dia 12
já o podemos receber

VENHA VISITAR-NOS

PUB.

E P A L

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTO DE CLORAGEM DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE SACAVÉM

Faz-se público que o concurso em referência, primitivamente marcado para as 15 horas do dia 28 de Dezembro de 1976, foi adiado para o próximo dia 27 de Janeiro de 1977 às 15 horas devendo a entrega das propostas ser feita até às 17 horas do dia 26 de Janeiro de 1977.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1976.

Pel A EMPRESA PUBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização

João Bau

Nacional

ANÚNCIO

GREEN WINDOWS a internacionalização

S. FRANCISCO, 22. — Um telefonema da capital da Califórnia para o 2434134, na vila de Oeiras, nos arredores de Lisboa, fechou um valioso contrato que Michael Stanz, empresário americano, negociou durante semanas com Rui Dias, produtor dos Green Windows. O grupo português, intérprete de grandes êxitos no seu país e com versões editadas na Europa, recentemente remodelado, deverá estrear na Califórnia em meados de Abril, devendo participar em dois «shows» de renome na Televisão americana, e numa actuação ao vivo no Lincoln Center. — (R.P.)

BOAS FESTAS

A Gerência da Churrasqueira do Campo Grande deseja aos seus estimados clientes e Ex.mos Familiares as maiores venturas, informando que o seu restaurante se encontra encerrado nos dias 24, 25 e 1/1/77.

AINDA O NEVOEIRO

Aeroporto da Portela praticamente fechado

O aeroporto da Portela continuava esta manhã praticamente encerrado ao tráfego aéreo, devido ao intenso nevoeiro que pairava sobre Lisboa, particularmente na área do aeroporto. O primeiro avião a tentar aterrar na Portela, procedente do Rio de Janeiro, foi desviado para Pedras Rubras, o que já ontem acontecera em relação a muitas outras carreiras. Para Faro, e pelas mesmas razões, além do avião em que viajava, ontem, o Primeiro-Ministro, seguiram outros aviões da TAP vindos de Las Palmas, Ponta Delgada, Milão e Bissau, bem como as carreiras da Varig e da Luftansa procedentes do Rio de Janeiro e de Francoforte respectivamente.

Na expectativa de uma aberta do nevoeiro, como ontem sucedeu permitindo que, cerca das 15 horas, algumas aeronaves «furassem» as dificuldades de aterragem (designadamente dois voos da TSP procedentes de Paris e do Porto, um da Deta, um da SAS (companhia nórdica) e outro da Swissair, vindo de Zurique) eram vários os aviões que esta manhã sobrevoavam Lisboa, por não poderem aterrar e preferirem a Portela a desviar a sua rota para o Porto, Faro ou Madrid.

A melhoria do tempo ao fim da noite viria a permitir que os voos desviados para Pedras Rubras, Faro e Madrid pudessem então regressar a Lisboa, quando uma chuva miudinha «rendeu» o intenso nevoeiro que durante quase todo o dia caiu sobre a capital, facto que poderá repetir-se hoje.

Quatro mortos em acidentes

Quatro pessoas morreram esta madrugadas em Lisboa, três das quais por acidentes de viação, e outra trucidada por um comboio na estação de Santos.

As vítimas mortais são António Joaquim Domingos, 62 anos (choque de automóveis no Lavradio); um indivíduo de identidade desconhecida, que aparenta 60 anos (acidente em Santos); António Martins Horta, 50 anos (desastre na Avenida da Liberdade) e a pequenita Sónia Isabel, de um mês. O bebé faleceu após o choque do automóvel em que seguiam os pais, Manuel Agostinho Pereira Cidade, de 28 anos, e Lisete Santos, de 26, que se encontram ambos em estado grave.

Outro ferido, em estado grave: Amândio Pereira da Costa, de 38 anos, agredido com um tiro de caçadeira em Peniche.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Comunicado 77/76

SE O DESPACHO DO MINISTRO DAS FINANÇAS DE 10/12/76 PASSAR, O QUE ACONTECERÁ COM A REVISÃO DO C.C.T.?

CAMARADAS:

Sem que nada o fizesse esperar e com o mais completo desprezo pelos Sindicatos, pela Portaria do Ministério do Trabalho de 15/3/76 e pelo próprio despacho do secretário de Estado do Tesouro de 26/10/76, determinou o ministro das Finanças por despacho de 10 do corrente que «as instituições de crédito que tenham, de qualquer modo, procedido à aplicação do citado capítulo IX do Nivelamento, ficam, em consequência, habilitadas a repor as retribuições nos montantes em que se encontravam em 30/9/75, devendo, a partir desta data, ser feitos os ajustamentos necessários».

Não podem os sindicatos admitir tal atitude que a tornar-se prática por estes aceite, seria atentatória dos princípios que enformam a regulamentação das condições laborais, que pressupondo sempre o acordo de ambas as partes apenas admitem a intervenção administrativa quando aquele não exista, o que não aconteceu até agora porque os sindicatos nem sequer consultados foram.

Sempre por nós foi admitido que o «Nivelamento» continha alguns erros que dificultaram a sua aplicação, mas também sempre afirmámos que esses erros deveriam ser corrigidos na revisão do C. C. T., cuja proposta se encontra em poder do Ministro das Finanças desde 30/11/76.

Por estas razões quando em 26/10/76, o secretário de Estado do Tesouro, despachava que:

> «Os conselho de administração e de gestão dos institutos de crédito do Estado e das restantes instituições do sistema bancário nacionalizado não poderão considerar quaisquer reivindicações dos seus trabalhadores que, implicando alterações ao contrato colectivo de trabalho e seus anexos (Protocolo e Nivelamento) não sejam veiculadas através dos respectivos sindicatos de acordo com o mecanismo legal e contratualmente estatuído para a contratação colectiva do sector bancário»;os sindicatos manifestaram o seu acordo nesta matéria, pois entendiam que a sede própria para resolver estas questões era o C.C.T., e já que entendiam que era na revisão do contrato, não se ficaram pela mera enunciação deste princípio e incluíram na proposta de revisão as cláusulas 210.º e 211.º, que se transcrevem:

CLÁUSULA 210.º

SITUAÇÃO DECORRENTE DA RETRIBUIÇÃO MÁXIMA MENSAL

1. A retribuição daqueles trabalhadores cujo valor, à data da entrada em vigor deste contrato, seja superior a 37 500$00, baixará para este nível, independentemente da função ou cargo que exerçam.
2. Sem prejuízo do disposto no número anterior, todos os trabalhadores que por força da aplicação do «Nivelamento» viram diminuídas as suas restrições, retomam-nas, até ao limite de 37 500$00, sem direito a pagamento de retroactivos.

CLÁUSULA 211.º

PROMOÇÕES RESULTANTES DO NIVELAMENTO

As promoções efectuadas ao abrigo do Nivelamento, por força do exercício de funções nele previstas, não serão consideradas para efeito da reclassificação neste contrato, a qual deverá processar-se de acordo com a classe em que os trabalhadores estavam colocados anteriormente, salvo se, pela sua antiguidade reunirem já os requisitos da promoção automática.

Atitude correcta do ministro seria pois fazer discutir estes problemas e procurar resolução para eles aquando das negociações de todo o contrato. Assim não aconteceu e os sindicatos interrogam-se se não se estará perante uma tentativa de logo à partida inquinar as negociações do C. C. T. Quem exige o cumprimento da Lei — no que aliás estamos de acordo — tem de começar por dar o exemplo e o Ministério das Finanças assim não procedeu ao pretender revogar com um despacho uma portaria do Ministério de Trabalho.

No sentido de procurar uma solução para este problema solicitámos uma entrevista ao ministro das Finanças, a qual ainda não foi confirmada.

Entretanto apelamos a todos os trabalhadores e comissões de delegados para se aporem à execução do despacho de 10 de Dezembro de 1976, elaborado sem qualquer discussão com os representantes de todos os trabalhadores bancários.

Lisboa, 21/12/76

A Direcção do Sindicato dos Bancários do Centro
A Direcção do Sindicato dos Bancários do Norte
A Direcção do Sindicato dos Bancários Sul e Ilhas

PEL' A DIRECÇÃO

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

SECRETARIA DE ESTADO DOS RETORNADOS

INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS

IARN

AVISO

Dada a aglomeração de autorizações de pagamento prontas a ser liquidadas na Tesouraria do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, no Palácio Sotto Mayor, Avenida Fontes Pereira de Melo, com entrada pela R. Martens Ferrão (frente ao cinema Mundial), este Instituto agradece aos Senhores fornecedores, em geral, bem como às Unidades Hoteleiras e Similares, com Créditos em atraso, que se apresentem urgentemente naquela Tesouraria a fim de, mediante o competente recibo, lhes sejam entregues os respectivos cheques para liquidação.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1976.

O DIRECTOR

AVISO

O Departamento de Contabilidade e Finanças do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais leva ao conhecimento dos seus fornecedores em Geral, Unidades Hoteleiras e Similares possuidoras de Termos de Responsabilidade para alojamento e alimentação de refugiados do Ultramar, que deverão apresentar todas as indispensáveis facturas devidamente documentadas, referentes ao corrente ano de 1976, impreterivelmente até 10 de Janeiro de 1977.

O I.A.R.N. não se responsabilizará pelo eventual atraso na liquidação de contas, relativas a 1976, apresentadas após aquela data.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1976.

O DIRECTOR

boas festas

OLIVEIRA & RODRIGUEZ, LDA.

OURIVES - JOALHEIROS

PRAÇA DA FIGUEIRA, 6, 3.º - D

Cumprimentam e fazem votos de um NATAL FELIZ e NOVO ANO muito próspero a todos os seus Clientes e Amigos.

GINGINHA

de J. MANUEL LOURENÇO CIMA (Herdeiros)

Aguardentes, Vinhos e Licores

Rua das Portas de Santo Antão, 7

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

MAIÚSCULA

Comércio de Móveis e Decorações, Lda.

Cumprimenta os seus estimados Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes

FELIZ NATAL

PRAÇA PAIVA COUCEIRO, 1 — Telef. 84 68 39

LISBOA

ZACARIAS C. FRANCO

GRAVADOR

CARIMBOS—GRAVURAS

6, Rua da Vitória, 6

(Junto à Rua dos Fanqueiros)

Telefone 360956

LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas - Festas e Feliz Ano Novo.

CICLO AREEIRO

MOTORIZADAS **PERFECTA** — BICICLETAS **VILAR**

Desejam à todos os seus estimados Clientes e Amigos um FELIZ NATAL e MUITO PRÓSPERO ANO NOVO.

A GERÊNCIA

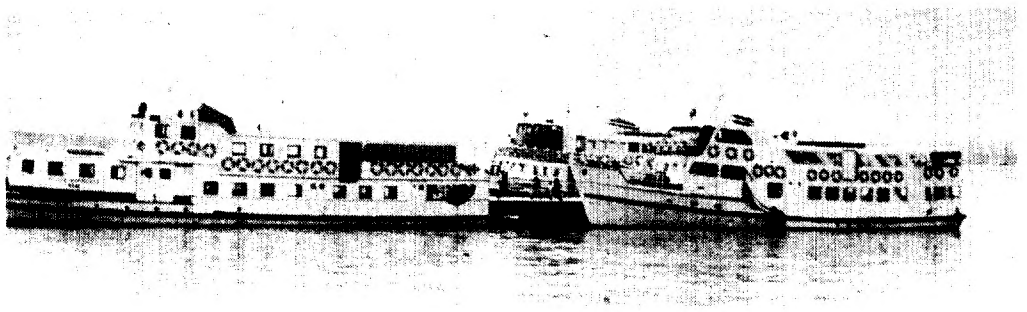
ADÃO, CAMISEIROS

ADÃO JUVENIL

RUA AUGUSTA, 240 — 36 61 18 P P C

Aos Ex.mos Clientes desejam FESTAS FELIZES

Nacional



Dos quarenta «cacilheiros» em actividade apenas quatro estão munidos com radar. Os outros, com todos os inconvenientes daí resultantes, obrigam milhares de passageiros, em dias de temporal ou nevoeiro, a recorrer aos autocarros que se dirigem para a Praça de Espanha e Alcântara

UTENTES DOS CACILHEIROS AO "DL"

"Viajamos como sardinhas enlatadas"

TEXTO DE MANUEL GERALDO

«Viajamos como sardinhas enlatadas». A expressão reflecte o consenso da maioria dos utentes dos chamados «cacilheiros» que o «DL» contactou, na sequência das recentes afirmações do titular da pasta dos Transportes e Comunicações, eng. Rui Vilar, que referiam a hipótese de, a breve trecho, as ligações fluviais entre o Sul e Lisboa serem apetrechadas com vinte e duas novas unidades, capazes de transformar a travessia diária do Tejo numa viajem rápida e segura e não no constante pesadelo que presentemente representa.

Mas das palavras de Rui Vilar à realidade vai ainda uma longa distância, já que, de acordo com os elementos que conseguimos apurar, neste momento ainda nem sequer o projecto da construção dos novos barcos foi aprovado. E só com esta primeira fase realizada, se tornará possível fazer a prospecção aos estaleiros nacionais sobre a viabilidade de neles se poder vir a efectuar a sua construção.

«O assunto está a ser tratado, embora não de uma forma tão rápida quanto as circunstâncias o exigiriam, e neste momento o Ministério dos Transportes já recebeu o esboço dos primeiros estudos sobre a matéria tão complexa, porquanto envolve movimentação de largas somas e a utilização de técnicas bastante avançadas, para além da necessidade da importação de matérias que não existem no nosso mercado», explicou à nossa reportagem um informador da Transtejo, empresa concessionária das principais carreiras a serem reforçadas com as unidades anunciadas.

ATÉ QUE A TRAGÉDIA ACONTEÇA

«A forma como viajávamos já era perigosa e incómoda, mas com o aumento do número de passageiros, sobretudo resultante do grande número de retornados das ex-colónias que vieram residir para o concelho de Almada, tornou-se um verdadeiro suplício», referiu-nos o mecânico José Alenquer, de 54 anos, que há cerca de vinte anos faz quase diariamente o trajecto Cacilhas-Lisboa e retorno.

«Nos dias de temporal é então um pesadelo dobrado, com a água a entrar por todos os lados, já que muitos dos barcos têm parte da sua cobertura de lona. Para quem tem de trazer crianças, a viagem, embora não dure mais do que vinte minutos, é um martírio indescritível. Se um dia acontecer algum desastre, vai ser uma autêntica tragédia», desabafou Maria Jesuína das Neves, de 27 anos, que trazia ao colo um bebé de meses.

Para demonstrarmos o aumento verificado no número de utentes deste trajecto, poderemos apontar que em 1975 foram transportados 38 milhões de passageiros, em relação aos 28 milhões de 1965 e aos 21 milhões de 1960. Apenas em 1967, com a abertura da Ponte 25 de Abril, e em 1971/72, aumento das tarifas e diminuição da população, não se verificou um acréscimo no tráfego de passageiros entre as duas margens. De salientar, entretanto, que em 1972 foram transportados, via ponte, 17 milhões de pessoas.

«Nos dias em que faz temporal muitos dos barcos não podem andar no rio, e lá temos de ir em camionetas até à Praça de Espanha ou Alcântara, com todos os atrasos e inconvenientes que esse facto implica», frisou-nos o empregado bancário, José de Matos, residente no Laranjeiro.

Na realidade, dos barcos existentes em actividade, sete prestam serviço há mais de 35 anos, e apenas quatro estão equipados com radar, o que obriga às apontadas interrupções de serviço, em dias em que para além do vento e da chuva, também o nevoeiro faz a sua inoportuna aparição.

TAPAR «BURACOS» COM MATERIAL EM SEGUNDA MÃO

«De momento existe uma proposta de recuperação de seis unidades em actividade, envolvendo uma verba da ordem dos catorze mil contos. Paralelamente desenvolvemos contactos com a Torralta e com diversas embaixadas, tendo em vista o aluguer ou compra de alguns barcos», apontou-nos ainda o informador da Transtejo, que acrescentou serem os projectos para a construção dos novos vinte e dois barcos, da autoria de um engenheiro naval português. A sua lotação será para quatrocentos, e oitocentos passageiros, respectivamente.

Com a sua entrada ao serviço inicialmente prevista para os princípios de 1980 as novas unidades só muito dificilmente poderão vir a estar concluídas nessa data. O que irá fazer com que, pelo menos nos próximos quatro anos, (se entretanto outra solução mais rápida não for encontrada pelas entidades responsáveis), cerca de dez mil passageiros que, em média, atingem por hora em cada dia o Terreiro do Paço, para além dos que aportam a Belém ou ao Cais do Sodré, terão de continuar as suas viagens fluviais como vulgares «sardinhas enlatadas».

A fixação de elevado número de retornados das ex-colónias na Outra Banda veio agravar ainda mais o problema das ligações fluviais entre o Sul e Lisboa

PUBLICIDADE

REUNIÃO GERAL DE SINDICATOS
(aberta a todos os sindicatos)
CONVOCATÓRIA

Convocam-se todas as associações sindicais para uma reunião geral de sindicatos a realizar no dia 28 de Dezembro de 1976, pelas 15 h., no salão nobre do Instituto Superior Técnico (Rua Rovisco Pais) em Lisboa, com a seguinte
Pais) em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 Lei dos despedimentos (Dec.-Lei 841-C/76): lei das quotizações sindicais (Dec.-Lei 841-B/76), portaria de regulamentação de trabalho para os trabalhadores ao serviço das associações sindicais.
2 Designação dos representantes do movimento sindical nos seguintes organismos:
A) Comissão Administrativa das Comissões de Conciliação e Julgamento.
B) Assembleia da RTP.
C) Assembleia da RDP.
D) Conselho Nacional de Rendimentos e Preços.
E) Conselho Nacional do Plano.
3 Apreciação e deliberação sobre a comissão administrativa do Inatel.

Lisboa, 20/12/76

O Secretariado da Intersindical Nacional

Subscrevem igualmente esta convocatória as seguintes federações: dos Ferroviários, Ind. Hoteleira do Sul, Metalurgicos, Rodoviários, Lanifícios e Vestuário, Construção Civil, Sindicatos do Mar, Ind. de Celulose, Ind. de Cerâmica, Comércio.

PUBLICIDADE

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS
CONVOCATÓRIA

CONVOCAM-SE TODAS AS ASSOCIAÇÕESSINDICAISPARAUMAREUNIÃO GERAL DE SINDICATOS A REALIZAR NO DIA 28 DE DEZEMBRO DE 1976, PELAS 10H00, NO SALÃO NOBRE DO INSTITUTOSUPERIORTÉCNICO(RUAROVISCO PAIS) EM LISBOA, COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS

ORDEM DE TRABALHOS

1) Apreciação e deliberação sobre a proposta da CNOC relativa à participação no congresso dos sindicatos paralelos.
2) Apreciação e deliberação sobre a proposta da CNOC, relativa aos órgãos de comunicação social que não poderão estar presentes no congresso.
3) Outras decisões decorrentes da aplicação do regulamento do congresso.

Lisboa, 20/12/76

A COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA DO CONGRESSO

Nacional

Eleições para as autarquias

Vantagem da esquerda em Coimbra

A nota mais saliente dos resultados das eleições para as autarquias locais no distrito de Coimbra é o elevado número de abstenções que aí se verificou. Efectivamente, dos 307.995 eleitores inscritos, somente 172.188 foram com os votos às urnas no passado dia 12. *A abstenção eleva-se a* uma percentagem de 44 por cento, consideravelmente superior à média nacional. Conselhos de distrito houve onde as abstenções ultrapassaram os 50 por cento: casos de Arganil, Góis, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho. Como na maior parte dos distritos do Continente, o PS foi o partido que maior número de votos recolheu: um total de 67.117.

O segundo partido mais votado foi o PSD. O terceiro, o CDS. O quarto, a FEPU. As restantes organizações concorrentes em alguns concelhos (PPM, MRPP, GDUP's e LCI) tiveram uma expressão eleitoral muito pouco significativa, ou significativa apenas da pouca implantação na base social. Apenas os GDUP's recolheram 1382 votos no concelho de Coimbra. Mas no concelho de Coimbra votaram quase 59 mil eleitores e estavam inscritos mais de 96 mil.

Outra nota de assinalável interesse é o facto de o PS ter ganho, num concelho, em todas as freguesias. Foi na Figueira da Foz, não temos à mão dados que nos permitam assegurá-la, mas, se não foi caso único, foi caso raro.

Um relance pelos mandatos (lugares distribuídos pelas câmaras municipais) mostra-nos que o PS obteve 46: mais cinco que o PPD, que ganhou 41. O CDS ficou com 13, e a FEPU com 2, apenas. Um mandato da FEPU foi ganho em Coimbra, outro na Figueira da Foz, que parece ser o concelho do distrito que mais votou à esquerda (relativamente, é claro, e como iremos ver).

O PS foi o partido mais votado em 9 concelhos; Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Góis, Lousã, Montemor-o-Velho, Pampilhosa da Serra, Penacova e Soure. O distrito tem 17 concelhos. Nos oito restantes (Arganil, Mira, Cantanhede, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Penela, Poiares e Tábua, ganhou o PPD. De notar, no entanto que o PS não concorreu em Tábua, o que é de estranhar. De notar ainda, em relação às eleições para a Assembleia Legislativa, que houve alterações entre o PS e o PSD no que respeita a maior votação, em cinco concelhos; o PS deixou de ser o partido mais votado em Arganil, Miranda do Corvo, e Poiares, em favor do PSD; este, por sua vez, deixou-se ultrapassar em votação pelo PS nos concelhos de Penacova e Pampilhosa da Serra. Todavia, as diferenças tanto de partido para partido como das eleições de Abril para as mais recentes, são muito escassas e andam à volta de uma centena, duas centenas de votos.

Nota que se torna indispensável sublinhar é a modesta votação do CDS. O Partido do Centro não apenas obteve poucos votos (pouco mais de 23 mil, para um total de cerca de 172 mil, o que dá uma percentagem de 12-13, aproximadamente), como não ganhou em concelho nenhum, dispondo apenas de 13 mandatos. Mais: ao nível de freguesia, os resultados do CDS também não são muito animadores. Apenas em sete freguesias, foi o partido mais votado: Azere e Póvoa de Midões (Góis), Sazes de Lovão (Penacova), S. João do Campo, (Coimbra), Dornelas do Zêzere (Pampilhosa da Serra), S. Gião (Oliveira do Hospital), e Cadafaz (Góis).

Tanto a FEPU como as restantes organizações concorrentes não lograram maioria de votos em qualquer freguesia. Em freguesias, no entanto, há a assinalar a vitória de listas independentes: Vinha da Rainha (Soure), Fajão (Pampilhosa da Serra), Pereira do Campo (Miranda do Corvo), maiorca (Figueira da Foz), Cerdeira (Arganil) e Maiorca (Figueira da Foz). Um parêntesis para ressalvar qualitativamente a afirmação atrás feita de que o PS tinha ganho em todas as freguesias do concelho da Figueira. Na verdade, não ganhou, mas, onde não ganhou, também a vitória não foi para qualquer outra organização política concorrente.

Falando de Coimbra, concelho. Aí o PS venceu em 23 das 31 freguesias. O PSD foi o mais votado em quatro, o CDS em uma, como atrás se referiu e, nas restantes três ganharam listas independentes. De notar que uma lista independente foi a mais votada numa freguesia da cidade (Almedina) e que as freguesias onde o PS não ficou em primeiro lugar são todas fora da zona urbana.

Um pouco por alto, sem excessivo rigor, pode-se dizer, esquecendo a imprecisão dos *slogans* correntes, que o distrito de Coimbra que votou, fê-lo à esquerda. Os mandatos podem iludir-nos, mas, os números, não. Com efeito, se é certo que PSD e CDS, por exemplo, tiveram conjuntamente 54 lugares nas câmaras, enquanto o PS teve 46 e a FEPU não mais do que 2, não é menos certo que isso resulta de factores imponderáveis e não exprime fielmente o sentido global da votação que em todo o distrito se registou. Se não, é remontarmos aos números. Somada a votação do PSD com o CDS, são, de facto 75.684 votos. O PS teve 67.117. Mas se à votação do PS somarmos a da FEPU (17.134), o total é de 84.251. Pouco ou muito, a diferença aproxima-se dos 10 mil. E nestas contas curiosas não entram, porque não valeria a pena entrarem, de poucos que foram, os votos ganhos ou perdidos pelas listas de independentes e perdidos ou ganhos pelas pequenas organizações políticas à esquerda do PS e do PC.

Quando um comunista é absolvido

No passado dia 20, efectuou-se, no Tribunal de Beja, presidido pelo juiz substituto Honório Raposo, o julgamento do militante do Partido Comunista Português António Barão, acusado de ter ofendido a GNR quando, referindo-se às detenções dos sindicalistas e trabalhadores agrícolas (Luzia, Godinho, etc.), comparou essa actuação com a da antiga PIDE/DGS.

Ficou provado que António Barão não quisera ofender a GNR, e que unicamente tivera um desabafo relativamente ao sucedido. É bom de ver, aliás, que o facto dos sindicalistas e trabalhadores terem sido trazidos para Lisboa, e não entregues ao juízo da comarca em que se verificara o incidente, levou muitas pessoas à associação de ideias que ocorrera ao militante do PCP.

António Barão saiu absolvido, até porque o delegado do Ministério Público, dr. Manuel Vargas Madeira, traçou um pano de fundo político-social no qual se deveria situar o problema. Aludiu à luta de classes no Alentejo. Fez, de certo modo, a defesa dos agentes da GNR, que «provêm, na sua maioria, das classes trabalhadoras». Mas não poupou aquilo a que chamou «a oficialidade» da guarda, que classificou, na generalidade, de «estudandes universitários falhados».

Pois bem... De acordo com uma nota do Ministério da Justiça, o dr. Manuel Vargas Madeira foi já suspenso das funções de delegado do procurador da República.

Transcrevemos, na íntegra, a nota do MJ:

«Tendo chegado ao conhecimento do Ministério da Justiça e da Procuradoria Geral da República referências a factos ocorridos no decurso de um julgamento no Tribunal Judicial de Beja que, a serem verdadeiros, constituem infracção disciplinar e eventualmente ilícito criminal, o procurador-geral da República ordenou de imediato qque se proceda a inquérito para apuramento dos mesmos factos, do resultado se extraindo as legais consequências.

«Do resultado do inquérito será dado conhecimento ao Conselho Superior Judiciário para os efeitos que tiver por convenientes.

«Esclarece-se que o dr. José Inácio Raposo Junior, que terá presidido ao referido julgamento, não é o juiz titular da comarca, mas o conservador do Registo Civil, substituto legal do mesmo juiz.

«Também o dr. Manuel Jacinto Vargas Madeira, que terá intervindo como magistrado do Ministério Público no mesmo julgamento, não é o delegado do procurador da República, mas notário da referida comarca e substituto legal daquele. No despacho em que ordenou o mencionado inquérito, o procurador geral da República suspendeu o notário dr. Manuel Jacinto Vargas Madeira das funções de substituto do delegado do procurador da República».

Verdadeiramente lamentável a tomada de posição assumida nesta nota. Até porque o dr. Vargas Madeira emitira no citado julgamento um juízo crítico quanto à GNR no Alentejo relativamente à Reforma Agrária. Palavras suas: «A Guarda Nacional Republicana no Alentejo está posta em causa, assim como a Reforma Agrária o está. É necessário uma clarificação» — e defendeu, seguidamente, «a liberdade de crítica». Esta suspensão, agora verificada, origina uma outra associação de ideias: trata-se (pensarão muitos democratas) de uma manobra de intimidação. De futuro, quando um comunista se sentar, inocente, no banco dos réus, terá, certamente, de ser condenado... É que, se não, lá vem a suspensão. Onde está, então, essa tão apregoada liberdade...? E quem é que esquece a Constituição...?

PEDRO ALVIM

Nacional

JULGAMENTO DO HOMICIDA DE DIAS COELHO

Sentença é lida a 5 de Janeiro

Com a leitura das alegações e a marcação pelo tribunal da próxima sessão, última, para o próximo dia cinco de Janeiro em que será lida a sentença, terminou ontem, às 23 horas, a oitava sessão do julgamento do «pide» que matou Dias Coelho: uma autêntica maratona de nove horas com dois intervalos. Nas alegações demoradas, o defensor oficioso (de ofício) do réu, dr. Carlos Quental, pediu a absolvição do «pide» Domingues. Ou seja: que o Tribunal o «condene» apenas por homicídio involuntário.

O advogado e assistente da parte queixosa, dr. Luso Soares, pediu que o réu seja condenado por crime de homicídio voluntário na pessoa de Dias Coelho, levadas em consideração as quatro agravantes que sobre o crime da Rua da Creche impendem e reconhecidas como destituídas de fundamento qualquer uma das atenuantes.

Quanto ao promotor de Justiça, coronel Silva Ferreira, responsável pela acusação, pediu que sejam aplicadas as penas previstas na lei considerando que o réu «pide» Domingues cometeu crime de homicídio voluntário na pessoa do escultor comunista Dias Coelho.

Meirim, que ocupou mais tempo Tribunal que qualquer das outras testemunhas, e testestemunhas houve decisivas durante o julgamento que não Meirim , foi interrogado ontem pelo advogado oficioso (de ofício). Carlos Quental mostrou-se particularmente agressivo com o treinador de futebol, insistiu nos longos requerimentos e como que se esqueceu que quem estava a ser julgado não era a testemunha Meirim mas o réu «pide» António Domingues. «Ameaçou» com processos anteriores de Meirim a quem tenta amesquinhar. Textualmente: «Tenho aqui os processos mas é melhor nem falar nisso». O advogado do réu procura o golpe pouco ortodoxo, a pergunta capciosa para apanhar o distraído.

Pergunta a Meirim se se recorda da cor do sobretudo de Dias Coelho. A vítima usava na altura gabardina. Já estava provado. Já fora confirmado. Tenta fazer uma ligação «colaboracionista» ao «pide» José Gonçalves. Tenta prolongar o julgamento, tenta desviar as atenções. Entretanto, Carlos Quental sacrifica a água, que não desce de nível na sua mesa, preferindo um líquido que pela cor parece — e nos afirmam ser whisky. O dr. Quental juntaria ontem mais uma medalha ao seu palmarés: *também* já foi jogador de futebol no Académico de Viseu.

AS ALEGAÇÕES: PENA EXEMPLAR PARA O «PIDE»

Já se tinham passado quase três horas com Joaquim Meirim, quando se iniciaram as alegações.

O promotor da Justiça, coronel Silva Ferreira, defende que o crime de homicídio seja considerado voluntário. Fez uma rápida incursão pelas testemunhas: Maria Helena Botelho da Silva «demonstrou um elevado grau de consciência»; Costa Figueira «demonstrou uma emotividade bastante grande»; o depoimento dos peritos salientou-se «pelos conceitos apresentados, e forma extremamente correcta e judiciosa». Quanto às testemunhas de defesa, «em nada contribuiram para o esclarecimento da causa». O promotor da Justiça defenderia ainda durante as alegações a *tese da orquestração* patente na versão apresentada pelo réu e pelas suas testemunhas de defesa, os «Pides». Lavado e Pedro Ferreira, também cúmplices do crime. Há com efeito, salienta, uma orquestração. Pontos comuns aos três «pides»: a vítima é sempre apresentada como desconhecido; a preocupação de arranjar um táxi; a manifestação de pesar pelo que aconteceu a vítima; a sinalética da vítima; o desconhecimento da identidade da vítima. Expostos os pontos comuns, fez referência às divergências patentes nos testemunhos dos três «pides»: o réu e os seus cúmplices. Explanou sobre a teoria (que defendeu) dos pontos de apoio e pediu ao tribunal a máxima consideração pelo depoimento da testemunha ocular Maria Helena Botelho da Silva. Provou que foram dois tiros os disparados pelo réu e como corolário, defendeu que houvera uma intenção de matar, pelo que pedia as penas previstas na lei para tais casos.

LUSO SOARES: A PIDE ERA «ISTO»

«A PIDE era «isto»: a morte, o assassinato», disse Luso Soares, durante as alegações desmontando, ponto por ponto, a teoria do tiro único, da acidentalidade e do desconhecimento da entidade da vítima.

No preâmbulo dos cumprimentos ao tribunal, Luso Soares semeou a sinceridade (para com o tribunal) com a ironia (para com o advogado oficioso), com a admiração (para com Margarida Tengarrinha). Se em relação ao tribunal, lembrou a pintura de David («Napoleão sereno, sobre um cavalo enfurecido»), para Margarida Tengarrinha, o «seu exemplo e a sua muita serenidade», recordou Sócrates que ao chegar a casa viu feito em cacos, partido pelo seu escravo, o vaso que mais apreciava. Levantou o braço para a agredir, mas acabaria por afirmar: «Agradece aos deuses eu estar irado porque se não batia-te».

Luso Soares desmontou a orquestração da versão montada pelos «pides», provou que Dias Coelho era conhecido pela PIDE. Prova disso é o relatório do famigerado «pide» Fernando Gouveia, datado de 1947 sobre o escultor assassinado à queima-roupa na Rua da Creche; prova disso é o relatório feito ainda na noite do crime em que com «uma fotografia e um breve exame da letra» reconheceram que se tratava de Dias Coelho. A «pide» além da fotografia tinha necessariamente elementos gráficos de Dias Coelho. A teoria do tiro único é directamente negada pelo relatório da autópsia, a versão do tiro vindo de baixo para cima, é negada pelos peritos, e que houve efectivamente dois tiros, já na época o «Avante» de Janeiro de 1962 se referia a eles. Bem como as testemunhas Botelho da Silva Costa Figueira, Carvalho Costa e João Pedro Faria. Por outro lado, é necessário situar a acção em 1961, ano politicamente agitado. A pena perante as provas, terá de ser aplicada entre os 12 a 16 anos com as agravantes de o crime ser precedido de espera, ser praticado à noite, ser executado por alguém armado contra a vítima desarmada, e por António Domingues pertencer à pide o instrumental número um da ditadura terrorista do capital.

Quental, o advogado oficioso (de ofício) foi o último a alegar. Pouco alegou. Tentou pôr o crime no plano de um indivíduo que dispara acidentalmente (usou e abusou de teorias e enciclopédias) enquanto no preâmbulo tenta «aconselhar» a Justiça a lembrar-se do 25 de Novembro, das condições políticas e acaba, em última instância por fazer um rasgado elogio da PIDE, ao mesmo tempo que procura comprometer as Forças Armadas por «íntima colaboração» com a PIDE. Depois, cheio de piscadelas políticas, o advogado perde-se na impossibilidade de defender o indefensável: o crime de um «pide», a não ser que defenda a própria PIDE e os crimes que ela cometeu. Quanto ao resto, foi um alegar (sobretudo nos pressupostos políticos que «possibilitam» este julgamento) para a Informação. Também para a Informação. Em última instância, ainda que nunca declarado, para um primário anticomunismo. E de Quental não dizemos mais, sem parafrasear ninguém.

Comissão Interministerial definirá estatuto do jornalista

Por determinação do secretário de Estado da Comunicação Social, uma comissão interministerial de que farão parte representantes sectoriais do Ministério do Trabalho, do Ministério da Educação e Investigação Científica, e da Secretaria de Estado da Comunicação Social elaborará o projecto de Estatuto do Jornalista e definirá os títulos profissionais de jornalistas e as condições para a sua atribuição.

Esta informação consta de uma nota da Secretaria de Estado da Comunicação Social que abrange outras questões, como a reestruturação da Imprensa estatizada, louvor ao grupo de trabalho que estudou a reestruturação da Anop, leis da Rádio e da Televisão, e a intervenção da Procuradoria da República junto do Tribunal de Relação de Lisboa para tratar do caso do jornal «O Milhafre» publicação que continua a ser divulgada nos Açores, apesar da queixa apresentada pela SECS junto das autoridades competentes. «O Milhafre continua a infringir a Lei de Imprensa reclamando o separatismo e insultando o Governo e as Forças Armadas, agora não apenas circunscrito à terra onde pela primeira vez apareceu, mas a todo o território açoriano.

Assinala a mesma nota que, para tratar da reestruturação da Imprensa estatizada, o subsecretário de Estado da Comunicação Social, João Soares Louro, se reuniu ontem com a respectiva comissão (CIRIE), de modo a apressar e dinamizar o estudo das medidas que o Governo irá tomar dentro de dias, de acordo com a resolução tomada no último Conselho de Ministros. Louva ainda o grupo de trabalho que estudou a reestruturação da Anop e os mecanismos que apresentou, considerados indispensáveis para a elaboração dos seus estatutos e o regulamento interno da empresa.

Eanes recebeu P.S.D./P.P.D.

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu esta manhã, em audiência, uma delegação do PSD/PPD, na sequência das audiências periódicas com os principais partidos políticos portugueses.

Entretanto a audiência marcada também, para esta manhã — 11 e 30 — com uma delegação do PS, foi adiada para data a fixar. Admite-se que este adiamento tenha que ver com o facto de Mário Soares se encontrar ainda em Faro, para onde se deslocou à chegada do Brasil, pois o avião onde viajava não pode aterrar em Lisboa.

BOAS-FESTAS DOS CONSELHEIROS

Os membros do Conselho da Revolução estiveram hoje, pelas 12 horas, no Palácio de Belém, a apresentar cumprimentos de Boas-Festas ao Presidente da República, general Ramalho Eanes.

MAISON LOUVRE
VESTUÁRIO PARA CRIANÇA E BEBÉ
CONFECÇÃO PRÓPRIA
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes FESTAS FELIZES e um ANO NOVO PRÓSPERO.
ROSSIO, 106 — LISBOA

ELECTRO BRILHANTE
RUA DOS DOURADORES, 72-80 — LISBOA
Na impossibilidade de o fazer directamente vem por este meio saudar os seus estimados clientes, fornecedores e amigos, desejando um NATAL FELIZ e um ANO NOVO cheio de prosperidades.

mini férias na neve

SERRA da ESTRELA
PASSE 4 DIAS
NO TECTO DE PORTUGAL
PENHAS da SAÚDE
alojamento no magnífico hotel SERRA da ESTRELA
informações e inscrições:
mundial turismo
LISBOA AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 80 B TEL. 563521 22 23 24
PORTO RUA ENTRE PAREDES, 17 TEL. 26544

GABINETE DE CONTABILIDADE
EXECUTA E RECUPERA ATRASOS
TEL. 77 24 50

PÉROLA DE ALMIRANTE REIS, LDA.

Certifico que, por escritura de 3 de Novembro de 1976, lavrada nas notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, no livro n.º 183-D, de Fl. 98 a fl. 100, foi reforçado o capital da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, com a quantia de 26 000$, ficando assim elevado para 50 000$.

A importância do reforço foi subscrita e realizada, em dinheiro, da seguinte maneira: Daniel Rodrigues Madeira, 11 500$; Vítor da Silva Carrascal, 9500$, e Manuel Henriques Pinto, 5000$.

Pela mesma escritura foi alterado o artigo 2.º do pacto da referida sociedade, nos termos seguintes:

2.º

O capital social é de 50 000$, encontra-se integralmente realizado, em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração, e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de 30 000$, de Daniel Rodrigues Madeira: uma quota de 10 000$, de Vítor da Silva Carrascal, e uma quota de 10 000$, de Manuel Henriques Pinto.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

20.º Cartório Notarial de Lisboa, 16 de Novembro de 1976. __ A Ajudante, **Maria Antonieta dos Santos Carriço Estevão.**

1-0-10 112

Nacional

Sousa e Brito sai de "O Século"

. Por despacho conjunto da presidência do Conselho de Ministros e da Secretaria de Estado da Comunicação Social, hoje publicado no «Diário da República», o dr. Carlos de Sousa e Brito foi destituído das funções de administrador da Empresa Pública dos Jornais Século e Popular.

O mesmo despacho invalida a nomeação de Nadim de Carvalho para director de «O Século», por ter sido «realizada em flagrante violação dos estatutos».

O despacho é assinado por Mário Soares e Manuel Alegre.

SINDICATO DOS JORNALISTAS

Assembleia concorrida rejeitou "manobra" da direcção cessante

Os jornalistas rejeitaram ontem na generalidade as alterações aos estatuto propostas por «uma Comissão saída da Direcção» durante uma assembleia geral em que foi aprovado, por unanimidade, que a revisão dos Estatutos será incumbência da futura direcção do Sindicato.

Números: o projecto de alteração aos Estatutos foi rejeitado por 72 votos, votando a favor do mesmo 27 profissionais de jornais reaccionários. Houve uma abstenção.

Uma proposta pondo precisamente os pontos nos «ii» (remetendo a revisão dos Estatutos para a próxima direcção), apresentado por um jornalista progressista, foi aprovado por 81 (oitenta e um) votos. Curioso notar que alguns dos defensores do projecto derrotado (apresentado pela direcção que finda agora o seu mandato) votaram também a favor da referida proposta... Outros, vendo o ambiente em que democraticamente decorria a assembleia, abandonaram, sem ruído a sala do Sindicato. Essa é que é a «democracia» deles!

. Entre as alterações incluídas no projecto vencido foi particularmente denunciada durante a assembleia o «desaparecimento» de duas Comissões Permanentes («Liberdade de Imprensa» e «Boletim»), e ainda o facto de, no documento apresentado à classe, ser preconizada uma maioria de dois terços dos sócios para que se possa convocar assembleias gerais extraordinárias.

O ex-presidente da Assembleia dos actuais corpos gerentes interveio no início da sessão para sublinhar que os jornalistas, em assembleia anterior já se tinham pronunciado contra este projecto de estatutos, pelo que esta nova convocatória representaria «uma clara violação da vontade da Assembleia Geral».

No mesmo sentido, um outro jornalista sublinharia que «o subscritor deste projecto resolveu demitir a classe e manter a Direcção», classificando depois de «antidemocráticas e reaccionárias» as alterações agora propostas pelo «remanescente de uma direcção».

O próprio presidente da Assembleia Geral, Maria Antónia Palla, viria ainda a declarar «não poder aceitar este projecto dada a sua inscontitucionalidade».

QUEM DEFENDE MOTA FREITAS?

C.D.S. e P.P.D./P.S.D. contra exoneração

. Em comunicados enviados aos órgãos de Informação, o P. P. D. / P. S. D. e o C. D. S. reagem contra o despacho do M. A. I. que destituiu das suas funções o major Mota Freitas. O primeiro daqueles partidos após vários considerandos afirma que «a exoneração nos termos em que foi feita tem o carácter de uma punição infligida a um militar cuja integridade ninguém pode pôr em dúvida até prova em contrário»

. Por seu turno, o C. D. S. «reprova a decisão tomada pelo M. A. I.» que considera como «uma exploração de opinião pública, dirigindo-a injustificadamente contra aquelele oficial e procurando por certo atingir outras forças políticas».

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONGRESSO DOS SINDICATOS

PARTICIPAÇÃO OU NÃO?

Professores, Colegas

Em Janeiro próximo, sob a égide da Intersindical, vai realizar-se um congresso dos Sindicatos.

Os seus promotores falam em unidade, dizem querer realizar a unidade dos trabalhadores com vista à «reestruturação da Intersindical», considerada como «Central Sindical Única dos Trabalhadores Portugueses».

Nós precisamos de realizar a unidade. É ponto assente. A unidade é a força dos trabalhadores.

Mas há unidade e unidade. Unidade em torno de quê? Unidade para quê?

Nós dizemos: a unidade que precisamos de realizar não se resume à declamação de belos princípios. Os princípios de nada valem se não se traduzirem em actos. Nós precisamos de realizar a unidade para defender os nossos interesses que estão a ser atacados como estão a ser atacados os interesses de todos os trabalhadores.

Mas como realizar a unidade?

Realizaremos a unidade combatendo, mobilizando-nos para que os 400 monitores da Telescola que estão em serviço desde 1 de Setembro recebam o vencimento que lhes é negado.

Realizaremos a unidade combatendo, mobilizando-nos para que as centenas de professores agregados do Ensino Primário que estão ainda sem colocação e sem vencimento tenham vaga e lhes sejam pagos todos os salários em atraso.

Realizaremos a unidade combatendo, mobilizando-nos para garantir emprego a todos os professores que leccionaram o ano transacto e condições para o completamento de habilitações aos que não tenham habilitação própria.

Precisamos de realizar a unidade e realizá-la-emos lutando pela defesa da gestão democrática, pela revogação dos decretos que cerceiam a democracia nas escolas; pela satisfação do Caderno Reivindicativo Nacional dos Professores do Ensino Superior. Os professores realizam a unidade na luta com todos os trabalhadores do Ensino Particular, para exigir do patronato a negociação do CCT, que este recusa negociar à semelhança do que se passa em todos os sectores profissionais.

Colegas, Professores

Todos temos a experiência dos métodos da ex-CDP e da corrente sindical que lhe é afecta.

Todos nos lembramos da forma como a nossa mobilização foi boicotada, como os professores eram insultados e caluniados nos plenários.

Todos nos lembramos dos seus métodos para construirem a sua «unidade» — o monolitismo.

A maioria dos professores recusou estes métodos porque estes métodos eram contra a unidade necessária à defesa dos nossos interesses comuns.

A Direcção recusou estes métodos.

A Direcção do Sindicato da Grande Lisboa recusa o monolitismo, recusa o autoritarismo compulsivo.

A Direcção continua a lutar pela liberdade de expressão nos Plenários, pelo direito de tendência no Sindicato, pela unidade na defesa dos interesses e reivindicações dos professores.

É por isso que é necessário uma Central Sindical Única onde haja democracia interna, onde nenhuma tendência se sinta abafada ou esmagada por outra ou outras.

Para garantir a democracia interna, para garantir a livre expressão de todas as tendências na luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores é necessária a *paridade*.

Paridade entre as principais correntes de opinião com efectiva expressão no Movimento Sindical a todos os níveis da estrutura da Central Sindical Única a construir.

Paridade na comissão organizadora do congresso de todos os Sindicatos para que todos possam efectivamente reconhecer o Congresso como seu.

A estas questões a Intersindical, o seu secretariado, respondeu e continua a responder pela negativa.

Sem a sua resolução não haverá unidade sindical mas aprofundamento da divisão, cisão.

A Direcção não cobre esta política que não serve os trabalhadores.

A Direcção recusa vincular-se à defesa de interesses estranhos aos trabalhadores.

Por isso nós apelamos todos os professores a pronunciarem-se através do voto, sobre se sim ou não, o nosso Sindicato deve participar neste Congresso que se realizará em Janeiro de 1977.

DIA 12 DE JANEIRO DE 1977.
4.ª-FEIRA — TODOS AO REFERENDO.

SIM ou NÃO à participação do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa no «Congresso dos Sindicatos, pela unidade dos trabalhadores, pela reestruturação da Intersindical — Central Única dos Trabalhadores».

P'A Direcção Sindical
J.P.AGARELL

CARTA ABERTA

DISCUTIR, ESCLARECER, VOTAR

De acordo com as recomendações do último Plenário de Sindicatos aderentes aos princípios da CARTA ABERTA, os trabalhadores continuam a EXIGIR ORGANIZADAMENTE DENTRO DOS RESPECTIVOS SINDICATOS a convocação de consultas através de amplas Assembleias Gerais por VOTAÇÃO SECRETA.

Os resultados são inequivocos, que continuam a demonstrar que quaisquer que sejam os golpes

A DEMOCRACIA VENCERÁ!

SINDICATOS ONDE JÁ FORAM OUVIDOS OS TRABALHADORES POR VOTAÇÃO SECRETA

	II CONGRESSO DA INTERSINDICAL	
	SIM	NÃO
Escritórios de Lisboa	1 421	11 039
Escritórios de Faro	325	581
Seguros do Sul	385	2 962
Telefonistas do Norte	45	710
Hotelaria do Porto	105	85
Hotelaria de Faro	637	60
Engenheiros do Sul	255	391
Escritórios de Braga	161	265
Bancários do Sul e Ilhas	685	10 064
Técnicos de Topografia	75	134
Técnicos de Vendas	183	1 204
	4 277	27 595

SINDICATOS QUE VÃO OUVIR OS TRABALHADORES POR VOTAÇÃO SECRETA

Escritórios de Aveiro	8.1.77
Escritórios do Porto	10.1.77
Professores da Grande Lisboa	12.1.77
Cerâmicos de Aveiro	Ainda não marcado
Escritórios de Vila Real e Bragança	Ainda não marcado

SINDICATOS ONDE JÁ FORAM TOMADAS DECISÕES POR ASSEMBLEIAS GERAIS

Seguros do Norte	Adesão à Carta Aberta - Não ao 2º Congresso
Construção Civil Aveiro	Não ao 2º Congresso
Mineiros do Centro e Norte	Por votação secreta decidiram aderir aos princípios da CARTA ABERTA 230 votos a favor - 36 contra. Decorre neste momento votação secreta sobre participação no 2º Congresso da Intersindical e sobre a continuação da filiação na Intersindical.

POR UMA CENTRAL SINDICAL ÚNICA, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE

Aveiro, 21.12.76

A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

Trabalho

FARMÁCIAS

Depois de prejudicadas as populações pagam mais

. O Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas, conjuntamente com delegados sindicais de Setúbal, Sacavém e Amadora, e um representante da Comissão Coordenadora de Moradores da zona de Oeiras, realizaram ontem uma conferência de Imprensa em que manifestaram a sua estranheza pela apatia das entidades oficiais face à decisão do patronato que reduziu em 50 por cento o número das farmácias de serviço.

Na reunião foi anunciado que estão a correr abaixo-assinados exigindo que em nome da saúde pública o Governo intervenha rapidamente. Entretanto, já foram enviados telegramas ao Primeiro-Ministro, e secretário de Estado da Saúde, além de terem sido estabelecidos contactos com a Direcção-Geral de Saúde.

No entanto, afirmaram os dirigentes daquele sindicato, não conseguiram mais, até agora, do que um ofício da Direcção de Farmácias e Medicamentos, que declara ilegal a mudança de turnos em Lisboa.

Como resposta a este ofício que foi enviado a todas as farmácias, a A.N.F. demonstrou um absoluto desprezo pela saúde pública, avisando todos os seus associados de que incorreriam em sanções ao abrigo dos estatutos da associação se não obedecessem à sua directiva, ou seja, não aceitassem o esquema «moderno».

Mas a presente situação é agravada, de acordo com informações prestadas na conferência de Imprensa, com a publicação dentro de pouco tempo, de uma Portaria já aprovada que prevê o pagamento de uma taxa de chamada nocturna de 25$00 ou 50$00, conforme se trate de uma receita classificada de urgente ou não. Até agora, esta taxa era de 10$00.

Actualmente, em Lisboa o número de farmácias de serviço oscila entre seis e oito, para dar cobertura medicamentosa a uma área que se estende de Olivais a Belém e da Baixa a Benfica. No caso de Sacavém, há farmácia de serviço permanente em dias alternados, enquanto a Amadora tem um estabelecimento de serviço permanente para cobrir das Portas de Benfica a Queluz.

As consequências deste esquema recaem directamente sobre o público que se vê obrigado, com todas as deficiências dos transportes existentes, a percorrer grandes distâncias, até porque se esgotam muito facilmente os «stocks», o que ainda dificulta mais uma assistência medicamentosa eficiente.

De novo foram rebatidos os argumentos patronais de que esta medida se justifica por existirem encargos incomportáveis motivados pela recente aprovação de Uma Portaria de Regulamentação de Trabalho, que prevê o pagamento das horas extraordinárias aos trabalhadores que cumpram horários nocturnos nas farmácias.

Afirmam os dirigentes sindicais que, ao contrário do que afirmam os patrões, os lucros das farmácias têm crescido em proporção muito superior aos encargos, tanto pelo aumento do consumo dos medicamentos, como pelo aumento de preços recentemente verificado.

Suspensa (até ver) a "greve da mala"

Em plenário que se prolongou noite adiante, os trabalhadores inscritos no Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul decidiram suspender a «greve da mala» iniciada há dois dias. Os serviços retomaram hoje a normalidade, pelo que não haverá mais viagens «de borla» nas camionetas da Rodoviária Nacional e das empresas privadas cujos trabalhadores, aderiram à greve decretada por aquele sindicato. Entretanto, ficou marcado para o dia 4 de Janeiro novo plenário para se decidir sobre novas formas de luta, se até lá não for assinado o contrato colectivo de trabalho vertical em negociações.

Conforme noticámos, a «greve da mala» sofreu forte contestação dos outros sindicatos ligados ao sector, que classificaram a iniciativa do Sindicato de Garagens como acto «isolado e divisionista». Também o Ministério do Trabalho tomou posição contra a forma de luta desencadeada, apelidando-a de «ilícita e fraudulenta» e anunciando procedimento judicial e criminal contra os grevistas.

Entre as razões aduzidas no plenário de ontem para justificar a suspensão da greve figura o prolongamento dos dias feriados nesta época do ano. Receou-se que surgissem «abusos de pessoas a utilizarem desmedidamente os transportes de passageiros e de carga», beneficiando da não cobrança de bilhetes e da redução das cargas para 50 por cento.

Trabalhadores do comércio requerem assembleia para debater problemas da classe

Um grupo de 640 sócios do Sindicato dos Trabalhadores de Comércio de Lisboa requereram, no passado dia 15, que seja convocada uma assembleia geral extraordinária para debater e decidir sobre o congelamento da contratação colectiva, a legislação do trabalho e o Congresso dos Sindicatos.

O requerimento surge na sequência de uma reunião de delegados sindicais e outros sócios, que caracterizou a actual situação naquele sindicato pela «ausência de vida democrática interna, alheamento dos problemas concretos dos trabalhadores, e inexistência de debate e esclarecimento face à questão do Congresso dos Sindicatos».

Em comunicado distribuído à classe, os subscritores manifestam a esperança de que a assembleia geral «será a mais firme e democrática maneira de pormos a nossa opinião comum nas mãos da direcção, de lhe darmos as nossas perspectivas de luta e a força determinante para a eficaz defesa da classe».

Trata-se — acrescentam — de fazer com que o Sindicato «ponha toda a sua energia e capacidade na luta em prol do interesses da classe» e deixe de ser «um edifício vazio e morto» perante as dificuldades crescentes que se levantam aos trabalhadores do comércio, nomeadamente, o perigo de verem retirado o regime de semana inglesa e de descanso ao domingo.

Nos termos estatutários, esta assembleia terá de ser convocada até ao dia 15 do próximo mês.

"JOSÉ P. ZAGALO"

Apenas um entre seis

. Por lapso, atribuímos à firma de construção nortenha «José Pereira Zagalo», na nossa edição do passado dia 16, a designação de «José Galo», em notícia que dava conta do facto de haver salários em atraso naquele empresa.

O reparo partiu dos serviços de relações públicas da CP, que nos informa não ser correcta a afirmação por nós veículada, segundo a qual essa empresa teria ganho «o concurso para a nova ponte ferroviária Maria Pia no Porto». O que se passa revela a CP . é que «a firma «José Pereira Zagalo» é uma das seis participantes no concurso para a construção da ponte ferroviária (via dupla) sobre o rio Douro, concurso esse que neste momento cumpre a fase de apreciação das diversas propostas apresentadas pelos concorrentes, não havendo, logicamente, qualquer decisão sobre o assunto».

Aqui fica a correcção.

Alheios ao prejuízo patrões aumentam-se

. Uma comissão de trabalhadores de «A Perfiladora», da Senhora da Hora, avistou-se, hoje, de manhã, com o vice-governador civil do Porto, Manuel Ramos, para lhe expor a sua posição face à decisão de dois sócios gerentes daquela empresa, que aumentaram, cada um deles, os respectivos ordenados em dez contos mensais.

O surpreendente da «história» é que o exercício deste ano, na «Perfiladora», deverá ser encerrado com um saldo negativo de cerca de cinco mil contos

Promoções na Siderurgia provocam paralisação

. A promoção salarial de 93 quadros técnicos da Siderurgia Nacional sem consulta aos trabalhadores levou os operários daquele complexo industrial a paralisar o trabalho das 15 as 17 horas, período durante o qual a comissão de trabalhadores deu uma conferência de Imprensa.

Na conferência, a que estiveram presentes os trabalhadores, denunciou-se os aumentos, já promulgados pelo Ministério do Trabalho, acentuando-se que apesar de algumas promoções poderem ser justas, no conjunto elas poderão entravar o processos de reestruturação da Siderurgia, há mais de dois anos proposto pelos trabalhadores. Estes afirmaram ainda que as promoções não deveriam ter-se efectuado sem se proceder primeiro à uma análise de funções de acordo com uma proposta feita há muitos meses pelos trabalhadores. O processo de análise de funções está previsto no âmbito da reestruturação da Siderurgia Nacional. Os trabalhadores pensam também que antes de procederem aos aumentos de vencimentos do quadros técnicos as entidades competentes deviam ter garantido a integração e enquadramento sindical de todo o pessoal da Siderurgia na portaria de regulamentação de trabalho para as indústrias metalomecânicas e no contrato colectivo vertical conforme os trabalhadores deliberaram no plenário do dia 8 de Junho.

O representante do Sindicato dos Metalúrgicos informou que já foi pedida aos Ministérios do Trabalho e da Indústria uma reunião para discussão dos problemas em causa.

SUBSTITUÍDO O 530/76

Governo pode baixar os salários nas empresas em crise

As entidades patronais ou os gestores das empresas declaradas em situação de crise económica podem, a partir de agora, ser isentos da obrigação do pagamento das remunerações mínimas garantidas aos respectivos trabalhadores e de cumprirem as condições de trabalho fixadas em instrumentos de regulamentação colectiva..

Tal possibilidade é admitida pelo Decreto-Lei n.º 864/76, hoje publicado no **Diário da República**. Este diploma regulamenta as condições em que pode haver suspensão das convenções colectivas de trabalho nas empresas intervencionadas ou com avales do Estado e em situação económica grave, e substitui o regime instituído pelo contestado Decreto-Lei n.º 530/76, que fica revogado.

As empresas naquela situação podem ser declaradas em situação de crise económica por despacho conjunto dos ministros do Trabalho e de Tutela, a requerimento das respectivas entidades patronais ou órgãos de gestão. Tal decisão será precedida de consulta às associações sindicais interessadas e à Comissão Interministerial para questões de trabalho, recentemente criada.

O requerimento terá de ser acompanhado de «descrição circunstanciada e fundamentada da situação económico-financeira da empresa e das medidas consideradas necessárias à superação da crise», e, por si só, não suspende a obrigação de cumprir a lei e a regulamentação colectiva em vigor, a menos que exista declaração expressa dos representantes dos trabalhadores interessados de aceitação desse efeito.

Uma vez declarada a empresa em situação de crise, os ministros competentes podem, através de despacho conjunto, isentar as entidades patronais, conselho de gerência ou órgãos equiparados da obrigação do pagamento das remunerações mínimas garantidas e do cumprimento das condições de trabalho fixadas em instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho (CCTs, ACTs, portarias de regulamentação do trabalho ou de extensão). O despacho pode, também fixar novas condições de trabalho, para substituir as que tiverem sido prejudicadas e estabelecer um regime de reconversão obrigatória. Estas medidas terão um prazo de vigência definido.

O diploma salvaguarda, no entanto, a remuneração mínima garantida, e o direito às prestações da segurança social do trabalhador e seus familiares. São estas as únicas garantias de que dispõem os trabalhadores das empresas que venham a ser declaradas em situação de crise.

O Governo justifica o actual diploma pela necessidade de pôr cobro à situação de «empresas que, sem contrapartida relevante de produção de riqueza, em bens ou serviços ou contrapartida que fica muito aquém daquilo que consome o seu funcionamento, vivem artificialmente à custa do Estado». Algumas dessas situações lê-se no preâmbulo do decreto seriam «ofensivas do povo português, por beneficiarem exclusivamente minorias insignificantes de estratos bem determináveis».

SCHIMING

Nova paralisação e silêncio da banca

. As operárias da Schimming voltaram a paralisar na fábrica de confecções no Porto, tendo formado piquetes que andam pelas ruas a denunciar a situação em que se encontram. No comunicado que distribuem à população responsabilizam o BPA pela paralisação e interrogam-se desta forma: «Não estará o sr. Schimming por detrás desta manobra?».

Como temos noticiado, a comissão de gestão do BPA recusa-se a conceder o crédito para os salários e retroactivos a que os trabalhadores têm direito, apesar de ter aumentado significativamente nos últimos meses a taxa de produtividade. Aliás, o dinheiro realtivo às vendas dos dois últimos meses dava e sobrava para tais pagamentos; no entanto o Banco quer, de uma vez só, «receber as dívidas do patrão com os salários dos trablhadores».

A actuação do banco tem sido apontada pelo Sindicato dos Têxteis do Porto como verdadeira sabotagem económica.

Recorde-se que os 400 trabalhadores da Schimming, depois de terem paralisado no dia 2 deste mês, voltaram ao trabalho, uma semana depois, como forma de conseguirem do banco a aceitação de uma proposta então apresentada. Mas nem assim o banco respondeu; daí que tivessem optado de novo pela paralisação na última segunda-feira.

A empresa foi abandonada pelo patrão após o 25 de Abril.

Nacional

FACAR — EXEMPLO EM DOIS TEMPOS OF

Da administração à defesa da econo

Ontem, exemplo de exploração, de fraude e esbanjamento sob os auspícios dos governantes fascistas.

Hoje, exemplo de como é possível desenvolver a economia nacional, com a intervenção estatal e o apoio dos trabalhadores.

Trata-se da Facar, Fábrica Nacional de Tubos Metálicos, em Leça da Palmeira, Matosinhos, em dois, tempos bem demarcados e em cuja distância está um longo percurso feito não só pelas mudanças políticas, mas também pelos trabalhadores.

A situação actual, porém, é de transição, já que dentro de pouco mais de dois meses termina a intervenção estatal, definindo-se, então, o futuro daquela grande unidade fabril praticamente monopolista no fabrico de tubos.

Curiosamente há cerca de duas semanas iniciou-se mais uma ofensiva tendente a repor na empresa os antigos administradores, irmãos António e Fernando Carvalho, suspensos em plenário de trabalhadores no dia 21 de Maio do ano passado. Com efeito, para além de panfletos distribuidos na fábrica têm sido enviadas cartas a todos os trabalhadores onde são feitos ataques às comissões administrativas e de trabalhadores e apelos ao regresso dos patrões, como acto de justiça. «Devemos entregar a César o que é de César» — diz uma das cartas.

Esta ofensiva que certamente não surge isolada coloca-nos uma questão fundamental: que futuro se prepara para a Facar?

O processo evolutivo da Facar neste ano e meio de intervenção estatal é bastante significativo. Comporta em si determinados factores que ultrapassam o estrito âmbito de reanimação económica de empresa. Liga-se à evoluçao da grande maioria dos trabalhadores e paralelamente à alteração da mentalidade do meio social de Leça da Palmeira, no tocante ao «direito» dos antigos patrões voltarem à firma. Estes são aspectos importantes que merecem por si só uma análise aprofundada.

A Facar é uma grande unidade industrial que tem como actividade principal o fabrico de tubos, calhas e perfis em aço e plástico, laminagem e galvanização. No fabrico de tubos pode ser considerada monopolista porquanto apenas numa reduzida gama de artigos sofre a concorrência da Oliva-ITT, mesmo assim controlada por acordos comerciais.

Várias indústrias dependem dos fornecimentos da Facar, como sejam a construção civil, bicicletas, carroçarias e mobiliário, sendo a sua produção absorvida fundamentalmente pelo mercado interno.

Dado o seu carácter monopolista e no tipo de indústria — em expansão — a Facar conheceu um crescimento rápido, apesar da má gestão, da falta de planificação e das elevadas fraudes cometidas pelos patrões, segundo o relatório da Inspecção-Geral das Finanças. Foi, aliás, a suspeita dessas fraudes que abriu caminho à intervenção estatal solicitada em Abril do ano passado pela comissão sindical.

Tal pedido, porém, só haveria de ser satisfeito em Julho pelo Conselho de Ministros, após cerca de dois meses de gestão da empresa por uma comissão constituída por três trabalhadores em consequência de uma decisão tomada em plenário durante o qual foram suspensos os administradores. Com a decisão do Conselho de Ministros a Facar passou a ser gerida por uma Comissão Administrativa que se mantém no activo.

VISITA DE TOMÁS E DEZ CONTOS/HORA

No inquérito mandado instaurar à administração da Facar antes da decisão de intervenção estatal, foram detectadas inúmeras irregularidades que mostram à evidência o que era a corrupção e a exploração permitida pelo regime fascista. Recorde-se aqui que Américo Tomás acompanhado por vários ministros visitou as instalações da Facar em Janeiro de 1969.

Na oportunidade foi saudado por António Carvalho Júnior que, depois de sublinhar a «mais elevada honra» pela visita, jorrou este naco de oratória veneradora: «Tem V.Ex.ª (Américo Tomás) conquistado a veneração e a estima do país pelo escrúpulo com que exerce as suas altas funções, pelas qualidades e virtudes, pela dignidade da sua vida, pela compreensão do interesse público e das necessidades da política nacional, pela sua integração espiritual na missão histórica da nação portuguesa, sentinela vigilante da defesa e continuidade da Pátria.»

Américo Tomás ficou reconhecido e entre as suas «invulgares palavras» expressou que os patrões Carvalhos mereciam «toda a nossa consideração». O secretário de Estado da Indústria eng. Amaro da Costa, por sua vez, teceu rasgados elogios à Facar, sublinhando que «os propósitos da Facar (ou seja da administração) conciliam-se com os interesses da nossa economia».

Isto foi apenas um parêntises, pois mais importante é falar das irregularidades detectadas pelo inquérito, para melhor nos podermos aperceber de como uma família se apoderou durante anos da riqueza produzida pelos operários.

Assim, segundo o relatório da Inspecção-Geral de Finanças, enquanto o montante de lucros realizados pela empresa em dez anos (de 1964 a 1973), foi da ordem dos 127.966 contos, o volume de benefício auferido pelos sócios, a títulos vários, parte dos quais constituiram custos contabilísticos e fiscais dos vários exercícios durante o mesmo período de tempo foi da ordem dos 148.000 contos

Quer isto dizer que, em valores contabilizados, os levantamentos dos sócios ultrapassam os lucros declarados. Fazendo as contas chegamos à conclusão de que coube a cada sócio a quantia de 20.500$00 por dia ou seja 2.569$00 por hora, admitindo que «trabalhavam» oito horas. Se compararmos estas quantias com os salários que auferiam os trabalhadores em média, naqueles dez anos, temos este resultado «dignificante»: cada um dos patrões recebia numa hora sensivelmente o mesmo que um trabalhador durante um mês inteiro.

Se quisermos, porém, pegar nos dados de 1974, verificamos que cada um dos Carvalhos receberam por hora, naquele ano, a «modesta» quantia de 10.000$00 por hora. Esta verba obtém-se facilmente se tivermos em conta que os dois patrões retiraram da firma em 1974, cerca de 60 mil contos. Por outro lado as mulheres de ambos, recebiam mensalmente 11.450 escudos como «adjuntos da gerência».

Frise-se também que, de acordo com o relatório os comendadores Carvalhos agraciados pelo regime fascista não se contentavam com as remunerações que atribuíam a si próprios. Recebiam percentagens sobre as vendas (cerca de cem mil contos entre 1967 e 1972), lucros e era ainda a empresa que pagava o imposto profissional e complementar. Só em 1971 sairam dos cofres da empresa 4.128.487$00 para pagamento do imposto profissional colectado a ambos. Assim, enquanto a empresa dispendia para o imposto profissional de cada patrão a «ridicularia» de 5.700$00 por dia, o salário mensal de um operário especializado era de 3.600$ e de um servente 2.000$00.

Segundo as conclusões do inquérito, a situação financeira da empresa na altura da intervenção é «muito difícil pois apresenta um volume de responsabilidades muito elevado sem correspondência, a nível idêntico, de meios financeiros». Em particular a situação de tesouraria é grave, com meios líquidos a um nível muito reduzido para as necessidades de funcionamento corrente. Com referência a Março do ano passado, os sócios devem à firma 35.600 contos, débitos estes que figuram — de acordo com o relatório — em contas-correntes que funcionavam como «banco particular» dos sócios (mas sem que fossem cobrados juros e outros encargos), traduzindo-se numa saída contínua e progressivamente mais elevada de meios líquidos da empresa para fins que nada tinham a ver com a sua actividade normal. Diz ainda o relatório que a «diminuição ou anulação mais significativas desses débitos fez-se especialmente à custa de verbas creditadas aos sócios, a título de percentagens sobre as vendas da empresa, que eles mesmos se atribuiam. «Não fora a venda de terrenos que os sócios fizeram à firma, em Junho de 1974 (e de que objectivamente esta nada beneficiou antes pelo contrário, teve de suportar um encargo de 2.281 contos com o pagamento da sisa e adicionais e da escritura) cujo preço de venda (de 21.315 contos) lhes foi creditado em conta e os seus débitos teriam subido para um valor total da ordem dos 55.300 contos», em fins de 1974.

Por outro lado, produzindo

Nos tempos «áureos» do marcelismo, Thomaz, Carvalhos e o presbíte alegremente, como se vê na foto, tirada em 1969, durante uma no poder. Hoje, o trio acima ficou reduzido. Thomaz partiu, mas Carvalhos lutam desesperadamente pela recuperação dos p

Nacional

OSTOS

fraudulenta

mia nacional

Por LUÍS HUMBERTO

afirmações que «não correspondiam à verdade dos factos» os Carvalhos conseguiram isenções de direitos e deduções fiscais para a instalação de uma linha de produção de tubo de aço sem costura, cujas primeiras diligências foram feitas em 1961 e que não chegou a ser concluída.

Quanto à contabilização feita pela firma durante a gestão dos Carvalhos conclui o relatório que ela «era precária em relação a movimentos de armazéns e de vendas de sucatas; irregular quanto à «caixa de gerência», e remunerações «extra»; e, até, inexistente

tero de Leça confraternizavam visita à Facar dos fascistas s o padre Alcino Vieira e os privilégios perdidos

quanto à movimentação de verbas como as das rendas de casas da empresa e do resgate do seguro de vida dos sócios».

Acresce, ainda que embora não seja referido no relatório, há suspeitas de outros desvios, na ordem dos milhares de contos não contabilizados, resultantes de diversas irregularidades de ordem fiscal e outras como o dá a entender a própria resolução do Conselho de Ministros que deu origem à intervenção e que se sabe estarem a ser apurados.

Será tudo isto fácil de ignorar?

A NOVA SITUAÇÃO

Fazendo agora uma análise ainda que sumária a este ano e meio de intervenção verifica-se que a Facar é, actualmente, uma empresa em expansão no que respeita a volume de vendas, ultrapassando em 40 por cento as do ano anterior e em cerca de 17 por cento as vendas do melhor ano da Facar que foi o de 1974. Isto sem qualquer alteração de preços.

No mês findo, Novembro, foi atingido o maior volume de vendas mensal de toda a existência da fábrica; 90 mil contos. Tem aumentado naturalmente a produção e a produtividade, tendo sido criados 110 novos postos de trabalho.

Antigos equipamentos que se encontravam parados foram postos em funcionamento e fizeram-se investimentos em novas máquinas. Foram já pagos à banca os 230.000 contos de dívida deixados pela anterior administração e a Facar dispõe, neste momento, de milhares de contos disponíveis em depósitos nos bancos; autofinanciando-se e correspondendo aos seus compromissos sem necessidade de recorrer a financiamento, contrariamente ao que acontecia com os Carvalhos. Tudo isto apesar dos aumentos de encargos com salários e matéria-prima.

Por outro lado estão em estudo a reestruturação geral da empresa e as soluções a dar a diverso equipamento parado há vários anos e que foi adquirido para o fabrico de tubos de aço sem costura.

Todavia, apesar de todo o esforço patente nos elementos atrás referidos a Facar não tem podido satisfazer totalmente as encomendas que lhe são dirigidas. Há, por isso, falta de algumas medidas de tubo no mercado, mas tal facto deve-se também à «falta de competitividade» da Oliva-ITT e à circunstância de «os armazenistas terem deixado intencionalmente esgotar os «sotcks».

A nível das regalias sociais obtidas pelos trabalhadores após a intervenção cabe referir os subsídios de doença e de reforma e o funcionamento da cantina que serve muitos trabalhadores.

NÃO AO REGRESSO DOS PATRÕES

Mais significativa, ainda, parece ser a evolução que se tem operado nos trabalhadores. Efectivamente, passado o período em que nos «maus tempos» de 1975 (Setembro, Outubro e Novembro) foram subjugados pela intimidação e caciquismo e apelavam para o regresso dos patrões, a sua posição tem-se alterado favoravelmente à intervenção estatal. Em Abril deste ano opuseram-se maioritária e inequivocamente por escrutínio secreto, a tal regresso.

Nessa altura, os Carvalhos pretendiam retomar a fábrica sem quaisquer condições determinadas pelos trabalhadores.

Foi aqui que muitos acordaram e viram os verdadeiros objectivos dos patrões. Por isso disseram «não». Um não que correspondeu ao impedimento do retorno à sabotagem económica, às fraudes e à exploração desenfreada.

De então para cá o clima tem melhorado na empresa, apesar da minoria afecta aos patrões ter prosseguido a sua campanha. A prova disso está, aliás, no aumento de produtividade.

Por outro lado a posição da comissão de trabalhadores é por si só bem ilustrativa da transformação verificada. Constituída durante a ocupação ilegal feita pelos ex-patrões em Setembro de 75 lutou durante meses acerrimamente pelos «direitos» apregoados por aqueles.

Mais ainda: o tempo acabou por dar razão à comissão sindical, impulsionadora da suspensão dos patrões. Razão e reconhecimento pois os seus componentes voltaram a ser «aceites» pela maioria dos trabalhadores. Recorde-se que, no ano passado, os delegados sindicais foram perseguidos e marginalizados sob a acusação de serem um «bando de comunistas (apesar da maioria ser do PS e haver dois do PPD) que pretendia destruir a fábrica.

Paralelamente a esta evolução, o mesmo foi acontecendo no meio social de Leça da Palmeiraesacde não ter parado a campanha do pároco — figura de destaque nas tentativas de recolocação dos Carvalhos na empresa — e de outras, «forças vivas».

«Sabe uma coisa, eu também andei muito tempo enganado acerca dos srs. Carvalhos. Tinha-os como grandes beneméritos, amigos do povo de Leça, mas agora sei que, afinal, aquilo que eles querem é dominar o povo, dando algumas esmolas». Não tinha mais de 50 anos aquele homem que nos falou próximo das instalações da fábrica, após um encontro casual. «Assim também eu era benemérito» — disse ainda. Como ele muitas outras pessoas de Leça se libertaram já do peso a que estavam submetidas, há vários anos, sob a ideia de que os sem os «comendadores» Leça parava, ou desaparecia do mapa.

QUAL O FUTURO?

Após tudo o que fica dito, pergunta-se: Qual o futuro da Facar? Entrega aos patrões? Solução mista? Ou nacionalização?

A questão põe-se com acuidade, porquanto, apesar da solução lógica na perspectiva da Constituição ser a nacionalização há quem não esteja interessado nisso. E não são só os Carvalhos, que assim perderiam todas as hipóteses que ainda alimentam de voltar a ganhar oito a dez contos por hora.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 422/76, terá de ser decidida até 29 de Maio de 1977 a forma de desintervenção a aplicar à Facar.

Qual será a decisão do Governo? Estão os governantes suficientemente atentos às irregularidades cometidas pelos Carvalhos, apuradas ou ainda por apurar? Estarão conscientes das consequências para a economia nacional que advém da circunstância de uma família controlar os factores de produção de uma empresa com a projecção e importância da Facar?

A defesa dos interesses da colectividade não poderá comportar a aspiração que ainda alimentar os Carvalhos de vir a «gerir» a empresa mesmo que se digam «democratas» e «socialistas em liberdade».

Pobreza e requintes de bizarra opulência

Após a sua suspensão os comendadores Carvalhos arquitectaram várias formas de retomar o ceptro da Facar. Entre elas, tentaram fazer crer que estavam pobres, na miséria. Para isso foram várias vezes à delegação do M. T. pedir emprego na fábrica. Queriam trabalhar — assim o diziam — para sobreviver.

Mas não ficaram por aqui, na sua encenação. Passaram, em determinada altura, a vender garrafões de vinho e hortaliças à porta de casa. Cenas comoventes...

A abastança em que se movem, porém, não é fácil de apagar.

Os senhores que ofereciam fatinhos para o baptismo dos filhos de alguns operários ou que lhes davam 500 escudos por altura do casamento para melhor os ter na mão, que davam dinheiro para a Igreja e para os bombeiros, são os mesmos que se dedicavam a bizarros requintes.

Assim, enquanto alguns operários viviam em barracas, o comendador Fernando mandava construir um abrigo antiatómico na antiga Quinta do Conde de Leça, comprada há cerca de 10 anos por 10 mil contos. De então para cá a casa tem vindo a ser restaurada de acordo com os requintes artísticos do comandador. Toalheiras aquecidas, caleiras, em cobre, vitrais da Holanda, persianas suiças com células foto-eléctricas para regular a entrada da luz, telhas importadas no valor de 500 escudos, são alguns dos singelos melhoramentos.

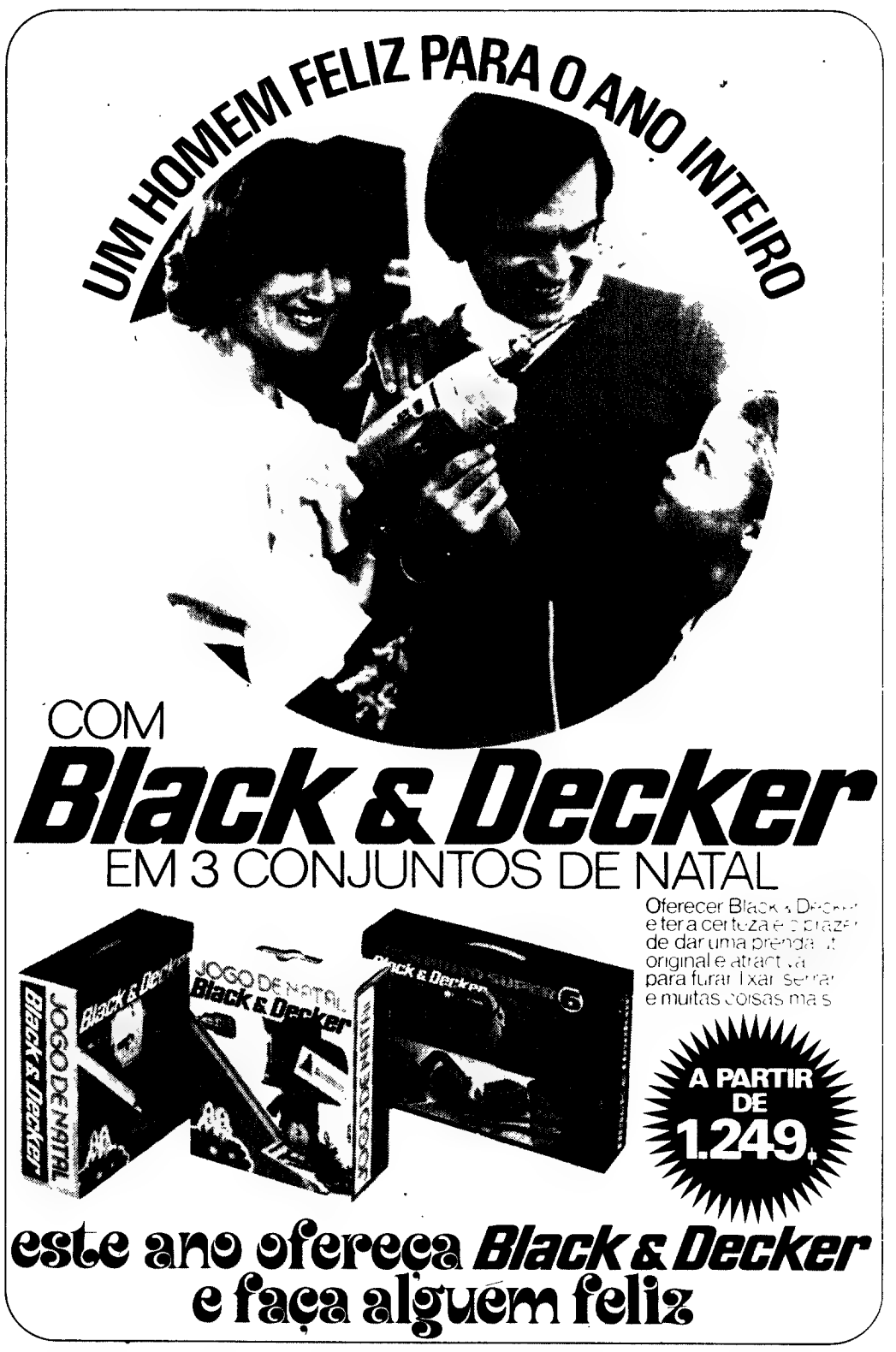
Os tectos foram por várias vezes deitados abaixo e reconstruídos de novo por não estarem de acordo com a sensibilidade artística do comendador. Só uma roldana mandada fazer recentemente está orçada em 40 contos. O muro que delimita a quinta foi feito em betão armado com malha de aço que terá custado uma fortuna. A propósito, contaram-nos que o betão utilizado daria para fazer um bairro para os operários.

Muita mão-de-obra da Facar foi utilizada na concretização dos rebuscados projectos de Fernando Carvalho tendo sido orçadas em 80 mil contos as obras de restauro feitas até à saída dos Carvalhos da empresa.

Enquanto alguns operários tinham necessidade de recorrer a peditórios para sobreviver na doença ou na reforma. António Carvalho, por seu lado, importava da Holanda vacas no valor de 400 contos, para a sua quinta em Beiriz. Comprava quadros (dizem ter uma colecção no valor de 30 mil contos) ou dava-se ao luxo de pôr na sua garagem uma porta automática que custou cerca de 400 contos.

Estes os pobres vendedores de vinho e hortaliça, proprietários das casas de várias ruas de Leça da Palmeira.

É caso para ter dó...



Estrangeiro

REDUÇÃO DE ARMAMENTO NA EUROPA CENTRAL

Quem trava as conversações de Viena?

..Terminou na semana passada em Viena mais uma fase das conversações que estão a decorrer entre a N. A. T. O. e o Pacto de Varsóvia para redução mútua e equilibrada de forças na Europa Central (MBRF). As negociações, encetadas em Outubro de 1973, têm vindo a marcar passo e, tal como se esperava, todos os problemas passam intactos para a fase seguinte, que se inicia em Janeiro próximo.

Na última reunião plenária, antes do adiamento, a N. A. T. O. apresentou, pela primeira vez, dados estatísticos actualizados referentes aos efectivos terrestres e aerotransportados que tem na área de redução de forças. Segundo um porta-voz da N. A. T. O., as tropas desta Organização na Europa Central aumentaram de 770 mil homens (em 1973) para 800 mil, enquanto as forças do Pacto de Varsóvia teriam registado um aumento equivalente e fixar-se-iam agora em 925 mil homens. Estes dados estatísticos apresentados pela N. A. T. O. foram imediatamente contestados pelo porta-voz do Pacto de Varsóvia, segundo o qual existe grande disparidade entre os números fornecidos pela N. A. T. O. e os dados de que os países socialistas dispõem.

Um princípio fundamental rege estas negociações: a redução não deve implicar nenhum prejuízo para a segurança de qualquer das partes. De acordo com esta regra, os países socialistas concordaram em que a redução dos efectivos e dos armamentos fosse dividida em duas etapas: numa primeira fase, só os E. U. A. e a U. R. S. S. procederiam à redução. Os outros países participantes fariam a redução numa fase posterior.

Na sua abordagem deste problema, os países ocidentais apoiam-se sempre na concepção de uma hipotética «desproporção» das tropas terrestres nesta área. Como acima dissemos, mais uma vez insistem nisso, falando em 125 mil homens que o Pacto de Varsóvia teria a mais que a N. A. T. O. na área de redução.

Este argumento é esgrimido para justificar a sua exigência principal proceder a uma redução dita «assimética», o que significa que a redução das tropas do Pacto de Varsóvia deve ser duas vezes maior que a das tropas da N. A. T. O. Fazendo isto, porém, os Estados socialistas dariam uma vantagem unilateral ao outro bloco militar, arriscando a sua segurança. A verdade é que, segundo os países do Pacto de Varsóvia, não existe grande diferença nos efectivos dos dois blocos. No dia 10 de Junho, os países socialistas deram a conhecer a situação dos seus efectivos em relação a Janeiro de 1976. Os países da N. A. T. O. nada adiantaram por então, limitando-se a repetir os números já conhecidos que se referiam à situação em Outubro de 1973.

Só no final desta fase de negociações é que a N. A. T. O. forneceu, como acima dissemos, números actuais que, no entanto, não mereceram o crédito dos países socialistas.

Outro aspecto do problema reside na segunda fase da redução. A Europa Ocidental e o Canadá recusam-se a um compromisso formal de redução na segunda etapa, ficando-se pela disposição de «examinarem a possibilidade» de tomar compromissos relativos à redução, desde que os Estados socialistas aceitem totalmente o esquema proposto pela N. A. T. O.

Estas circunstâncias levam a que os países socialistas entendam não haver as condições mínimas para a redução da primeira fase. Tanto mais que o esquema apresentado pelo Ocidente prevê apenas a redução do número dos blindados soviéticos e de uma parte dos engenhos nucleares americanos. Deste modo, exclui-se totalmente a redução da esmagadora maioria das armas e do material de guerra que a N. A. T. O. tem na Europa Central. Argumentam os países ocidentais, dizendo que a redução dos armamentos não é matéria de discussão. Trata-se de uma estranha maneira de pôr o problema, pois a conferência é exactamente dedicada à redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central. Insistindo nesta posição, as potências ocidentais esvaziam a conferência do seu próprio conteúdo.

Por outro lado, se se pretende um desanuviamento militar, como é possível consegui-lo, mantendo os *stocks* de armamento convencional e nuclear e os meios de transporte de que certos países da N. A. T. O. dispõem?

..É evidente que sem uma redução universal dos armamentos e do material de guerra não é possível atingir o objectivo principal das negociações de Viena a criação de relações mais estáveis e o reforço da paz e da segurança na Europa.

Mas há outra circunstância a destacar: enquanto as potências ocidentais vão arrastando as conversações de Viena, os meios da N. A. T. O. dão mostras de actividade febril e lançam-se na corrida aos armamentos. Basta apontar a reorganização das tropas no quadro do Atlântico Norte e a realização em vasta escala de um programa de modernização dos diferentes sistemas de armas do bloco militar ocidental.

Esta «febre» armamentista da N. A. T. O. está em perfeita contradição com os objectivos visados pela conferência de Viena. Se no próximo mês de Janeiro não houver da parte dos países ocidentais um outro ânimo de negociação, o impasse em Viena continuará, ameaçando o desanuviamento, entre o Leste e o Oeste, e, em última análise, a paz e a segurança da Europa.

A. N.

PUB

DIA 27

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

(continuação da assembleia de 21-12-76)

REFEITÓRIO DA CARRIS ÀS 21.30 HORAS

Rua 1.º de Maio (Santo Amaro)

PROPOSTA

Atendendo a que a conciliação do CCT-V dos rodoviários se encontra agora pendente da tabela salarial que vier a ser apresentada pela Rodoviária Nacional aos Sindicatos, os trabalhadores rodoviários reunidos em Assembleia Geral na Voz do Operário,

DECIDEM:

1 — Exigir à R.N., ao Ministério do Trabalho e ao Ministério dos Transportes, que assumam a responsabilidade que lhes cabe na resolução do grave problema que lesa os interesses dos trabalhadores rodoviários, apresentando rápidamente uma contraproposta honesta de tabela salarial.
2 — Marcar nova Assembleia Geral para a próxima segunda-feira, dia 27 de Dezembro no Refeitório da COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA, sita na Rua 1.º de Maio, 101-103 em Lisboa, para analisar a contraproposta e tomar as medidas necessárias.

A LUTA CONTINUA!

(ESTA MOÇÃO FOI APROVADA POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO)
2 ABSTENÇÕES

Os trabalhadores filiados no SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, reunidos em Assembleia Geral Extraordinária em 21.12.76, na Voz do Operário,

considerando;

1 — Que o patronato e a R.N. tudo têm feito para boicotar e atrasar a saída do novo CCT-V.
2 — Que o Ministério do Trabalho e dos Transportes têm-se mantido passivos quando não mesmo colaborando na sabotagem feita pelo patronato e na tentativa da Rodoviária Nacional em retirar regalias aos trabalhadores.
3 — Que qualquer posição tomada isoladamente por um Sindicato só poderá contribuir para dividir os trabalhadores, o que só servirá os interesses do patronato e atrasar ainda mais a saída do novo CCT-V.

DECIDEM:

1 — Protestar energicamente contra a conduta do patronato e da R.N., e a passividade do governo e exigir do Ministério do Trabalho e dos Transportes, medidas firmes com vista a dar satisfação com brevidade às justas reivindicações dos trabalhadores, nomeadamente a publicação rápida de uma portaria que estenda a todos os trabalhadores rodoviários aquilo que for acordado com a R.N.
2 — Não apoiar qualquer forma de luta que seja tomada isoladamente por um sindicato sem ouvir os trabalhadores dos outros sindicatos que participam na negociação, e sem antes esgotar todos os meios à mesa das negociações para resolver os problemas existentes.

— POR UM CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL QUE RESPONDA ÀS JUSTAS ASPIRAÇÕES DOS TRABALHADORES!
.....— PELA UNIDADE DE TODA A CLASSE!
.....— UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 21 de Dezembro de 1976

(ESTA MOÇÃO FOI APROVADA POR ACLAMAÇÃO, COM DUAS ABSTENÇÕES)

PUB

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

POSIÇÃO PERANTE A NOTA OFICIOSA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

POSIÇÃO PERANTE A NOTA OFICIOSA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

O Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul, ao tomar conhecimento da nota oficiosa do Ministério do Trabalho sobre a «Greve da Mala», vem esclarecer e tornar pública a seguinte posição:

1.º Liminarmente, o Sindicato de Garagens afirma a sua autonomia em relação ao bloco dos elementos e entidades que constituem a Comissão Sindical Negociadora (CSN).
Como tal, define, em cada momento das negociações, as atitudes mais correctas e justas, sempre sob auscultação da vontade dos trabalhadores que representa sem enfeudamento a quaisquer outros interesses ou manobras.
2.º No seguimento desta orientação, reuniu a Assembleia Geral do Sindicato de Garagens nos dias 19 de Dezembro de 1976, no Instituto Superior Técnico, assembleia que decretou a greve, nas condições em que a mesma se está a verificar.
3.º A Direcção do Sindicato de Garagens e Transportes do Centro e Sul partiu para a negociação do Contrato sob uma forte e intensa auscultação dos trabalhadores, espalhados por toda a extensa área do Sindicato. Está, por isso, nesta hora, à vontade, para assumir as responsabilidades do momento.
4.º Julga-se oportuno, transcrever a declaração fundamental de princípios de que se partiu para as negociações (Declaração número um):
A Comissão Sindical Negociadora declara como seu princípio fundamental da negociação:
PRIMEIRO: — Não alteração das cláusulas consignadas na anterior regulamentação e constante da proposta sindical.
SEGUNDO — Não aceitação de diminuição de regalias e conquistas na discussão das cláusulas cujo conteúdo foi alterado na proposta.
5.º A partir do momento em que este Sindicato se apercebeu de que os direitos adquiridos pelos trabalhadores nas suas justas lutas, e consagrados no contrato anterior, estavam eles próprios a ser postos em causa, a Direcção tomou uma atitude de activa vigilância dentro da CSN, tanto mais que, num passado recente, os direitos adquiridos pelos trabalhadores, em relação à rectroactividade das disposições contratuais, tinham sido traídos por quem tinha obrigação estrita de os defender.
6.º Não venha a nota do M. T., muito demagogicamente, afirmar que o objectivo actual das negociações é o de «salvaguardar uma eficaz gestão da R.N.»: Este Sindicato nada tem a ver com «gestões eficazes», à custa dos direitos dos trabalhadores.
7.º Ninguém mais do que este Sindicato pugnou pela total nacionalização do sector rodoviário, em posições públicas e até documentadas junto do Ministério dos Transportes.
Por isso, rejeita a provocação contida na nota do M. T. segundo a qual os grevistas pretendem «pôr em causa a nacionalização da R.N.», vem assim «criar condições favoráveis ao regresso dos ex-patrões».
Não é este Sindicato que promove reuniões no estrangeiro esmolando o regresso dos empresários!!!...
8.º As posições deste Sindicato na CSN são públicas e todas as suas atitudes de não seguidismo em relação aos demais elementos que integram a Comissão, fundamentaram-se sempre na defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores.
Esta defesa será assumida, no presente e no futuro, custe o que custar, mesmo sob o jogo das calúnias e da demagogia dos inimigos dos trabalhadores.

EM FRENTE PELO CCTV!
A LUTA CONTINUA!
VIVA A JUSTA LUTA DOS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS!

Lisboa, 22 de Dezembro de 1976

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
José Eduardo M. Borges

Estrangeiro

Governo libanês pede poderes especiais ao Parlamento

O governo libanês pediu hoje ao Parlamento que lhe conceda poderes espaciais para o auxiliar a resolver os graves problemas criados por 19 meses de uma devastadora guerra civil.

O primeiro-ministro, Selin Al-Hoss, apresentou uma lei destinada a dar poderes ao gabinete para decretar a abolição ou emendar as leis existentes e estabelecer novas medidas por um período de seis meses. Segundo se previa ontem, Hoss iria pedir autoridade para impor a censura à Imprensa e para proclamar o estado de sítio em certas regiões do país, bem como a delimitação de algumas «regiões militares» nomeadamente no que respeita a Beirute e arredores.

O Parlamento, de 99 lugares, reuniu-se sob um forte dispositivo de segurança. Foi a primeira vez desde o fim da guerra que a Assembleia reuniu em sessão, mas só compareceram 72 dos seus membros, que, no total, representam todas as facções existentes no país.

Enquanto isto, os dirigentes da Resistência palestiniana esforçam-se por fazer parar os combates entre elementos pró-sírios e outras facções mais radicais. Numa reunião de emergência, efectuada ontem, dirigentes da O.L.P. decidiram criar uma força especial encarregada de policiar os acampamentos dos subúrbios meridionais de Beirute com elementos tanto dos grupos pró-sírios como dos anti-sírios.

Uma sondagem de uma organização, «Frente do Cidadão Libanês», revelou entretanto que 95 por cento dos libaneses pretendem uma mudança do regime (que dura desde 1943), 20 por cento se mostram favoráveis a uma «laicização» do país, enquanto 80 por cento pretendem a descentralização do poder.

Os E.U.A. prometeram ontem enviar para o Líbano alguns alimentos e auxílio técnico para minorar os prejuízos causados ao país pela guerra e que se estimam em três mil milhões de dólares. Os EUA vão enviar vinte milhões, enquanto estudam um plano de auxílio mais vasto.

Por outro lado, a decisão egipcio-síria de reunificação dos dois Estados foi acolhida com satisfação tanto pelos libaneses como pelos palestinianos. Yasser Arafat considerou a decisão «histórica e importante» classificando-a ainda de «etapa essencial para o interesse da luta árabe». O efeito mais palpável da decisão parece ser, no entanto, o do desbloqueamento da conferência de Genebra, pois deste modo poderá com facilidade chegar-se a uma delegação árabe unificada, com a presença da O.L.P. nela integrada.

Segundo a ANOP/UPI, o primeiro-ministro libanês entende que tal decisão terá efeitos positivos no Líbano, mas a Líbia e a Jordânia terão ficado, pelo menos, na expectativa. Para a UPI, esta resolução cria um eixo Cairo-Damasco-Amã, aceite pelo Líbano e pela OLP, mas decerto não pela Líbia, que tem apresentado posições mais radicais. Anuncia-se entretanto que o rei jordano visitará a Síria dentro em breve para conferenciar com Assad.

LUTA PELO PODER EM ISRAEL

Depois de o primeiro-ministro, Ytzhak Rabin, ter provocado a queda do governo, desencadeou-se uma guerra pelo poder entre por um lado, a oposição e o partido governamental, e, por outro, facções diferentes do Partido Trabalhista. Agora é o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, que se candidata ao cargo declarando ser o único candidato capaz de fortalecer o governo. Enquanto isto, em Nova York, o «New York Times» revela que o presidente Gerald Ford teria decidido reduzir a ajuda dos E.U.A. a Israel em 800 milhões (em relação ao que havia sido proposto pelo Departamento do Estado).

O Partido Trabalhista de Israel terá em Fevereiro o seu congresso e deverá indicar então quem será o candidato à chefia do governo.

LÍDER DO PARTIDO BLANCO:
"Ou desaparece o fascismo ou desaparece o Uruguai"

«Os juízes condenam qualquer pessoa, ainda que não haja cometido qualquer delito, mas pela simples razão de ser considerada «perigosa» para o regime fascista do meu país», palavras de Wilson Ferreira Aldunate, líder do Partido Blanco, do Uruguai, um dos que está à frente na luta contra a ditadura militar que sufoca este outrora próspero país latino-americano. Segundo um telegrama da IPS, Aldunate falou em Caracas, onde chegou para assistir a um acto especial de solidariedade com o general Liber Serengi, o líder da oposição unificada na «Frente Ampla», preso pela ditadura uruguaia, e disse que a prisão de alguém, sem que tenha existido delito «é a maior aberração que pode haver nos nossos dias e constitui a essência do fascismo no uruguai».

De acordo com uma «Lei de Estado Perigoso», recentemente promulgada, qualquer pessoa pode ser enviada para a prisão, durante vários anos, se o juiz encarregado do caso a considerar «perigosa para o regime». Motivos para que isto aconteça: basta ter amigos que não concordem com a ditadura ou ter entre os livros da sua biblioteca, volumes «condenados».

Ferreira Aldunate diz mais: «Hoje, não há uma família no Uruguai que não tenha um orto um preso, um torturado ou um exilado. É um país pequeno onde cada torturado não é trado por «Fulano de Tal» mas como «parente de Fulano» ou «que tabalha em tal parte». Esta sistematização da tortura e o vexame a que as suas vítimas são expostas, não têm razão de ser. Agora, fala-se em «elementos perigosos» porque não há guerrilha, não há extremismo, não há contestação. O Governo vangloria-se disso, mas continua a torturar a prender e a matar».

O líder político uruguaio acredita que a única saída para o seu país está no enfraquecimento da unidade militar. Informou que, neste sentido, já se notam fissuras na cúpula das Forças Armadas e existem oficiais presos e exilados. Acrescenta que «falta que se produza uma situação de total decomposição, que permita um avanço popular».

Para ajudar este avanço, Aldurante revelou que a resistência está a organizar a luta internamente, para fazer funcionar as organizações políticas e sindicais, actualmente proibidas, apesar das dificuldades que a repressão e a falta de prática de trabalho clandestino representam.

As declarações de Wilson Ferreira Aldunate, terminam dramaticamente: «A opção é muito clara: ou desaparece o regime fascista ou desaparece o Uruguai como país».

Com 2,5 milhões de habitantes, uma taxa de emigração de 40 por cento com um polícia para cada 50 habitantes, este pequeno país à beira do rio da Prata entre a Argentina de Videla e o Brasil de Geisel, já foi chamado «a Suíça da América Latina». Hoje, é uma nação em decadência sob o tacão dos seus generais pró-americanos.

Caleidoscópio

. Ex-agente da C.I.A. preso pelo F.B.I. o F.B.I. prendeu ontem um antigo funcionário da C.I.A., Edwin Moore, de 56 anos, por tentar vender informações à União Soviética. A prisão seguiu-se à descoberta de um embrulho contendo documentos secretos norte-americanos nos jardins de um edifício, em Washington, ocupado pelos soviéticos.

NATO O secretário-geral da NATO, Luns, declarou, numa entrevista à A.F.P., que os países membros da NATO deviam aumentar os seus orçamentos de Defesa, sob pena de a Organização não poder funcionar nos anos 80. Luns desmentiu que a Aliança fosse alargar a sua esfera de acção, desmentindo um artigo do almirante americano Kidd.

NOMEAÇÕES NOS E.U.A. Theodore Sorenson, colaborador do falecido presidente Kennedy e historiador é apontado como o futuro director da C.I.A. e espera-se que a sua nomeação seja feita hoje.

NATAL Como manda a tradição esta é a época da «concórdia» e «pacificação». Tréguas de três dias na Irlanda, prometidas pelo I.R.A., e amnistias em vários países (Bolívia, Brasil, Argentina, Jamaica, República Dominicana, Peru) eis alguns dos efeitos do Natal.

PERIGOS DO AMIANTO — Um relatório elaborado por 12 cientistas adverte que a exposição a todas as formas comerciais de amianto resulta numa alta incidência do cancro do pulmão e que os operários das fábricas daquele produto estão sujeitos a grande risco de contrair aquele mal.

CORVALAN O dirigente do P.C. Chileno, Luis Corvalan, apareceu hoje pela primeira vez em público no aeroporto de Vnukovo, de Moscovo, onde foi saudado por mais de 500 soviéticos e estudantes latino-americanos, bem como por altas personalidades soviéticas.

FALÊNCIA DE UMA CIDADE A cidade de Kudamastu, no Japão, abriu falência, e as autoridades municipais vão despedir um quinto dos trabalhadores camarários, reduzir os salários dos que ficarem e suspender a realização de projectos publicos.

Incidentes em Madagascar — 121 mortos

Cento e vinte e um mortos e 239 feridos — é o balanço dos graves incidentes registados em Majunga (Madagascar) e que levaram o Governo a decretar estado de sítio naquela localidade.

A calma parece ter regressado àquele país, onde se processa uma experiência revolucionária, depois de os militares terem arredado do poder o dirigente socialista pró-imperialista e serventuário da França, Tsiranana. Estes incidentes são os últimos duma série de tentativas da direita para «desestabilizar» a situação e levar a um regime mais favorável aos seus interesses.

Suspensos os trabalhos da Assembleia Geral da O.N.U.

A 31.ª Assembleia Geral da O. N. U. adiou os seus trabalhos, a partir da noite de ontem, até 1977, numa atmosfera classificada como de «opimismo prudente», após uma sessão que foi considerada como a mais calma dos últimos anos. Os problemas relativos à África Austral e sobre o Médio Oriente foram os assuntos dominantes durante os três meses da sessão. Estava previsto que os trabalhos seriam encerrados, mas a pedido dos países subdesenvolvidos foi decidida a suspensão, para um posterior exame do resultado da conferência Norte-Sul. A Assembleia Geral das Nações Unidas volta a reunir-se na próxima Primavera.

GUERRA BACTERIOLÓGICA
População dos Estados Unidos serviu de cobaia ao Pentágono

Um porta-voz do Departamento de Estado revelou ontem que entre os anos de 1950 e 1966 foram realizados oito «ataques simulados a cidades e instalações militares norte-americanas com «substâncias biológicas não tóxicas». Os alvos: o Pentágono, São Francisco, New York, Mechannicsburgh (Pensilvânia), Key West (Florida) e a base de Fort McClellan (Alabama). O exército utilizou uma substância chamada Serriata Marcescens, «que não provocava doenças». Entretanto, um jornal dos arrabaldes de New York, o «Newsday», escreveu que em 1960 morreu um homem em São Francisco, após a experiência. No seu sangue foi constatada a presença de Serriata.

Curioso: os Estados Unidos renunciaram, em 1969, ao emprego das armas bacteriológicas. Agora, revela-se que a sua população serve como cobaia a experiências que só poderão ter sido feitas com a concordância dos altos círculos militares reunidos no Pentágono.

Mancha de petróleo arruina flora fauna e pescadores

Uma enorme mancha de petróleo, com 160 quilómetros de extensão, continua a dirigir-se para as ricas zonas piscatórias do Atlântico, na costa da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, após o petroleiro liberiano «Argo Merchant» se ter partido em dois, ontem, vítima de uma tempestade, depois de permanecer encalhado por oito dias a 27 milhas da ilha de Nantucker. Um navio de pesquisas começou a estudar a vasta mancha, que ameaça a flora e a fauna marítima da valiosa área de pesca de Georg'es Bank e põe em perigo o emprego de 30.000 pescadores. Estes já intentaram uma acção judicial contra os armadores do «Argo Merchant», exigindo uma indemnização de 60 milhões de dólares 1.800.000 contos.

Os cientistas reunidos em Boston para estudar o impacto ecológico que o derramamento de 37 milhões de litros de petróleo vai trazer para aquela zona do Atlântico, não sabem se o lençol vai ficar a boiar na superfície ou se submergirá. Milhares de aves marinhas mortas já deram à costa e os pescadores anunciaram que os seus materiais estão arruinados. Mobilizam-se todos os esforços para minorar os efeitos deste desastre.

Takeo Fukuda será primeiro-ministro amanhã

Takeo Fukuda, um economista de 71 anos, foi hoje nomeado presidente do partido liberal-democrático japonês, facto que lhe dá direito a tornar-se dentro de vinte e quatro horas, primeiro-ministro do seu país. A nomeação para esse cargo será concretizada amanhã quando o Parlamento se reunir em sessão extraordinária.

Takeo Fukuda sucede ao seu correligionário, Takeo Miki, que se demetiu após o revés eleitoral sofrido pelo seu partido. Apesar do partido ter perdido a maioria na Câmara Baixa, continua a poder formar governo, dado que onze candidatos independentes que haviam ganho as eleições, prometeram apoio aos liberais democráticos.

Fukuda prometeu continuar a política externa que tem sido seguida até agora por Tóquio e que as investigações sobre o escândalo «Lockheed» iriam até ao fim.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

universal

ESTREIA ÀS 17 h e 21 h

SÁBADO, DIA 25

O ANO 01

Um filme de

ALAIN RESNAIS, JACQUES DOILLON e JEAN ROUCH

Às 15 h, 19 h e 23 h:

O INIMIGO PRINCIPAL, de Jorge Sanjines

Nas suas férias de Natal e Ano Novo utilize os comboios especiais da CP

INFORMA: Caminhos de Ferro Portugueses

SUPRESSÃO DE ALGUNS COMBOIOS NO DIA DE NATAL

Face às estatísticas de anos anteriores que mostram uma ocupação reduzida de comboios nos dias de Natal a C. P. toma este ano a título experimental a iniciativa de eliminar algumas circulações no dia 25 de Dezembro o que permitirá, mesmo, uma melhor utilização dos recursos disponíveis nos dias anteriores àquela data, uma vez que existe uma maior procura do transporte ferroviário, conforme o justifica o plano de comboios especiais, nacionais e internacionais, já programados para esta época do ano.

Assim, a C. P. aconselha os senhores passageiros a uma consulta prévia nas estações e secções de informação, do horário dos comboios existentes.

NATAL E ANO NOVO 1976/77
SERVIÇO ESPECIAL NA LINHA DO OESTE

Por motivo das Férias de Natal e Ano Novo efectuar-se-ão, caso a afluência de passageiros o justifique, além das circulações regulares, mais as seguintes circulações de desdobramento, com as 1ª. e 2ª. classes, nos dias que se indicam para cada uma:

A	B	C	D	Estações e Apeadeiros		E	F	G	H
H. M.	H. M.	H. M.	H. M.			H. M.	H. M.	H. M.	H. M.
..	13-25	13-25	16-45	P. .... LISBOA (ROSSIO)	C.	17-35	21-17	21-17	..
..	-	-	-	P. ..... Campolide	C.	17-28	21-10	21-10	22-27
..	13-47	13-47	17-08	C.) ..... Cacém	(P.	17-12	20-52	20-52	22-09
10-15	13-48	13-48	17-10	P.)	(C.	16-57	20-50	20-50	22-07
10a20	13a53	13a53	|	P. ..... Meleças (ap.)	P.	16-53	20-46	20-46	22-02
10a24	13a56	13a56	↓	P. ..... Telhal (par.)	P.	16-50	20-43	20-43	21-59
10-29	13-59	13-59	17-21	P. ..... Sabugo	P.	16-46	20-39	20-39	21-55
10a34	14a04	14a04	|	P. ... Pedra Furada (ap.) ..	P.	16-41	20-31	20-31	21-48
10-41	14-09	14-09	|	P. ..... Mafra	P.	16-36	20-25	20-25	21-42
10a45	14a14	14a14	↓	P. . Alcainça-Moinhos (ap.).	P.	16a32	20a21	20a21	21a38
10-51	14-20	14-20	17-35	P. ..... Malveira	P.	16-29	20-18	20-18	21-35
10a56	14a25	14a25	|	P. ..., Jerumelo (ap.)	P.	16a23	20a12	20a12	21a27
11a01	14a29	14a29	|	P. .... Sapataria (ap.)	P.	16-17	20-06	20-06	21-20
11-06	14-33	14-33	|	P. ..... Pêro Negro	P.	16-13	20-02	20-02	21-15
11a08	14a36	14a36	|	P. .... Zibreira (par.)	P.	16a09	19a58	19a58	21a09
11a11	14a39	14a39	↓	P. .... Feliteira (par.)	P.	16-06	19-54	19-54	21-05
11-15	14-42	14-42	17-52	P. ..... Dois Portos	P.	16-02	19-50	19-50	21-00
11-20	14-48	14-48	-	P. ..... Runa	P.	15-56	19-43	19-43	20-52
11-25	14-53	14-53	18-00	C.) . . . Torres Vedras	(P.	15-49	19-37	19-37	20-44
11-27	14-55	14-55	18-02	P.)	(C.	15-48	19-36	19-36	20-41
11-36	15-03	15-03	|	P. ..... Ramalhal	P.	15-41	19-29	19-29	20-22
11-45	15-12	15-12	↓	P. ..... Outeiro	P.	15-34	19-21	19-21	20-15
11a49	15a16	15a16	|	P. .... Camarão (par.)	P.	15a26	19a13	19a13	20a11
11-55	15-22	15-22	18-25	P. ..... Bombarral	P.	15-21	19-08	19-08	20-06
11a59	15a26	15a26	-	P. .....Paul (ap.)	P.	**15a14**	**19a03**	**19a03**	**19a59**
12-04	15-33	15-33	18-32	P. ..... São Mamede	P.	15-10	18-59	18-59	19-55
12a07	15a36	15a36	-	P. .Dagorda-Peniche (ap.) ..	P.	15a06	18a54	18a54	19a51
12-12	15-41	15-41	18-39	P. ..... Óbidos	P.	15-02	18-50	18-50	19-47
12-18	15-47	15-47	18-45	C.) ... Caldas da Rainha	(P.	14-55	18-45	18-45	19-40
..	..	15-49	..	P.) ... Campo-Serra (ap.) ...	(C.	..	18-41	..	..
..	..	15a52	..	P.	P.	..	18a35	..	..
..	..	15-57	..	P. ..... Bouro	P.	...	18-29	..	..
..	..	16a00	..	P. .. Salir do Porto (ap.) .	P.	..	18a25	..	..
..	..	16-03	..	P. . São Martinho do Porto .	P.	..	18-21	..	..
..	..	16a09	..	P. ..... Mouchinha (ap.) ...	P.	..	18a14	..	..
..	..	16-13	..	P. ..... Cela	P.	..	18-08	..	..
..	..	16-19	..	P. ..... Valado	P.	..	18-02	..	..
..	..	16a25	..	P. ..... Fanhais (par.)	P.	..	17a55	..	..
..	..	16-31	..	P. ..... Pataias	P.	..	17-50	..	..
..	..	16-39	..	P. ..... Martingança	P.	..	17-44	..	..
..	..	16-45	..	C. ↓ .... MARINHA GRANDE	P.	..	17-35	..	..

(a) - Só efectua paragem quando haja passageiros para embarcar ou desembarcar devendo, neste caso, ser previamente prevenido o revisor.

A - Em 18, 21, 23 e 24 de Dezembro
B - Em 17, 18, 19, 22, 24, 28, 30 de Dezembro 1976 e 4 de Janeiro 1977
C - Em 21, 23, 26, 27 e 31 de Dezembro 1976
D - Em 17, 21, 23, 27 e 28 de Dezembro 1976
E - Em 18, 21, 23 e 24 de Dezembro 1976 e 3 de Janeiro 1977
F - Em 21, 23, 26, 27 e 31 de Dezembro 1976 e 2 de Janeiro 1977
G - Em 17, 18, 19, 20, 22, 24 e 30 de Dezembro 1976 e 4 de Janeiro 1977
H - Em 17, 21, 23, 26, 27 e 28 de Dezembro.

Para informação mais detalhada, devem os Srs. Passageiros consultar o respectivo Cartaz-Horário que se encontra afixado nas nossas estações.

O INATEL

INATEL
INSTITUTO NACIONAL PARA APROVEITAMENTO DOS TEMPOS LIVRES DOS TRABALHADORES

deseja a todos os Trabalhadores Portugueses, Entidades, Organizações, Firmas ou pessoas que connosco têm colaborado na prossecução dos fins que logramos atingir, como Organização ao Serviço de todos os Trabalhadores,

UM BOM NATAL
E
PRÓSPERO ANO NOVO

Que Azeite!
Que zeitinho!
Azeitissimo

Copaz,
o Azeite.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

PERDEU-SE
bolsa com documentos entre Setúbal e Moita. Agradece-se a sua devolução para Rua Bartolomeu Dias, 22, r/c Dt.º, Setúbal.

Nacional

Governo tentará controlar preços

«É forçoso reconhecer que em grande parte, ainda não nos foi possivel concretizar, nos quatro meses do Governo Constitucional, as medidas previstas no capítulo agricultura e pescas do Programa do Governo, na rúbrica comércio e transformação dos produtos agrícolas e política de preços», afirmou ontem o secretário de Estado do Comércio e Indústrias Agrícolas, dr. Carlos Filipe, ao conferir posse aos novo vice-presidente da Junta Nacional de Produtos Pecuários (JNPP), dr. Pinto Mourão.

Mais adiante, o dr. Carlos Filipe referiu o interesse do Governo na reestruturação daquele organismo e a vontade de o tornar num «verdadeiro instrumento de execução da política anunciada para este sector e da obrigação que ao Estado incumbe, nos termos da Constituição da República, de intervir na formação e no controlo dos preços, incumbindo-lhe racionalizar os circuitos de distribuição e eliminar os desnecessários».

ESPECULAÇÃO

Da Secretaria de Estado do Comércio Interno recebemos a seguinte nota oficiosa, que visa esclarecer a opinião pùblica sobre o aumento de processos por especulação nalguns sectores do comércio de vestuário e alimentos. A nota é do seguinte teor:

. «Em virtude da acção intensificada das brigadas da fiscalização económica, tem esta Secretaria de Estado conhecimento diário das práticas antieconómicas que, deploravelmente, alguns agentes do comércio continuam a utilizar com frequência a nível nacional.

Esta situação, a que não é alheio o maior poder de compra durante a quadra festiva, e a forte tendência de certos consumidores em adquirirem bens sem exigirem o estrito cumprimento dos preços tabelados, ou até a mera afixação dos preços nos bens e serviços, tem levado ao agravamento de instauração de processos por especulação em sectores básicos do comércio como é o caso das carnes e ovos, o vestuário e o calçado.

Nestas circunstâncias, entende a Secretaria de Estado do Comércio Interno dever esclarecer a opinião pública no seguinte:

1 É obrigatório a afixação de preços em locais bem visíveis, seja em bens ou serviços, de modo a que os consumidores tenham conhecimento antecipado dos preços desses bens ou serviços.

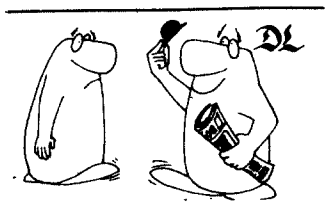
2 As margens de comercialização especulativas no vestuário e calçado serão em todos os casos reprimidas e instaurados processos.

3 A especulação na venda de carnes e ovos está a ser severamente combatida, mas apela-se aos consumidores para apresentarem as suas reclamações junto da Direcção-Geral de Fiscalização Económica, seja através da prova documental da eventual fraude, seja pela apresentação de testemunhas.»

Natal e Ano Novo alteram remoção do lixo de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa aconselha a população da cidade e áreas envolventes a não colocar o habitual recipiente de lixo às portas nos dias 25 e 26 do corrente, e 1 e 2 de Janeiro, pelo facto de não se efectuar a remoção do mesmo naqueles dias.

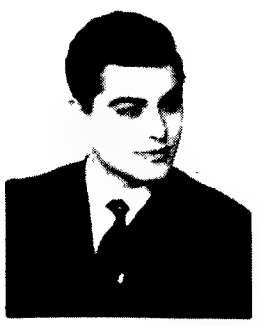
Assinala ainda o aviso do gabinete de Imprensa da C.M.L. que nos locais em que a remoção tem normalmente início às zero horas, aquela operação não se realizará nas madrugadas dos referidos dias. A título excepcional, os detritos só serão carregados a partir das zero horas de 27 de Dezembro e de 3 de Janeiro.



Centro de Instrução Técnica e Publicit Editora

Desejam a todos os seus estimados alunos e clientes NATAL FELIZ e ANO NOVO PRÓSPERO.

Aproveitando a oportunidade para informar que como habitualmente toda a organização se encontra encerrada do dia 24 de Dezembro ao dia 2 de Janeiro, para efeitos de balanço.



Eu abaixo assinada com o nome de Maria da Encarnação Paulo Roxo Rodrigues, declaro não tomar responsabilidade por quaisquer dívidas ou actos praticados por meu marido, José Alfredo Rodrigues.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1976

Maria da Encarnação Paulo Roxo Rodrigues

(Segue reconhecimento)

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFICIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

PROPOSTA

Considerando o facto da quadra natalícia que se atravessa, considerando ainda o excesso de passageiros que se prevê no longo curso, derivando daí a impossibilidade de servir os passageiros que viajam normalmente, propõem os Trabalhadores do CEP-8-Setúbal o seguinte:

1.º Que se suspenda a greve de não cobrança pelas 24 horas de hoje, dia 22 de Dezembro de 1976.

2.º Que se não estiverem consagrados os direitos dos Trabalhadores Rodoviários no CCTV até ao dia 4 de Janeiro de 1977, pelas 24 horas reiniciar-se-á a Greve de igual modo, a partir da hora atrás indicada e até à assinatura do CCTV.

3.º Os trabalhadores em causa reafirmam estarem solidários com os Sindicatos (Garagens e Transportes do Centro e Sul e Rodoviários de Setúbal), conscientes que esta posição se justifica pela afluência em demasia de passageiros.

4.º Que no Plenário do dia 4/1/77 esteja presente a Comissão Sindical Negociadora.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade e ratificada por aclamação.
Lisboa, 22 de Dezembro de 1976

O Presidente da Direcção
José Eduardo M. Borges

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

TUDO ISTO EXISTE, TUDO ISTO É TRISTE...

O aspecto mais saliente do programa de ontem (o mais saliente, embora não o mais original) foi a chusma de secretários e subsecretários que tivemos de gramar.

Bom, sem falar do futebol que preencheu todo o serão. Que bem, o futebol! Duas horas em que não ouvimos locutores, nem doutores, nem ministros, nem sinistros. Duas horas em que, quem leva pontapés, não são os trabalhadores rurais, nem o controlo operário nem a Reforma Agrária mas a bola de coiro. Duas horas em que se dão férias (breves, breves...) ao anti-sovietismo. Aliás, e a respeito deste último ponto, não me admirava que, num prazo mais ou menos curto, desabasse sobre as nossas cabeças um novo programa (uma nova infâmia...) semelhante a outro de triste memória. Entretanto, lá vão afiando as unhas de milhafre com pequenos, ridículos, golpes avulsos obtidos não se sabe onde...

Partida tranquila de futebol, um jogo sem pimenta e com muita água, água por todos os lados, poças grandes e pequenas. Assim devem ter ficado elucidados os italianos que assistiram acerca da profusão de piscinas que existem no nosso país, como resultado certamente do político do secretário Joaquim de Sousa. Estar ligado à Eurovisão tem destas vantagens.

Infelizmente, o futebol não dura sempre. Infelizmente o futebol terminou e com a ida de Alves dos Santos coincidiu a chegada de António Luís Rafael para o derradeiro *Telejornal* que por acaso até rima com três badaladas e um balde de cal...

Ah, pobre televisão, o estado novo a que tu chegaste...

SILVA GRAÇA ESTÁ VINGADO

Falava eu da presença dos secretários e subsecretários. Assim a televisão cavalga. Dura há muito esta situação e não se lhe vê fim próximo.

Ontem, a respeito disso, foram nada menos de 5 (cinco) os que visitaram a RTP (ora essa, não façam cerimónia, estão na vossa casa!) e por lá se demoraram mais ou menos tempo.

Principiou com o Almeida, sub do Trabalho. Continuou com o Sousa, secret da Juventude e Desportos. Depois, o Magalhães, secret da Orientação Pedagógica. Mais tarde seria o Coelho, secret das Pescas e finalmente Frank Carlucci, perdão, Joaquim de Sousa, na companhia de Carlucci. Reparo agora que não foram cinco os representantes do Governo, mas quatro. O erro esteve no *bis* do Sousa.

Do que eles disseram, para lhes ser franco, nem me arrecordo. Não sei quê isto, não sei quê aquilo. Aliás muito eloquentes.

Ainda assim o que retive melhor foram as palavras do Joaquim Sousa. Atrevo-me até a pedir à RTP que o enfoque mais vezes, quanto mais não seja para que os portugueses saibam: Deus não dorme. O dr. Silva Graça está bem vingado. Um Governo que substitui um homem como o dr. Silva Graça por um pobre homem como este Sousa está condenado à miséria de viver um viver de miséria.

Joaquim Sousa é um mau cartaz. Telegenicamente, a imagem repele. Se é assim calado, tudo se agrava quando fala, isto é: quando diz palavras. Conteúdo indigente, entra-se no reino do lugar-comum, que é a batota da inteligência. A pronúncia faz lembrar a de alguém que não atingisse o estádio de desenvolvimento correspondente à sua idade. Fechar os ouvidos quando ele começa a falar, é a única solução que convém se quisermos lutar eficazmente contra a poluição sonora.

Ouvir Sousa e depois morrer.

De vergonha.

VANTAGENS: QUAIS?

Pois o homenzinho foi assinar um protocolo de assistência desportiva com Frank Carlucci.

Não deixou de frisar a tradicional amizade entre Portugal e os Estados Unidos. O mais curioso é que já oiço isto na televisão há cerca de 18 anos. Noutras bocas, claro. Mas isso também não tem grande importância, n'é, ó Sousa? Tradição é tradição...

Ouvimo-lo depois salientar a compreensão que encontrou por parte de Frank Carlucci, *um homem* disse *devotado à cultura física*, mais ainda: *destacado praticamente de ténis...*

São conhecidas ou suspeitadas as aptidões de Frank Carlucci para outras muitas actividades. Faltava incluir no currículo as suas qualidades de tenista. O ténis é, pois, o desporto em que se delicia, pelo menos o desporto que mais aprecia, seguramente aquele

Continua na pág 22

TEATRO / telef. 366745

ABC

SÉRGIO DE AZEVEDO
apresenta
TODOS OS DIAS
2 SESSÕES
Às 20.30 e 22.45 horas

Sábado (dia de Natal) e domingo matinées às 16 h.

O CA A COR SE PA AD R

UM ELENCO ULTRAPOPULAR
com
Herminia Silva • Nicolau Breyner • Ribeirinho Vera Mónica • Vitor Mendes • Lurdes Lima
(Não acons. menores 18 anos)

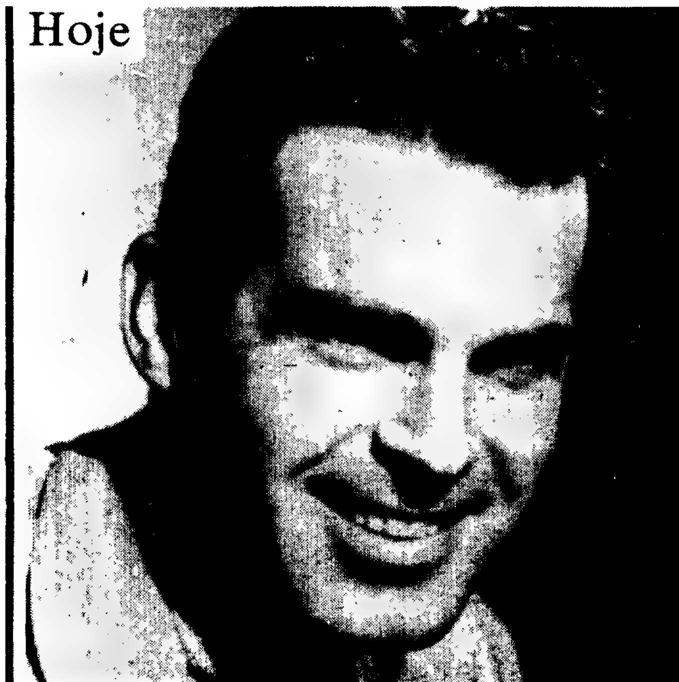
SEARA NOVA

Acaba de sair o numero de DEZEMBRO
[illegible]
Que poderes vão ter as autarquias locais?
Anselmo Aníbal
Adam Smith os 200 anos da Riqueza das Nações
Vasco Gomes
O Controlo dos meios de comunicação de massa no Brasil
[illegible]
[illegible] um novo presidente, uma velha política
Edgar Valles
Compre já a sua Seara de Dezembro

UM SEMANÁRIO DIFERENTE PARA CHEGAR A MAIS GENTE

Mais um jornal se anuncia para breve.
Você, que anda de tal maneira «cheio de informação» que até já perdeu o hábito de fazer a sua paragem diária nas bancadas dos ardinas, interroga-se sobre mais um semanário que vai sair
Tem a dúvida da oportunidade, o sobressalto da desconfiança, o cepticismo da qualidade.
Nós concordamos consigo
Você terá talvez toda a razão em pensar assim
Excepto num caso
Excepto no que diz respeito ao TELEX.
O TELEX é de facto um semanário diferente para chegar a mais gente.
A si, por exemplo!

Hoje



Fred MacMurray intérprete do filme «Lembra-te daquela noite»

I PROGRAMA

- **18.30** Abertura.
- **18.32** **Bonecos** — «Susana e Daniel» Diário das Fábulas.
- **19.00** **Espaço arte**
- **19.30** **O Conde de Monte Cristo** A obra de Alexandre Dumas
- **20.00** **Cientificamente**
- **20.30** **Telejornal** . 1.ª edição
- **21.05** **Programa do Estado-Maior-General das Forcas Armadas** .. Dominação Filipina.
- **21.35** **As Trapalhadas do Robin dos Bosques** — As aventuras desta lendária figura segundo Mell Brooks.
- **22.05** **Um Programa da Direcção de Informação**
- **23.20** **Telejornal**
- **23.40** Fecho.

II PROGRAMA

- **20.30** **Telejornal**
- **21.00** **Lembra-te Daquela Noite** (Remember the night). Intérpretes: Barbara Stanwick e Fred MacMurray. Realização de Mitchell Seisen. Ano de produção: 1940.

Amanhã

I PROGRAMA

15.45: Abertura e **Janela Grande** — A democracia. Duas crianças de 12 anos entrevistam Maria Barroso deputada à Assembleia da República que responde às duvidas e problemas que lhe são postos. **16.15**: **Sequim D'Outo. 17.50**: **Frei Vicente** — **Canções para o Natal**. Programa filmado no Centro de Portugal sob a direcção de Ruy Ferrão. Produção de Melo Pereira. **18.20**: **Cantos de Natal nas montanhas da Polónia. 18.55**: **Royal Variety Show** — Um espectáculo «music-hall» gravado no London Palladium na presença da rainha Isabel de Inglaterra com Telly Savalas, Charles Azenavour, Vera Lynn, Count Basis e Bruce Forsyth. Produção da ITC. **20.30**: **Telejornal 21.00**: **Mensagem de Natal de S. Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa**. **21.20**: **A Lenda da Canção de Natal** — Na origem da famosa e bela canção de Natal «Noite Silenciosa», está uma história com tonalidades de ternura e drama. Rodado na Áustria e na Alemanha, este filme reconstitui essa história, a vida de Franz Gruber que criou essa admirável melodia. Intervêm no filme o coral dos rapazes de Viena, as «Marionettes» de Zalzburgo, os actores James Mason, no papel de Fraz Gruber, e Kirk Douglas, este como anfitrião e narrador, e o Coral das Naçoes Unidas. Produção e direcção: Daniel Mann. **22.30**: **Papas para o Natal** — Episódio da série inglesa de Lumov. «Na véspera de Natal, na prisão Slade, prepara-se uma fuga. Um dos presos resolveu não colaborar e passar o Natal na enfermaria da prisão, simplesmente, a entrada não é assim tão fácil, e ele acaba por ter de... **23.15**: **Canções portuguesas de Natal** — Pelo Grupo Coral de Azurem (Guimarães). **23.45** — **Missa do Galo** — Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa. **01.00**: Fecho.

PUB

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º-D — LISBOA-1
TELEFONES 4 17 51 - 53 55 47

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados deste Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar dia 27, pelas 20 horas, no Hospital D. Estéfânia, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único

Discussão e posição a tomar face ao PROJECTO DO PROGRAMA DE ACÇÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES — INTERSINDICAL e LEI SINDICAL.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
Maria José Viana de Almeida

Nota: Se à hora marcada não estiver o maior número de sócios, esta realizar-se-à uma hora depois, com o número de sócios presentes.

PUB

SECRETARIADO PROVISÓRIO DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA

Nos termos e para os efeitos do art.º n.º 6 do Dec-Lei n.º 215-B/75 de 30 de Abril e do art.º 23.º alínea e) dos Estatutos da Federação do Sindicato da Construção Civil, convoco uma Assembleia para o dia 7 de Janeiro de 1977 pelas 14 horas (quatorze horas) a realizar no salão da União dos Sindicatos de Lisboa, na Rua Victor Cordon, n.º 1-2.º em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único

— Alteração dos Estatutos

Pelo Secretariado Provisório

PARA REPARACAO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

NO NATAL

Nem só de teatro infantil vive a cena lisboeta

Estes dias de Natal costumam ser, na cidade, um tartote para as crianças, até a nível de espectáculos. Durante o ano, rara é a peça de teatro, raro é o filme ou o espectáculo que lhes seja propositadamente destinado: mas vem o Natal e ele é filme de desenho animado, ele é fábula representada, ele é filme de animais, ele é o ligeirinho musical, passando pela série de peças infantis feitas a calhar para preencher festas de empresas, distribuição de binquedos e tardes da criançada.

Mas nem só de teatro infantil vive a cena lisboeta neste fim de semana prolongado e festivo. É assim que, embora tenha saído de cartaz a peça da Cornucópia (Alta Áustria), continuam a trabalhar «Os Cómicos», a Comuna, o Grupo 4, a Companhia de Jacinto Ramos, Raul Solnado no Parque Mayer e o Teatro Estúdio de Lisboa. Destaques neste rol para «O Muro» que a Comuna continua a ter em cena com raro êxito, e para «O Círculo de giz caucasiano», que se aproxima do fim.

A peça adaptada por João Mota, do livro de José Gomes Ferreira «Aventuras de João sem medo» tem marcados para este fim de semana espectáculos às 21 e 30 de hoje, para as 21 e 30 de sábado e para as 18 horas de domingo. Vale a pena ir à Casa Cor de Rosa, na Praça de Espanha: o público está a corresponder (ainda anteontem lá vimos uma razoável assistência) e o espectáculo, conforme tem assinalado toda a crítica, é mesmo excepcional.

Por outro lado, o espectáculo do Grupo 4 («O Circulo de Giz») exige uma urgente deslocação ao Teatro Aberto por dois motivos: o primeiro, a peça de Bertolt Brecht, já vista por umas 50 mil pessoas, justifica muito mais; por outro, este espectáculo tem apenas mais oito dias de vida: hoje representa-se às 21 e 15, amanhã há folga, e no dia de Natal estão marcadas duas sessões: às 15 e 30 e às 21 e 15. Para um espectáculo tão extenuante, do ponto de vista dos actores, é obra! Domingo o «Círculo» apenas é apresentado às 16 horas.

O Grupo 4 manterá este seu importante trabalho em cena até ao próximo dia 2 de Janeiro, ou seja, de domingo a oito dias.

Além destas peças, «Os Cómicos» trabalham hoje, às 21 e 45, no Teatro do Bairro Alto, à mesma hora no sábado e às 18 horas n domingo. A peça é um conjunto de três entremezes ce cordel «Do Teatro ao Cais do Sodré». Estão ainda em cena «Tudo no Jardim» de Albee, no teatro S. Luiz, «O Escritório», pelo TEL, no Vasco Santana, e um texto representado por Solnado no Variedades.

«Manecas na idade da pedra», pelo Teatro Infantil de Lisboa, é apresentado no teatro ABC às 15 e 17 horas de sábado. É um original de Carlos Manuel Rodrigues e Agostinho Macedo

«Bão» é o espectáculo da Comuna para o Natal das crianças de Lisboa. Será apresentado no dia de Natal às 17 horas

«BÃO» NA COMUNA «MANECAS» NO ABC «OPERÁRIO» NO ADOQUE

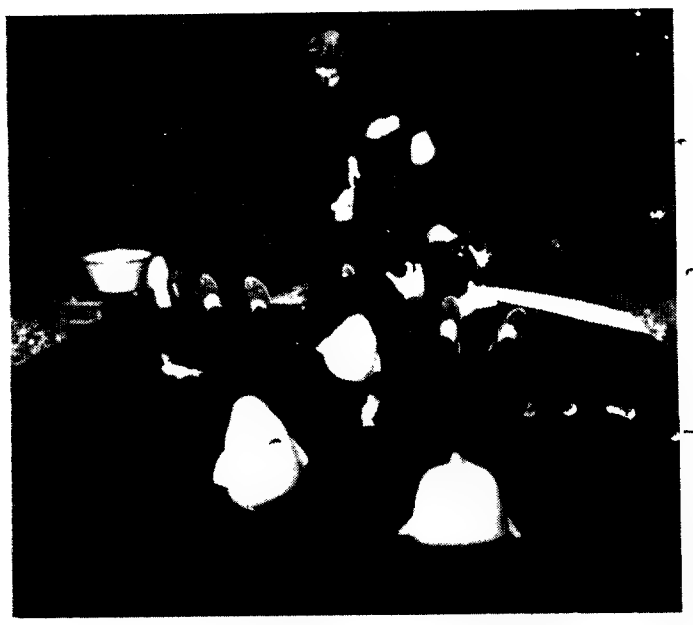
Como diziamos no início, esta é a época das crianças, até no teatro. Já não falamos de Circo (no Coliseu e na Alameda D. Afonso Henriques Circo Mariano), já não falamos das festas avulsas, mas recordamos, sobretudo, os espectáculos do Adoque, do ABC e da Comuna.

Quanto ao Teatro Adoque, no Martins Moniz, há «Os operários de Natal», onde o «DL» esteve no passado domingo. No ABC, o Teatro Infantil de Lisboa apresenta «Manecas na Idade da Pedra» às 15 e 17 horas de sábado e às 11 de domingo; na sexta-feira há descanso.

A Comuna intensifica a actividade nestes dias: no sábado, às 17 horas, repõe um seu antigo espectáculo infantil intitulado «Bão» e que foi apresentado pelo grupo na Polónia, Itália e França em festivais internacionais. No domingo, às 15 horas, haverá cinema infantil e animação cultural a cargo de Nuno Madureira. As entradas serão gratuitas para as crianças através das Comissões de moradores e de trabalhadores e a 10 escudos para as outras. Os adultos pagam o dobro.

Resta dizer, neste apanhado de espectáculos teatrais de Natal, que as três revistas em cena em Lisboa, no Maria Vitória, no Adoque e no ABC têm três sessões no sábado e no domingo. Amanhã é dia de folga para todos.

Uma nota final: «A grande cegada» de Nicholson e seus companheiros da cooperativa do teatro Adoque apenas será apresentada até ao dia 2 de Janeiro. Depois é a vez do novo espectáculo: «Queres fiado?».



«O Muro», preparado a partir das «Aventuras de João Sem Medo», de José Gomes Ferreira continua em cena na Comuna (na foto). A outra alternativa de qualidade assegurada por toda a crítica é «O círculo de giz caucasiano», pelo Grupo 4. Isto para além do teatro infantil que por estes dias toma de assalto numerosos palcos da cidade

CRÍTICA DE TEATRO

Lembranças natalícias

«O RAPTO DO CAMALEÃO ALFACE», de Maria Clara Machado. Teatro do Nosso Tempo (Pr. José Fontana). 18/12/1976.

Carlos Porto

Assistindo ao espectáculo infantil que o Teatro do Nosso Tempo está a apresentar na José Fontana, pensávamos uma vez mais na infelicidade das nossas crianças para as quais os escritores portugueses não escrevem peças. Além desta carência de textos originais, acontece, para tornar mais sombrio o «espectáculo», que os nossos homens de teatro, fora as excepções, não aproveitam os poucos exemplos do teatro que temos para crianças e não são capazes de adaptar à cena obras não dramáticas susceptíveis de aproveitamento cénico.

O texto de Maria Clara Machado, como quase todos os seus textos, é bastante pobre sob o ponto de vista de imaginação, é bastante discutível sob o ponto de vista didáctico (os indios surgem claramente ridicularizados) e a sua escrita abrasileirada não nos parece a mais indicada para as nossas crianças. Temos, não podemos deixar de ter, dezenas de escritores que são capazes, não podem deixar de ser capazes de escrever melhor teatro do que este. Que maldição caiu sobre nós que impede que sejam posíveis coisas tão simples e óbvias? Todo um trabalho a fazer e a começar quase do zero.

Não obstante a boa-vontade e o esforço manifestados pelos actores menos jovens ou mais jovens (que interpretam os índios, o avô, os netos, o gato, o cão, o burro), o que houve no espectáculo de mais interessante e de mais vivo foi a interferência e participação das crianças que faziam parte do público (aliás, muito diminuto). Essa apetência, essa vontade de improvisação de que as crianças são um manancial inesgotável, continuam por aproveitar. É pena.

PIROLITO

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telef 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de bertolt brecht
encenação JOÃO LOURENÇO
DIA DE NATAL
15 e 30 e 21 e 15
DOMINGO SÓ ÀS 16 h
ÚLTIMAS
Só até ao fim do ano

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diariamente às 21.30 h.
O Muro
Inspirado em
«AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO»
de José Gomes Ferreira
Domingo só «matinée» às 18 h.
2.as Feiras — Descanso da Companhia
PREÇO ÚNICO - 40$00
Condições especiais
PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVÃ
Telefone 76 26 24

NÃO ACONSELHÁVEL A M/18 ANOS
ADÓQUE
A GRANDE CEGADA
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!
REAPARECE POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
DIA 25 — TRÊS SESSÕES: ÀS 16.30, 20.30 e 22.30
DIA 26 — ÀS 16.30 e 21.30
ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS
ATÉ AO DIA 2 DE JANEIRO
DEFINITIVAMENTE!
TEATRO ADÓQUE-Martim Moniz-Tel. 874476

INSTALADO NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES (JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO)
O PÚBLICO CONTINUA A APLAUDIR COM GRANDE ENTUSIASMO A NOVA COMPANHIA DO MAIOR E MAIS ALEGRE ESPECTÁCULO DO ANO
AS LOTAÇÕES ESGOTADAS CONTINUAM, VENHA VER OS MAIORES ARTISTAS CIRCENSES, AO VOSSO CIRCO
CIRCO MARIANO
(O VOSSO CIRCO) EMP. HENRY TONY
TODAS AS NOITES, ÀS 21.30 * HOJE, «MATINÉE» ÀS 16.30 HORAS
AMANHÃ — «MATINÉE» ÀS 16.30 HORAS — ÚNICO ESPECTÁCULO
SÁBADO e DOMINGO — 3 ESPECTÁCULOS, às 15, às 18 e às 21.30 horas
ATENÇÃO! AO NOSSO GRANDE E JÁ FAMOSO «REVEILLON»
GRANDES ATRACÇÕES, FESTA E ALEGRIA COMO NUNCA VISTO
UM GRANDE ESPECTÁCULO
VENHAM VER em TODOS os ESPECTACULOS a ALEGRIA das CRIANÇAS e ADULTOS
HEIDI, PEDRO, AVÔ ALP E YUKI
2 — PARELHAS DE PALHAÇOS — 2
«OS ELIZABETH'S E CAMPOS FILHOS»
Pela 1.ª vez em Portugal, vindos directamente de Inglaterra
«OS ELEFANTES BEBÉS»

«OS OPERÁRIOS DO NATAL»
ESPECTÁCULO INFANTIL PARA TODAS AS IDADES
O SEU FILHO MERECE VER
«OS OPERÁRIOS DO NATAL»
SÁBADO E DOMINGO ÀS 14.30
PREÇOS POPULARES
ADÓQUE teatro infantil
LARGO MARTIM MONIZ
TEL. 87 44 76
(METRO DO SOCORRO)

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Os doze trabalhos de Asterix" de Goscinny e Uderzo

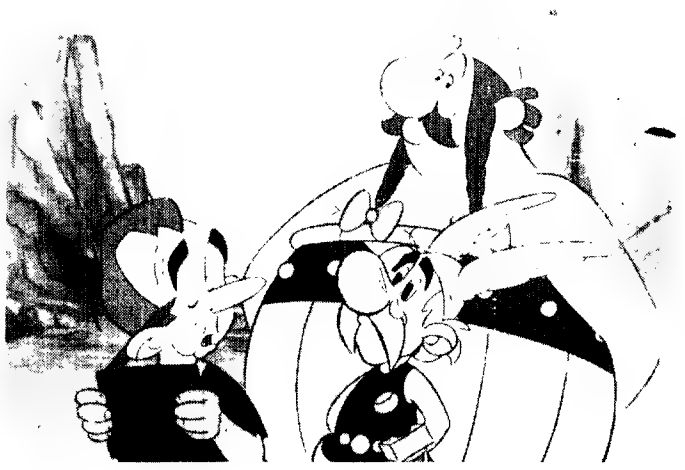
Falar de Astérix, Obélix e C.ª é falar de banda desenhada. Ponto de partida que me parece de extrema importância até para avaliar dos porquês do relativo fracasso deste filme.

Deixemos porém falar, lucidamente, os próprios seus autores:

«Há uma enorme diferença entre a banda desenhada e o filme de animação. São linguagens gráficas muito diferentes» — afirma Uderzo. Ao que Goscinny acrescenta: «Corremos um risco suplementar de desagradar. Porque impomos às pessoas algo mais: o movimento, o ritmo. Quando se lê uma banda desenhada, é-se senhor da duração das imagens; no filme esta liberdade desaparece».

Pequeno trecho (de resto extraído do próprio material publicitário do filme, para a imprensa) que diz muito sobre as razões que fazem dos álbuns Astérix uma notável criação e dos filmes um simples aproveitamento desse sucesso.

A concepção de Astérix e a força das suas histórias nascem de vários factores muito dificilmente transponíveis para cinema: uma noção do espaço do «quadradinho» móvel e elástica; o captar dos (hipotéticos) movimentos em momentos privilegiados e estáticos; o uso dos «balões» como um componente dinâmico e activo e não um simples veículo de legendas; uma pormenorização subtil dos «décors» só perceptível através da sua prolongada exploração pelo nosso olhar; a própria mudez dos personagens que nos permite colar-lhes uma imaginária sonoridade, evidentemente particular para cada leitor...



Um filme com Atérix que faz desejar o seu retorno à banda desenhada

Nos primeiros dois filmes sobre aventuras de Astérix e o trabalho de Goscinny e Uderzo limitava-se a dar movimento a imagens fixas e pré-feitas nas pranchas dos respectivos álbuns. Neste filme há um passo em frente. Algumas sequências (como a da ilha dos prazeres) têm uma génese que é já específica do cinema (baseada na ligação do movimento e do som) mas que, por isso mesmo, são alheias ao universo de Astérix. Surgem como um quase «enxerto» no essencial, na trama dos 12 hercúleos trabalhos.

E se essa trama é, nalguns momentos, de uma inegável originalidade no domínio das ideias-base e dos **gags**, rara é a situação onde quer o desenvolvimento quer, sobretudo, o desfecho sejam conseguidos. Voltando à sequência da ilha dos amores parece evidente que vários caminhos produtivos se apresentavam (verdade seja dita que quase todos impeditivos do carácter «infantil» do filme) e os autores escolheram um que tem quase tanto de incoerente como de infeliz; o mesmo se dirá para aqueloutra sequência da caverna do Monstro (simples pretexto para nova «exibição» de recursos cinematográficos), ou ainda das da corrida, do lançamento de dardo, do jantar gigantesco, dos crocodilos sagrados ou da do circo, todas elas relativamente óbvias (e aliás já vistas, na generalidade, em álbuns passados). Conseguidas em pleno, apontaríamos as sequências do lutador germânico (?), do mago egípcio e, sobretudo, as impagáveis **charges** à burocracia e à publicidade.

De resto é adivinhável, neste filme, um relativo bloqueamento dos seus autores, na medida em que não podendo usar de alguns dos fortes vectores que apontámos no início e desejando fazer um «verdadeiro» filme perdem-se demasiado em facilidades num caminho para o **non-sense** que nunca sendo total (é ver o final atalhado de forma um pouco atabalhoada), é muitas vezes apenas mediocre.

E, afinal de contas, se o cinema nunca se deu bem com as grandes bandas desenhadas (porque só são grandes quando exploram as suas próprias estruturas e potencialidades) porquê insistir com um dos seus nomes mais notórios na transposição para o cinema?

Resposta que só os mecanismos de mercado poderão dar e que nunca satisfará os apaixonados de Astérix. Como nós.

TELEVISÃO

"História à vista": Mas que História?

Doze professores orientadores de Estágio de História do Ensino Preparatório, após analisarem nas suas implicações científico-pedagógicas o programa «História à vista», apresentado pela RTP, decidiram tomar uma posição perante o referido programa, «no sentido de alertar os responsáveis e o público em geral para a incorrecção daquele, nos pontos de vista científico e pedagógico-didáctico».

Assim, consideram: «Os assuntos tratados (Episódio de Egas Moniz, Morte do Lidador, Padeira de Aljubarrota, etc.) não visam a compreensão histórica de uma época, mas são abordados apenas no seu lado narrativo e pontual, sem qualquer enquadramento social e cultural».

Ainda: «Cometem-se frequentemente erros de informação científica (por exemplo, a Lei das Sesmarias apresentada como resultado dos apetittes de Leonor Teles)».

Mais: «Transpõem-se para épocas anteriores, valores, linguagem, padrões de comportamento e problemas de actualidade, contrariando frontalmente um dos objectivos da História que é dar aos alunos a compreensão da noção do tempo histórico (por exemplo, referência a falta de empregadas domésticas no tempo de Egas Moniz, D. Fernando afirmando que «tempo é dinheiro», etc.).

Acusa ainda o grupo de professores orientadores de estágio de que «o tratamento dado aos vários assuntos focados é, pela sua superficialidade e ausência de investigação, contrário à preocupação de rigor científico e à aquisição de hábitos de pesquisa que os actuais programas de História (a nível nacional e internacional) expressamente indicam». Finalmente: «Faz-se uma utilização inadequada e deseducativa do esforço e empenhamento das crianças, único aspecto que consideramos positivo no programa.»

Cenas & Cenários

● HAJA PUDOR

Foi um leitor do «D/L» que revelou um facto altamente insólito e ainda por esclarecer: o desconto que uma companhia de teatro subsidiada faria a quem apresentasse um cartão do Partido Socialista

O caso passou-se com a companhia Teatro de Todos os Tempos, dirigida por Jacinto Ramos e a actuar no São Luiz.

Jacinto Ramos podia ser útil ao nosso teatro se se limitasse a ser actor pois bem dirigido é capaz de cumprir satisfatoriamente essas funções (aliás, importantes). As suas ambições, contudo, são demasiado grandes para as asas de que dispõe: ei-lo encenador, director de companhia e empresário. Os resultados têm sido aquilo que o anedotário do nosso teatro regista. O que se está a passar com o Teatro de Todos os Tempos é deploravelmente sintomático. Depois de Albee, a companhia que tem um nome tão pomposo propõe-se fazer Chagas Roquete. Esse facto levou um dos seus poucos elementos válidos (Graça Lobo) a pedir a demissão.

Ao que nos dizem, Jacinto Ramos pretende levar o próximo espectáculo a emigrantes, o que evidentemente não deixará de custar bom dinheiro e não deixará de ser uma safadíssima pouca vergonha.

Além disso, e pelos vistos, Jacinto Ramos pede subsídios em triplicado! Isto no momento em que os únicos grupos que fazem teatro a sério, são marginalizados...

Já não pedimos mais, co'os diabos, mas haja ao menos um pouco de pudor. *Estas coisas nem no tempo do fascismo* e esta é possivelmente a coisa mais triste que escrevemos depois do 25 de Abril.

● UMA COMÉDIA TRISTE NA CASA DA DITA

Aí vai uma história. Apareceu um dia à extintíssima e em parte honradamente gonçalvista Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais um problema bicudo. Tratava-se do caso de um grupo de trabalhadores da Casa da Comédia que pretendia transformar-se em cooperativa legalizando aquele clube de teatro que tinha sido até então mais ou menos dirigido por pessoas sentimentalmente ligadas ao teatro e que pareciam funcionar como pequenos Mecenas, embora fosse mais aparência do que outra coisa (devemos, no entanto, dizer que vimos na Casa da Comédia alguns excelentes espectáculos).

Ouvidas as duas partes, verificada a ilegalidade da gerência da Casa da Comédia, foi resolvido apoiar a pretensão dos trabalhadores ficando a CCAT responsável pela sua gestão até estarem cumpridos os indispensáveis trâmites legais. Aqui está como se procede com perfeito apartidarismo, sem se atender, portanto, ao partido ou partidos a que os trabalhadores pertenciam.

Não foi, por isso, sem grande mágoa que verificámos que um desses trabalhadores é um dos mais responsáveis traiu os seus camaradas solidários com os restantes grupos que a SEC pretende marginalizar, subscrevendo um pedido de subsídio de acordo com o regulamento posto em questão pelos trabalhadores do teatro independente. E não foi sem igual mágoa que vimos Glicínia Quartin juntar-se a Norberto Barroca nesse pedido. Se aqui escrevemos os dois nomes, fazêmo-lo esperançados de que receberemos um desmentido e de que esta história bonita não terá um fim infeliz.

C. P.

«NEM 8 NEM 80»
Um prato dos «antigos» ao preço «antigo»
NO
CAFÉ CANAS
RESTAURANTE
SNACK-BAR
Rua Saraiva de Carvalho
CAMPO DE OURIQUE

REVEILLON 1976/77
Passe a sua Noite de S. Silvestre à beira do Rio Tejo
O MELHOR «REVEILLON»
Ambiente familiar com o CONJUNTO RENOVAÇÃO
MARQUE A SUA MESA, TELEF.(S) 61 54 85/6
Cooperativa Hoteleira — Mercado do Povo — Belém

AGORA, TODOS OS DIAS
SÉRGIO AZEVEDO
APRESENTA
til
TEATRO ABC
TEL. 36 67 45
GRÁTIS ATÉ 6 ANOS
BILHETES DESDE 15$00
SUBSIDIADO PELA S. E. C.
Teatro Infantil de Lisboa
MANECAS NA IDADE DA PEDRA
SÁBADOS (2 sessões) 15 e 17 HORAS
DOMINGOS — 11 Horas
outros dias às 16 horas
6.ª feira DESCANSO

MARIA VITÓRIA
TELEF. 36 17 40
UM ÊXITO!

IVONE SILVA
em «Angústia para o jantar»
● HOJE E TODOS OS DIAS ●
2 SESSÕES: AS 20.30 e 22.45 H.
O descanso será na 6.ª feira, 24
SÁBADO DIA DE NATAL
E DOMINGO «MATINÉES» às 16 H.
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!
A NOVA PLURALIREVISTA
O BOMBO DA FESTA!
Não ac. M/18 anos
A atracção japonesa ● YÚKIE ●
com
SALVADOR * HENRIQUE SANTANA * LYGIA TELLES
A frente de um grande elenco e de um corpo de Baile Internacional

ESTE ANO VAMOS OFERECER PRENDAS UTEIS

• Máquinas fotográficas • Câmaras de filmar
• Projectores
• Objectivas, Filtros e outros acessórios
fotolatina
ANTÓNIO DE OLIVEIRA Herdeiros
Direcção de WALDEMAR TRAVASSOS
FOTOGRAFIA • CINEMA • SOM
AV. JOÃO XXI Nº 12 A - 12B - TELEFS 80336 - 72248 • LISBOA-1

Desporto

Carlucci e o dr. Joaquim de Sousa: assinaturas em documento que rasga novas perspectivas ao Desporto português

PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS

Desporto em intercâmbio

. Um acordo desportivo entre Portugal e os Estados Unidos da América foi ontem assinado, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, por um representante do nosso país (o dr. Joaquim de Sousa, secretário de Estado da Juventude e Desportos) e pelo embaixador norte-americano na nossa terra (Frank Carlucci).

Eis os propósitos gerais do documento:

. «Encorajar os povos dos EUA e de Portugal a encontrarem-se em amigável competição e cooperação através do Desporto, como meio de promoverem a compreensão mútua; encorajar, cada país, a divulgação das realizações e das práticas do outro, no domínio das actividades desportivas e de ocupação de tempos livres; promover e facilitar o intercâmbio em várias modalidades desportivas (nomeadamente atletismo, basquetebol, natação, remo, ténis, hóquei em patins, andebol e futebol) dentro dos recursos existentes, privados ou públicos. Especificamente, intercâmbio de: técnicos e treinadores; atletas e equipas, com o propósito de competição amigável e uma mútua experiência profissional; árbitros; e filmes sobre tecnicas desportivas.»

. Mais perceituado no acordo desportivo:

. «Promover e facilitar troca de informações, dentro dos limites permitidos pelos recursos existentes, privados ou públicos, nomeadamente informação e actividades em área especializadas, tais como (mas não limitadas por), desportos para os diminuídos e informação sobre a ciência médica e o desporto; informação e técnicas sobre a organização de programas de educação física e desporto escolar; e informação sobre programas de educação física para todas as idades, arbitragem e ainda sobre a organização e direcção de instalações para desporto recreativo.»

Continua na pág. 21

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convoco, para efeitos do preceituado no art.º 33, alínea c), dos Estatutos deste Sindicato, a sua Assembleia Geral Ordinária, para o dia 29 do corrente, pelas 21 horas, em Setúbal no Pavilhão do Clube Naval Setubalense, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. — Apreciação e deliberação do Orçamento Geral para 1977; e

2. — Apreciação e deliberação de Orçamento Suplementar de 1976.

IMPORTANTE: A Assembleia terá início à hora marcada com qualquer número de presencas, sendo indispensável a apresentação do cartão de sócio.

Barreiro, em 13 de Dezembro de 1976

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) João Maria Sovelas

Chuto tem esperanças na Madeira

No estádio dos Barreiros (Funchal) jogam hoje, para o campeonato europeu da categoria, as selecções de «esperanças» de Portugal e Itália. Parece firme que a turma nacional alinhará do modo seguinte: Tibi; Teixeira II, Festas, Eduardo Luís e Cardoso; José Luís, Barão e João; Libânio, Gomes e Sousa.

Por seu lado, a formação transalpina deverá ser constituida por Galli; Galbiati, Cabrini, Boni e Canuti; Manfredoni, Guidolin e Agostinelli e Rossi; Di Bartolomei e Garritano.

Arbitra o espanhol Sanchez Rios. O embate inicia-se pelas 21 e 30, sendo transmitido directamente pela RDP.

CAMPEONATO

Para acerto do calendário da 1.ª divisão jogam hoje (21 e 15), Vitória de Setúbal e Beira Mar (com Eusébio, em plano de atracção).

Também para ficar «fixe» o plano de jogos referentes a torneios secundários, jogam-se, no domingo, diversos embates: Bucelenses-Alhandra e Silves-Beja (3.ª divisão) mais Mirandela-Leixões, para o nacional de juniores.

CASTIGOS

Vítor Baptista foi o grande atingido pela justiça federativa: seis jogos de suspensão, «por injúrias ao árbitro, com acumulação e sucessão de faltas». Outras penalidades aplicadas pelo Conselho de Disciplina da Federação de Futebol: Leopoldo (do Varzim) foi punido com um jogo por faltas leves. Advertências foram feitas a Adolfo (Portimonense), Fernando (Leixões), Abel (Beira Mar), Celso (F.C. Porto), Jaime Graça (V. Setúbal) e Rui Manuel (Atlético).

Dos 31 castigos aplicados a jogadores da 2.ª divisão o mais pesado coube a Alcino Matias (do Sintrense) com 4 jogos, (por ameaça ao árbitro) seguido de Carlos Ferreira (do Lusitano): 3 jogos, por agressão, a um adversário.

Na 3.ª Divisão, a maior penalização recaiu sobre Jaime Valente, do Mogadourense (6 jogos, por tentativa de agressão com acumulação). Foram aplicados mais 53 castigos, na maioria advertências.

Nos 19 juniores castigados, ressalta como mais importante o que tocou a António Barbosa (do Gil Vicente): seis jogos, por agressão a um adversário.

O número de castigos aplicados a clubes atinge 25, com predomínio nas demoras na entrada em campo (17) e comportamento incorrecto de certo público (6).

Multas de maior dimensão: ao Famalicão (3.050$00), por comportamento incorrecto de parte do público, Leixões (2.100$00), por demora na entrada em campo e Salgueiros (2.100$00), por comportamento incorrecto. Por seu turno, o campo do Quarteirense foi interdito (preventivamente) até conclusão de processo disciplinar.

Quatro dirigentes foram punidos: António Leitão (do Caldas) 3 meses de suspensão, por ameaças à equipa de arbitragem; Adelino Leite (do Fafe), Mário Borges (do Mondinense) e Helder Bessa (do Seixal): 1 mês de suspensão a cada, por injúrias ao árbitro.

Em relação a treinadores, regista-se que Francisco Abalroado (da CUF) foi suspenso por um mês e multado em 500$00 por injúrias à equipa de arbitragem, e José Carlos Silva José (do Famalicão) foi suspenso por 10 dias, por ter protestado contra a equipa de arbitragem.

O massagista Faustino Eusébio, do Nisa e Benfica sofreu a punição de 1 mês de suspensão e multa de 500$00 por injúrias ao árbitro. Pelo mesmo motivo foram punidos Vasco Oliveira (secretário técnico do Bombarralense) com um mês de suspensão e o delegado José Moura (do União de Tomar) com 10 dias de suspensão.

CERCO

O Vasco da Gama abordou Alves, no sentido de uma transferência do futebol espanhol para o Estádio de S. Januário (Rio de Janeiro).

MEIRIM

Informação digna de todo o crédito proclama: o dirigente leixonense Diamantino Silva Ramos (Perdigão), cujo desaguisado com Joaquim Meirim provocou suspensão e sequente inquérito ao responsável técnico do «onze» de Matosinhos, está disposto a esportular a verba necessária para o contrato com o controverso treinador ser rescindido. Fala-se que o dinheiro a sair do bolso desse «Mecenas» seria aproximado a mil contos: não é tanto como pode parecer à primeira vista, já que ainda no princípio desta temporada Diamantino Perdigão emprestou ao seu emblema a módica e insignificante quantia de 1500 contos...

A propósito: Meirim aufere, mensalmente, a verba de 80 contos, entre «luvas» e ordenado. Assim, no caso de ser dado (já) por concluído o seu contrato com o Leixões terá direito a uma indemnização na ordem dos 929 contos, fora eventuais prémios de jogo.

SETÚBAL

Mike, o jugoslavo que tinha assumido compromisso com o Vitória de Setúbal, em terras venezuelanas, acaba por não ficar no Bonfim: o seu clube norte-americano negociou o jogador com um emblema canadiano e, assim, o dianteiro da Jugoslávia deixa hoje Portugal a caminho de um patrão que lhe foi imposto...

SPORTING

Manoel ficou ligado ao Sporting, para além de 31 do corrente, após um pagamento (de 800 contos) que os «leões» fizeram entrar nos cofres do Internacional de Porto Alegre (Brasil).

TAÇA

Jogos da «Taça de Portugal», marcados para amanhã: Elvas-Almada, Cova da Piedade-Peniche, Arrifanense-Almeirim, Juventude-Cuf, Moura-Oriental, Montijo-Caldas, Aliados do Lordelo-Régua e Barreirense-Sporting. Para domingo, a Federação ordénou: Famalicão-Beira Mar, Paços de Ferreira-Varzim, Boavista-Marinhense, Mangualde-Infesta, Braga-União de Santarém, Marialvas-Maria da Fonte, Bombarrelense-Sanjoanense, Avintes-Feirense, Luso-Sporting de Espinho, Benavente-Covilhã, Gil Vicente-Penafiel, Alverca-Oliveira do Bairro, Vitória de Setúbal-Vilanovense, Olivais-Limianos, Fafe-Sesimbra e Vitória de Guimarães-Eléctrico. Para quarta-feira (29) teremos: Olhanense-Académico de Coimbra, Viseu e Benfica-Farense, Benfica-Chaves, Nacional-União de Tomar, F.C. Porto-Alba e Bragança-Salgueiros.

Ontem, em jogo antecipado, uma surpresa: a eliminação do primodivisionário Portimonense, por obra e graça do União de Lamas. O grupo de S. João de Lamas venceu o cotejo, por 1-0.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 17, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1976

O Algarve, 22x 1x2 122 211x: A Raveca, 212 1x1 1x2 1x2 111x; A Comarca de Arganil, 222 112 12x 2111; Rádio Totobola, 222 112 122 1x11; Correio do Douro, 211 121 121 x211; O Comércio de Leixões, 2x1 1x1 112 2211; Correio de Coimbra, 221 112 x11 2111; Objectivo, 222 112 1x2 111x; Pajú Desportivo, 22x 1x2 122 x122; Correio do Vouga, 222 112 121 2x11; Diário de Lisboa, 222 1x2 122 2x11; Ecos de Cacia, 222 112 112 2211; Eu Sei Tudo, 222 112 x2x 2x11; Jornal de Gaia, 222 122 222 2121; Folha do Domingo, 2x2 112 122 2111; Gazeta das Caldas, 22x 122 x22 2211; O Jornal de Felgueiras, 2x2 112 12x 2x12; O Jornal da Lixa, 2xx 11x 12x 2x11; Jornal de Sintra, 222 111 222 2211; Linhas de Elvas, 222 1x2 x21 x11x; Litoral, 221 112 1xx 1x1x; Mundo Desportivo, 222 112 122 1x11; O Norte Desportivo, 2x2 122 122 2x11; Notícias de Chaves, 2xx 2xx x22 2222; Notícias do Douro, 222 112 111 xx11; Notícias de Évora, 2xx 112 1x2 x1x1; Notícias de Felgueiras, 222 1x2 122 2111; Notícias de Gouveia, 2x2 112 x22 2211; Notícias das Caldas 22x 111 xx2 x211; Póvoa de Lanhoso, 22x 112 1x2 1211.

Presença Coimbrã, 2x2 112 122 2x11; Rádio Altitude, 222 111 2x1 1111; Rádio Sports, 22x 11x 11x 21x2; Reconquista, 222 112 122 x111; Renovação, 222 111 122 2x21; Dimensão 3, 2x2 1x2 121 x21x; Primeiro Andamento, 222 122 122 x112; RDP - Desporto, 222 112 1xx 211x; A Voz das Beiras, 2x1 111 211 1211; A Voz do Domingo 2x2 112 1x2 2211; A Voz de Lamego 222 1x2 222 2x11; Alvo Desportivo, 22x 1xx 1xx xx21; Jornal da Graça, 2xx 11x 22x 2111; O Primeiro de Janeiro, 222 112 112 1221; Rádio Alvo, 2x2 112 x22 2x21; A Voz dos Ridículos, 222 111 221 2x11; Cavalgada do Ritmo, 2x2 1x2 222 2211; Encontro Musical, 212 112 222 xx11; Auto-Rádio, 2x1 1xx x21 11x1; Comércio de Leixões, 222 1x2 1xx 22x1; Estúdio 64, 2x1 1xx xxx 2111; Jornal de Notícias, 2xx 1x2 122 2xx2; Manchete Desportiva, 222 xx1 122 2x2x; A Ordem, 222 111 112 1111; Penalti, 22x 112 121 2211; Placard Desportivo, 22x 112 12x xx1x; Programa Sem Nome, 221 112 12x 2x11; Quadrante Desportivo, 2x2 1xx 122 2221; Quadrante Norte, 222 112 1x2 2211; Panorama, 2x2 11x 1xx x11x; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Repórter do Dia, 222 112 211 x111; Resenha Desportiva, 2x2 111 212 2x21.

16ª. ÉPOCA

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2
1. BARREIRENSE - SPORTING	1	0	62	1	1	11
2. FAMALICÃO - BEIRA-MAR	4	21	38	1	4	7
3. PAÇOS FERREIRA - VARZIM	9	14	40	2	3	7
4. GIL VICENTE - PENAFIEL	61	1	1	10	1	1
5. JUVENTUDE - CUF	40	18	5	7	4	1
6. AVINTES - FEIRENSE	13	9	41	2	2	8
7. A.LORDELO - RÉGUA	42	10	11	8	2	2
8. BENAVENTE - COVILHÃ	11	14	38	2	3	7
9. BOMBARRALENSE - SANJOANENSE	13	14	36	2	3	7
10. MOURA - ORIENTAL	12	14	37	2	3	7
11. O ELVAS - ALMADA	23	22	18	4	4	4
12. MANGUALDE - INFESTA	48	5	10	9	1	2
13. ARRIFANENSE - ALMEIRIM	47	10	6	9	2	1

a) Nos termos do Artº. 13º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será:

222 112 122 2111

Desporto

BANHO TRANSALPINO NA "PISCINA" DE ALVALADE: 2-1 PARA PORTUGAL

O inacreditável sempre acontece

NEVES DE SOUSA

Nené: o disparo do golo n.º 2

• Bem poderá confessar-se que alinhávamos entre quantos, à priori, não entendiam como seria possível, a um grupo bem longe de poder rotular-se de «selecção Nacional», esgrimir em com emelhante (ou superior) com o futebol transalpino: a viver o clima de euforia conferido pelo 2-0 aos antigos e decadentes *mestres* britânicos, de qualquer modo ainda intérpretes de um estilo viril e sistematizado que é padrão dentro do profissionalismo do tipo de espectáculo em que a bola desliza, impulsionada por pés adestrados. Porém, o quase inacreditável aconteceu: num terreno banhado por chuva diluviana, quando foi preciso mostrar capacidade torácica e asas nas pernas, pulmão para a corrida e impulso para o salto, o «onze» em que somente José Maria Pedroto capaz de apostar um ceitil levou de vencida uma apática, incolor e inodora formação italiana que, mesmo desfalcada de valores essenciais (Fachetti nem esteve para se sujeitar ao banho divino) não mora muitos degraus abaixo da boa craveira internacional. Logo, o êxito (bonito) do futebol português, contrariando a lógica de carreira recente (eivada de desaires consecutivos e penosos) fica como bandeira branca na acção do flagelado Comité Técnico da Federação da Praça da Alegria que, como qualquer borracho ou menino, teve a sorte de encontrar providencial mão acolhedora quando já se imaginaria a «débacle» total e absoluta. A queda de um edifício com paredes de areia.

Todavia, para que fosse possível estar agora aqui a saborear o quarto sucesso no diálogo com «calciatores» (o mais recente há 19 anos...) há que, respeitosamente, tirar o chapéu a meia dúzia de jogadores que, tocados pelo sortilégio de envergarem um símbolo de que gostam verdadeiramente, fizeram de todas as fraquezas a sua força; e desse acicate a virtude maior de embalarem para um «show» que foi manifestação de força e técnica, entusiasmo e brio, coragem e tenacidade. Nesse aspecto, é de honradez destacar dois milionários emigrantes do nosso chuto (Alves e Humberto Coelho) que ficam como espelhos de pureza e alegria nesse imenso mar contemporâneo de desprezo ou rebaixamento dos melhores valores de coração. Alves foi (só e apenas) o melhor futebolista na «piscina», enquanto o fidalgo exemplo de Humberto Coelho, no capitanear dos camaradas de labuta, fez recordar a personalidade impressionante de Mário Coluna, o último grande patrão da equipa nacional de futebol.

De facto, Alves e Humberto Coelho mereciam (até) um triunfo rutilante, em outra moldura mais densa e povoada: estamos em crer (porém) que os muitos milhares que tiveram medo do *generalíssimo* Inverno e ficaram de pantufas e café no remanso caseiro, devem (a certa altura) ter acordado a vizinhança com palmas de entusiasmo: não haverá por aí fora, em «teams» nacionais como em conjuntos clubistas, muitos modelos semelhantes a Alves e Humberto Coelho que, se não fosssem figuras cimeiras do futebol cá da terra, teriam ganho avença para muitos e bons anos de presença no ressuscitado *grupo de todos nos*.

Mas, não podemos, em hora de deixar escorrer os aplausos para a dupla mais dominadora, olvidar outros suportes que vergaram totalmente o antiquado e anquilosado futebol italiano: «catenacio» a sete fechaduras, passes a meio metro e gáz esgotado ao fim de meia-hora de saltinhos, não credenciam os transalpinos para coisa que se veja no «mundial» de 78, se atingirem essa meta e tiverem de suportar, lá por Buenos Aires, duelos com a R. D. A. ou com a Polónia, com a Alemanha Ocidental ou com a Holanda, já para não falar na Bélgica ou na própria Grã-Bretanha, que tem a última palavra a proferir em negócio de passaporte para as Américas dos colegas (fraquinhos) do resistente Zoff.

Pedroto: um êxito que poucos previam

A festa do golo aconteceu por duas vezes: saíu dos pés de Nené, ontem a mostrar um interesse pela rede contrária de que pareceu divorciado quando, em ocasiões ainda bem perto, sorria de sobranceria ou «mirava al tendido» a multidão que o criticava. Nené, regressado à forma humana e corriqueiramente normal, foi aquilo que lhe víramos na «Minicopa»: um jogador que fala a boa linguagem dos maiorais. De resto, esteve optimamente acompanhado: Laranjeira (esse *prodígio* de recuperação), José Mendes (pêndulo de vontade sempre latente) e Bento (ágil como gaivota em fuga para terra) foram os baluartes defensivos em quam Pedroto mais confiou e que salvaram, nas poucas e episódicas avançadas de italianos, a má colocação geral de Barros e os pontapés em falso do quesilento Tai, realmente a colocarem a turma em sobressaltos em cada lance para que recebiam apelo. Não há dúvida: se os onze fossem Taís ou Barros, estávamos hoje vergados ao peso de uma molha monstra. Felizmente que estavam outros nomes na balança...

. Por outro lado, impõem-se palavras de grande incentivo para o generoso Chalana (marcado de pistola em riste), para o alegre e feliz Albertino (cimentado com o pé direito na peneira selectiva), até a um Octávio menos complicado e mais eficiente. Foram estes homens que construiram um êxito que seria imperturbável de expressão, não acontecera a **barraca** de um árbitro esquisito de mentalidade e tacanho no entendimento da legislação, que permitiu desmandos corporais aborrecidos e culminou a **palhaçada** de uma passeata a Lisboa (que custou 21 contos ao erário federativo) com a validação do mais colossal «fora de jogo» que algum dia se vislumbrou neste planeta: o solitário e (bem envergonhado) golito italiano, que colocou em transe Pedroto e obrigou a chamar 9.º defesa-média para a liça (Toni) mais um **assim-assim** (Francisco Mário) que veio também travar tudo o que pudesse ameaçar o musical 3.º triunfo consecutivo de um futebol saído da casca da vulgaridade por mercê de dois maestros (Alves e Humberto) que tocam de cor partituras que outros mal solfejam nos compassos da primária.

Todavia, sucedeu uma euforia que não pode merecer loas por aí além: o jogo nem sequer era a feijões, a Federação levou um rombo de todo o tamanho, não é uma andorinha que faz a Primavera. Serenamente, consicentemente, saúde-se a vitória: mas (por favor) não façam subir no mastro a bandeira nacional, não chorem de emoção nem beijem comovidamente as camisolas encharcadas. Futebol (graças a Deus e até ver) é apenas um jogo bonito e caprichosamente sujeito aos impulsos do destino: à fraqueza de um instante, como à inspiração numa pequena volta de ponteiro, num toque de varinha mágica.

HISTÓRIA

Na «banheira» de Alvalade, o incrível Guruceta teve como acompanhantes dois compatriotas: Garcia Carrion e Ausocira Sanz, que vieram de Espanha para rubricar aquilo que se viu. Mas, das asneiras arbitrais, não tiveram culpa os intervenientes no espectáculo:

Portugueses: Bento; Barros, Laranjeira, Mendes e Tai; Humberto Coelho; Octávio, Alves e Chalana (Francisco Mário); Nené e Albertino (Toni). Dois tentos por Nené. Cartões amarelos (inconcebíveis) a Humberto Coelho e Bento.

Italianos: Zoff; Sciera; Cuccureddu (Danova), Benetti, Gentile e Tardelli; Capello (Zaccarelli), Antognoni (Sala) e Grazziani; Causio e Bettega. Golo *autorizado* a Causio e cartão amarelo mostrado a Benetti.

Eles, os portugueses do golpe inicial: Humberto Coelho, Nené, José Mendes, Alves, Tai, Albertino, Laranjeira, Chalana, Octávio, Barros e Bento

PORTUGAL

BASQUETEBOL

No curso de treinadores estagiários, promovido pela Federação de Basquetebol, ficaram aptos os candidatos: Alberto da Costa Dias (Lisboa); Henrique Manuel Barrros Geraldes (Lisboa); Luís Manuel Carqueja da Saúde (Seixal); Vítor Manuel Marques Barrote (Lisboa); Sebastião Maria Sousa de Lemos (Lisboa); Maria Teresa Correia Dias (Lisboa); José Manuel Tavares de Almeida (Lisboa); José Manuel da Silva Abrantes (Lisboa); Jaime António Pedro Brito da Torre (Barreiro); Fernanda Maria Almeida Simões (Lisboa); António Manuel Ruas Alves (Lisboa); António Manuel Mano Azul (Lisboa); Mário Fernando Freite Província (Lisboa); Eduardo Alberto Morais Coelho (Lisboa); Urbano Monteiro Bispo (Lisboa); Manuel João Morita Gomes da Silva (Lisboa); Luís António Almeida Vicente Rosa (Lisboa); Carlos Fenando Mourão Ramalhete (Lisboa); Carlos António Borges Cerqueira de Melo (Lisboa); António José Raimundo Coelho (Lisboa); Adelino Mendes da Silva Rodrigues (Lisboa); Eduardo José Martinho Sales Baptista (Lisboa); Manuel Martinho Teixeira (Samouco); José Carlos Casal Ribeiro Lopes (Lisboa); José Alexandre Cabeças Condeço (Seixal); Fernando Marques Borges Pinto (Lisboa); Fernando José Rodrigues da Silva (V. F. Xira); Eugénio dos Santos Godinho Parreira (Seixal); Edmundo José Silva de Jesus (Lisboa); Daniel José Marques Sebastião (Lisboa) e Carlos Alberto Polvora dos Anjos Cruz (Seixal).

LÁ FORA

Áustria, Espanha, França, Hungria, Italia e União Soviética serão os seis países europeus representados na primeira «Taça do Mundo de Futebol Juvenil», anuncia, em Londres, a subcomissão organizadora da «FIFA». Este campeonato será disputado na Tunísia (de 27 de Junho a 10 de Julho de 1977)

Protocolo com os E.U.A.

Continuação da pag 20

. Os Governos dos dois países acordaram, ainda:

. «Facilitar aquele intercâmbio por meio do encorajamento às instituições privadas para que nele participem no máximo possível, e fornecer elementos sobre instalações, curso de instrução, e oportunidades relacionadas com o desporto, que possam ser de interesse para os nacionais do outro país.

Anualmente, nos meses de Julho e Dezembro, realizar-se-ão encontros entre representantes dos dois Governos, com a finalidade de programarem acções no âmbito do presente protocolo.

As responsabilidades assumidas por cada parte serão levadas a efeito no enquadramento das respectivas política interna e legislação, métodos e práticas.»

. É um longo e circunstanciado documento, que aponta o intercâmbio de tecnicos arbitros, praticantes e estudiosos nos campos do Desporto, Educação Fisica e Ciência Médica, detendo-se especialmente em oito modalidades: atletismo andebol, natação, basquetebol, futebol, hoquei patinado, remo e ténis, sem querer esquecer que outras poderão figurar em plano de trabalho que se prevê entusiasta e bem delineado

Informação complementar o dr. Joaquim de Sousa aceitou o convite para viajar até aos E. U. A. e percorrer alguns dos pontos-«top» do Desporto norte-americano. E, segundo o secretário de Estado confidenciou, encontram-se em estudo outros protocolos desportivos com vários países, nomeadamente França e Senegal. Decididamente, o Desporto nacional irá sair de um marasmo que se arrasta?

REVEILLON 197
Passe a sua Noite de S. Silvestre à beira jo
O MELHOR «REVEILLON»
Ambiente familiar com o CONJUNTO AO
MARQUE A SUA MESA, TELEF.(S) 6 /6
Cooperativa Hoteleira — Mercado do Pov Belém

Geral

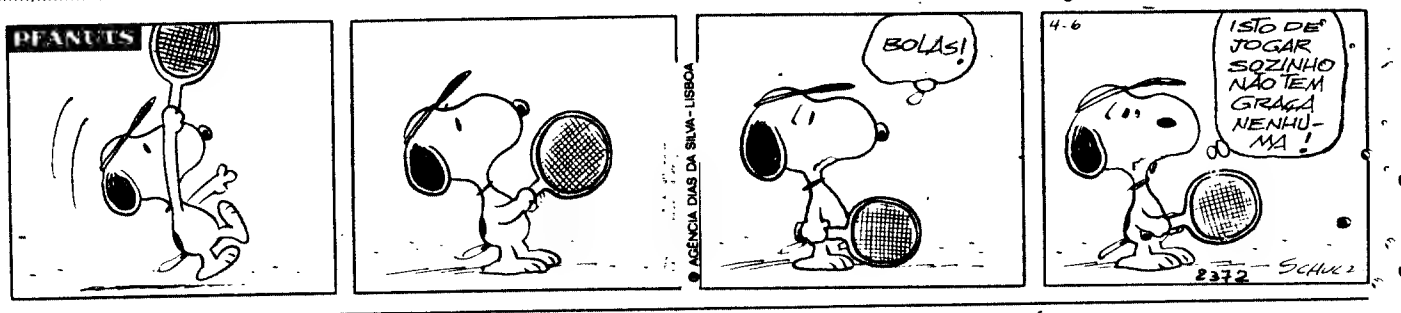
Canal da Crítica

Continuação da pág. 17

em que se distancia, sem dúvida o desporto que mais o encanta a si e a seus amigos. Ficamo-lo a saber agora, como se noticia. Mas o Joaquim de Sousa não foge à imagem, que não o beneficia, de um aluno cabula a dar manteiga ao professor...'

Sobre o conteúdo do protocolo nada se anuncia. Sousa apenas as palavras amacia. Um sinal de beatitude ela nascia quando afirmava que o protocolo podia contribuir para a implantação de algumas modalidades nos Estados Unidos, enquanto Carlucci balbucia que o protocolo traz vantagens aos dois povos...

Chegado aqui, o cronista voador olha as suas longas asas abertas e grita: *Sia Sia*. Desce novamente. E bom sentir os pés em terra firme. É bom, na madrugada que já vai alta, fechar os olhos donde expulsou certa espécie de sousas, e dormir o tempo de fazer tempo até à chegada da manhã purificadora.



Se a Rodésia atacar
Moçambique pedirá auxílio à U .R.S.S.

A eventualidade do recurso ao auxílio soviético no caso de um ataque rodesiano ou sul-africano a Moçambique é referida num comunicado do Ministério da Informação de Maputo.

O comunicado precisa que as autoridades rodesianas estariam a preparar tal ataque, inspirado segundo Maputo — «em métodos já utilizados em 1939 por Adolf Hitler para justificar a invasão da Polónia».

Assim, um grupo de mercenários, actualmente na Rodésia, tem por missão «introduzir-se clandestinamente em Moçambique, envergando uniformes das Forças Armadas da Frelimo, para simular um ataque à Africa do Sul a partir do território moçambicano».

O objectivo de tal operação, de acordo com Rádio-Maputo, seria dar um pretexto aos regimes brancos da África Austral para atacarem Moçambique.

«Moçambique saberá esmagar os agressores venham eles de onde vierem» acrescenta o comunicado, salientando que o país «tem o direito de recorrer aos seus aliados. Usará desse direito quando considerar, como Estado soberano, que o auxílio dos seus aliados se tornou necessário».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

De acordo com o n.º 1 do Art.º 31 dos Estatutos convoco todos os sócios deste Sindicato para reunirem em Assemble a Geral em sessão Ordinária a realizar no dia 30 do corrente mês, pelas 21 horas na sala dos Ferroviários, sita na Rua Almirante Reis, 68, no Barreiro, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO

— **Discussão e votação do orçamento para o ano de 1977.**

Setúbal, 16/12/76

Pel'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA - Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease-seuse**

CASINO ESTORIL - Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. **261461/164526/264596/264621/264945**

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco, chovia em várias regiões e havia nevoeiro em vários locais

TEMPERATURAS EXTREMAS

PRAIA DA ROCHA
Máxima..... 15,8º
VISEU
Mínima..... 0,2º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento geralmente fraco; períodos de chuva; condições favoráveis à ocorrência de nevoeiro

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	10º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	9º
PORTALEGRE	5º
LISBOA	8º
FARO	10º
FUNCHAL	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.34	*4.4 m*	10.17	*0.6 m*
17.02	*4.1 m*	22.30	*0.9 m*
	DIA 24		
7.18	*4.3 m*		
17.46	*4.0 m*	*11.00*	*0.8 m*
	DIA 25		
6.02	*4.2 m*	23.13	*1.0 m*
18.30	*3.8 m*	11.45	*1.0 m*

AMANHÃ

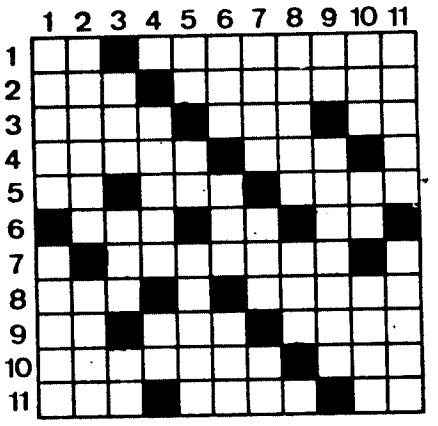
NASCER AS *7.53*
OCASO AS *17.20*

DIA 28 DIA 1 DIA 9 DIA 17

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11635



HORIZONAIS

1 Artigo definido. Fabricante de bestas.
2 Ruim. Fatias.
3 Picante. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Átomo.
4 Embarcação fenícia quase redonda. Levanta.
5 Sufixo que designa estado. Pedras de moinho. Recua.
6 Patrão Ósmio (sq.). Amónio (s.q.).
7 Empregarias.
8 Agarrei. Árvore frutífera do Brasil.
9 Catedral. Pronome pessoal. O mais.
10 Perderas. Preposição e artigo (pl).
1 Pega. Brisa. Pronome reflexo.

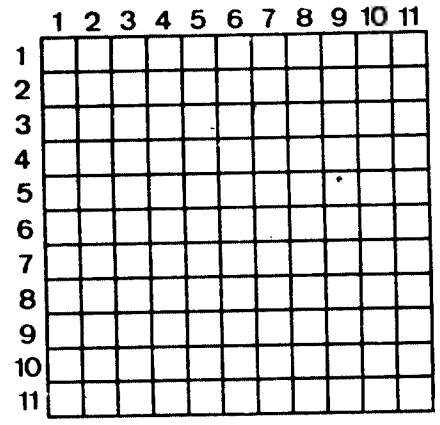
VERTICAIS

1 Medula. Capital do Tibete, à beira do Quixú.
2 Arrancar. Pronome possessivo.
3 Género de aves galináceas do Brasil. Muito. Ruim.
4 Armaduras para a cabeça. Nota musical.
5 Preposição. O sono das crianças. Arremessa.
6 Nome de astro. Ribeira de Portugal. Ruim.
7 Atraiçoa. Fecha as asas para descer mais depressa. Senhor.
8 A moral, nome de mulher.
9 Seguia. Emparelha.
10 Braço de mar. Artigo indefinido. Ósmio (s.q.).
11 Molusco comestível. Estado de um organismo vivo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7695



HORIZONTAIS

1 Que tem o bico ou o focinho branco.
2 Assédio militar. Curas.
3 Uma das partes do Mundo. Nome de jogo.
4 Íntimo. Sadias. Colocou.
5 Interjeição que serve para fazer recuar os bois jungidos. Estimas.
6 Avaliaras.
7 Ruim. Em partes iguais. Doutor. Brisa.
8 Cidade do estado do Maranhão. Ateio grande desejo em.
9 Cidade de Itália. Vãos.
10 Nome de mulher. Conjunção. O mais.
11 Importuna. (pop.). Habitar.

VARTICAIS

1 Rio de estado do Pará (Bras). Vila e sede de concelho (Braga).
2 Pessoa magra. Perfume.
3 Apelido. Gostar muito de.
4 Levanta. Conduzirá para cá.
5 Letra grega. Extraí Cânhamo de Manila.
6 Sódio (s.q.). Gálio (s.q.).
7 Artigo definido. Nome de peixe. Sáamrio (s.q.).
8 Ilha de Cabo Verde. Nome de um mês.
9 Cada um dos corpos que constituem o exército. Escavar.
10 Mamíferos roedores. Armadilha para pássaros.
11 Sufixo que designa abundância (pl). Vantagens.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11634

HORIZONTAIS:

1 Matas. Chaga.
2 Arrã. Amor.
3 Rei. Fia. Era.
4 Cá. Falta. Ás.
5 Altar. Içar.
6 Adornas. E.
7 Aa. Aliás. LA.
8 Tas. Ota.
9 Aar. MÁS. Osa.
10 Li. Aa. Ataca.
11 Asopo.

VERTICAIS:

1 Marcara. Ala.
2 Areal. Atais.
3 Tri. Ta. Ar.
4 Aa. FADAS. Al.
5 Farol. Mão.
6 Vil. Rima.
7 Atina. Sai.
8 HÁ. Acaso. Te.
9 Ame. Ás. Toas.
10 Gorar. Lasca.
11 Aras. Ea. Aas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7694

HORIZONTAIS:

1 Assiduidade.
2 Amo. Nas.
3 Na. Ataco. Ai.
4 Ema. Ala. Art.
5 Socar. Rente.
6 Rãs. Sue.
7 Bar. Ela.
8 Acaso. Malta.
9 Ré. És.
10 Dates. Morra.
11 Aramo. Asas.

VERTICAIS:

1 Arnês. Carda.
2 Amor. Cear.
3 Sa. Acaba. Ta.
4 Imã. Asassem.
5 Dotar. Ro. Só.
6 Al.
7 Incar. Em. Má.
8 Dão. Eslavos.
9 Ás. Anual. Rs.
10 Arte. Tera.
11 Élite. Casas.

PROVÉRBIO: CÁ E LÁ. MÁS FADAS HÁ

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

Sede: Rua do Conde Redondo, 60 - 2º, 3º, 4º, 5º LISBOA
Telefones: 53 54 37 - 55 55 71 - 400 03

Nos termos do artigo 19.º, ponto 2. alínea b) e em conformidade com o artigo 16.º, ponto 1, alínea b) dos n/ Estatutos e tendo em conta o decidido na Assembleia Geral Extraordinária realizada no passado dia 18/12/76 na Voz do Operário,

CONVOCO A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA A REALIZAR NO PRÓXIMO DIA 27 DE DEZEMBRO PELAS 20h30m NO SALÃO DOS BOMBEIROS LISBONENSES Rua Camilo Castelo Branco/Lisboa (ao Marquês de Pombal) E, COM A SEGUINTE **ORDEM DE TRABALHOS:**

1 **Análise e discussão da síntese dos projectos de Lei Sindical, Estatutos e Programa de Acção, elaborado pela Direcção do Sindicato** com base nos projectos elaborados pela C.N.O.C. e nas críticas, emendas e alterações apresentadas à mesa da Assembleia Geral até às 21h00 do dia 21 de Dezembro, conforme decisão da Assembleia Geral Extraordinária de 18/12/76.
2 **Votação na especialidade** da síntese dos Projectos de Lei Sindical, Estatutos e Programa de Acção, que será enviada à C.N.O.C. até às 24h00 do dia 28/12/76.
3 Outros assuntos.

NOTA: De acordo com o artigo 21.º, ponto 1, dos Estatutos do Sindicato, a Assembleia Geral terá início à hora marcada com a presença da maioria dos sócios, ou 30 minutos depois com qualquer número.

COMPARECE. POIS A TUA PRESENÇA E NECESSARIA!
OS NOSSOS PROBLEMAS SÃO OS MESMOS DE TODOS OS TRABALHADORES,
SO UNIDOS E ORGANIZADOS OS RESOLVEREMOS!
EM FRENTE COM O CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES!
VENCEREMOS!

Lisboa, 20 de Dezembro de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **António Cunha das Rosas**

farmácias de serviço

LISBOA

ALENTEJO _ Av. da Igreja, 28-B (Tel. 892682)
ALGARVE _ Av. de Roma, 7-B (Tel. 801478)
ASCENSO Praça Norte, 11-A (B.º da Encarnação). (Tel. 311216-310172)
AVIS Av. de Roma, 56-B-C (Tel. 895370)
BAIRRO AZUL _ Av. Ressano Garcia, 7-A (Tel. 571451)
BARRAL _ Rua Augusta, 225 Tel. 361534-361516)
BENFICA _ Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)
CAMPO PEQUENO _ Av. Júlio Dinis, 10, (Tel. 771661)
CENTRAL DE CAMPOLIDE Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304)
CENTRAL DO LUMIAR Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
CONFIANÇA _ Av. Almirante Reis, 46-B (Tel. 821653)
CRUZ NUNES Praça Duque de Saldanha, 14 (Tel. 41845)
FERNANDES BORGES _ Rua C. Benguela, lote 30 (Tel. 311091)
GRIJÓ Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264)
LARANJEIRA Rua Filipe da Mata, 160-162 (Tel. 761035)
LOBEL _ Rua Infantaria, 16, 98-B (Tel. 688807)
MARLUZ _ Calç. Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)
MODELAR _ Largo dr. António Macedo, 7-A (Tel. 608896)
NOVA LISBOA _ Rua Guilhermina Suggia, 12. (Tel. 727721)
S. NUNES SIMÕES, SUCR _ Rua do Quelhas, 1 (Tel. 661275)
REMÍSIO _ Rua Jerónimo, 14-C (Tel. 631699)
ROSA E VIEGAS _ Rua S. Vicente, 31, (Tel. 534027)
SEPOL _ Calçada da Boa-Hora, 94-A (Tel. 631958)
SILMAR _ Rua D. Lázaro, 128 (Tel. 42829)
VIEIRA BORGES _ R. Alexandre Herculano, 28-30 (Tel. 40536)
VITEX _ Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548)

Permanenete

BAIRRO AZUL _ Av. Ressano Garcia, 7-A (Tel. 571451)
CAMPO PEQUENO _ Av. Júlio Dinis, 10, (Tel. 771661)
GRIJÓ _ Rua do Grilo, 25, (Tel. 385264)
LOBEL _ Rua Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807)
MARLUZ _ Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)
S. JORGE Largo do Leão, 3-A-B (Tel. 534027)
S. JOERGE _ Largo do Leão. 3 A B (Tel 534027)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070)
ALCABIDECHE
Carvalho, Ate as 21 horas
PORTO SALVO
Porto Salvo, Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel 260085) Até as 21 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204). Das 0 às 9 horas
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785). Até às 24 horas.
PAREDE
Junqueiro, Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 2622313/267314). Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)Até às 21 horas
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078). Até às 21 horas; **Nova**, Est. de Alvide _ Fontainhas (Tel. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210) Toda a noite; **Melo**, P. D. João I, 9-B (Tel. 932756) Até às 22 horas; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) Até às 22 horas; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120 (Tel. 938424) Até às 22 horas.
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A (Tel. 970461). Até às 22 horas.
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-E (Tel. 957619)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. Mem Martins 285 (Tel. 2910012); **Miranda Garcia**, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, Vila (Tel. 2930391)
COLARES
Abreja (Tel 299088)

OUTRA BANDA

ALONHETE
Gameiro, L. Antonio Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 52 (Tel. 270121)
MOIT
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); **Alice**, P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

AMEAL _ Rua do Ameal, 1227 (Tel. 483550)
CAMPO ALEGRE _ Rua do Campo Alegre, 723, (Tel. 62245)
FERREIRA DA SILVA _ Rua Mártires da Liberdade, 150- (Tel. 24023)
PENINSULAR _ Rua Chã, 100 (Tel. 20707)
MELO TAVEIRA _ Rua Alcaide Faria, 77
S. ROQUE DA LAMEIRA _ R. S. Roque da Lameira, 1111 (51739)
SÁ DA BANDEIRA _ Rua Sá da Bandeira, 236 (Tel. 22164)

(De dia e toda a noite)

PRELADA _ Rua Central de Francos, 316 (Tel. 64312)
MARTINS Praça Marquês de Pombal, 122 (Tel. 480747)
POMBEIRO Campo Mártires da Pátria, 152 (Tel 311295)
S. LAZARO _ Av. Rodrigues de Freitas, 297 (Tel. 27043)

COIMBRA

M. NAZARÉ Av João das Regras, 132 (Tel 23033)
S. JORGE Arcos do Jardim (Tel 24697)

LISBOA/Teatros

A. B. C.
20 30 e 22 45 (18 anos)
«Cada Cor seu Paladar»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Do Teatro ao Cais do Sodre»

COLISEU:
21 30 (6 anos)
«O Circo do Natal»

S. LUIZ
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

CIRCO MARIANO
Al. D. Afonso Henriques
21.30 (6 anos)

LAURA ALVES
As 17 00 21 15
«Vamos Trocar de Mulheres»

COMUNA
21.30 (13 anos)
«O Muro»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«Circulo de Giz Caucasiano»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Rom da Festa»

VARIEDADES
21 30 (13 anos)
«Isto e que me Doi»

ADOQUE
20 30 e 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»

LISBOA/Cinemas

ROYAL
21.15 (6 anos)
«Kazablan»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Hennessy o Militante»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Ritual de Guerra»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Machíssimo»

CAPITOLIO
21.15 (18 anos)
«Sexo Porno»

EUROPA
21.15 (13 anos)
«A Filha de Ryan»

MONUMENTAL
21 15 (6 anos)
«O Ministro e Eu»

JARDIM
21.15 (6 anos)
«As Motos do Inferno»

PARIS
21 15 (18 anos)
«Alfie Darling»

CINE AUDITORIO
21 15 (10 anos)
«Barrabas»

OLIMPIA
Sessões Permanentes
(18 anos)
«Os Padrinhos de Hong Kong»

CALEIDOSCÓPIO
21.15 (6 anos)
«Branca de Neve e os Sete Anões»

VOX
21.15 (6 anos)
«O Soldado do Aventureiro»

RESTELO
21.15 (18 anos)
«A Rapariga da Orquídea»

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Easy Rider»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«O Ladrão de Paris»

PALACIO FOZ
21.00 (6 anos)
«Festival Tom e Jerry»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21 15 (6 anos)
«20 000 Leguas Submarinas»

AMADORA
Cinestudio
21 30 (13 anos)
«Aaaina»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21 15 (10 anos)
«O Leão da Estrela»

SINTRA
Carlos Manuel
21 15 (18 anos)
«Verdiana»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Viva Django»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 15 (13 anos)
«Matar, Fugir e Morrer»

PAREDE
Royal
21.15 (14 anos)
«Os que não Perdoam»

ESTORIL
Casino
21 15 (18 anos)
«Amores sem Freio»

ESTORIL
Palácio
21.30 (14 anos)
«Oliver»

CASCAIS
Oxoford
21.15 (13 anos)
«Ela Tinha o Direito de Viver»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (13 anos)
«A Confissão de um Comissário»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos) «O Triplo Eco»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 15 ((18 anos)
«Missão Impossivel»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (13 anos)
«As coisas que o Padre Faz»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21 15 (4 anos)
«Branca de Neve e os Sete Anões»

TRINDADE
21 15 (6 anos)
«O Ministro e Eu»

AGUIA DE OURO
21 15 (13 anos)
«Passado Inesquecivel»

SALÃO BEBE
21 15 (18 anos)
«Uma Mulher e uma Mulher»

BATALHA
21 15 (13 anos)
«Os Malucos em Hong Kong»

OLÍMPIA
21 15 (18 anos)
«O Jogo do Ouro»

CARLOS ALBERTO
21 15 (6 anos)
«Para que Servem os Amigos»

JÚLIO DINIS
17 45 e 21.15 (13 anos)
«O Grande Espectaculo»

RIVOLI
21 15 (13 anos)
«Corrida de Malucos»

COLISEU
21.15 (6 anos)
«Circo»

ESTÚDIO
21 15 (13 anos)
«A Honra do Regimento»

ESTUDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A História de Fernão Capelo Gaivota»

ESTÚDIO 400
21.15 (14 anos)
«A Lady e o Motorista»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«As Férias Grandes»

PASSOS MANUEL
21 30 (18 anos)
«Por Quem vamos Morrer»

cinemas

ALVALADE
T. 897490 14.00, 16 30 19 e 21 15

Os prados floridos, as montanhas, os vastos horizontes, são o pequeno mundo de

6.ª Semana

HEIDI

um filme de Werner Jacob

Para todos

APOLO 70
Tel. 763319 14.00, 16 30, 19.00 21.15

A fascinação irresistível do mundo do CIRCO

«PARADE»

um filme de Jacques Tati

Para todos

Hoje às 24 horas

NOVA GERAÇÃO

AVIS
T.47163 15 30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Com Les Charlots

OS MALUCOS EM HONG-KONG

BERNA
Tel. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Falado em português

O grande espectáculo do Natal!

GENTE COMO EU E VOCE

Um filme de James Uys

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

O espectáculo de Natal por excelência

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Um filme de Walt Disney

3.ª Semana

Falado em Português

PARA TODOS

CASINO ESTORIL
T.264996 2[illegible] 17 15 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

AMORES SEM FREIO

CASTIL
T. 630194 15 00, 17.00, 19 00, 21 15

Nao acons a menores de 13 anos

Les Charlots

OS MALUCOS EM HONG-KONG

O «record» do riso para o NATAL e ANO NOVO! Color Scope

CONDES
T.322523 14.00, 16.30, 18.45, 21 15

Para todos

A grande semana da temporada

OS 12 TRABALHOS DE ASTERIX

EDEN
Tel. 320768 14.00, 16.30, 19 00, 21.15

Alain Delon em

ZORRO

Um filme de Duccio Tessari

Não acons. a menores de 13 ano

ESTÚDIO
Tel 555134 Estreia 21.15 h

Vittorio de Sica

UM MUNDO NOVO

com Christine Delaroche e Nino Castelnuovo

Não acons m/ 13 anos

ESTÚDIO 444
T. 779095 14 30 16 45.19.21 15

(Interdito a men. de 18 anos

FESTA PRIVADA

c/ Isle Damsgard

4.ª Semana

IMPÉRIO
Tel 55134/5 15 15 18 30 - 21 15

O DUELO DAS AGUIAS

(Aces High)

Real de Jack Gold

Nao acons a menores de 18 anos

LONDRES
Tel. 801313 14,15 30 19 e 21.30

Nao acons. m. 13 anos

A FLAUTA MÁGICA

Atenção: o filme e exibido logo no inicio da sessão

8.ª Semana

MUNDIAL
Tel 538743 As 21 15

Para todos

ONDE ESTÁ O ÓSCAR?

Com Louis de Funes

D. JOÃO V
Damaia

Tel 971794 As 21 15 h.

Não acons. men 18 anos

BORBOLETA DE SANGUE

BILLY SMART CIRCUS

No coração de Lisboa ao cimo do Parque Eduardo VII, frente a Penitenciária, esquina com a Rua Castilho. Diariamente matinees as 16 h. e soirées as 21.30 h. Domingos e feriados 2 matinées as 14 e 45 e as 17 e 30 h. Espectáculo para todos
PARQUE GRÁTIS PARA 2000 CARROS

NIMAS
Tel 574313/574313

14.15 16 30, 18.45 e 21.15

Não acons men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

Meio ano de lota... [illegible]

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON
Tel 326283 15 15 e 18 15

Colorido Para todos

O MEU PE DE LARANJA LIMA

As 21 15 horas Estreia Interdito a menores de 18 anos

O ESQUADRÃO DO DRAGÃO

PATHÉ
Tel 821933 14 15 16 30, 18 45, 21 15

Para todos

OS 12 TRABALHOS D'ASTERIX

A grande sensacao das festas!

ASTERIX, OBELIX Cª.

POLITEAMA
Tel. 323805 14 15 16.30, 19 00 21 15

Para todos

O SOLDADO AVENTUREIRO

RESTELO
T.610375 21 15

Interdito menores 18 anos

4.ª Semana

A RAPARIGA DA ORQUÍDEA

ROMA
Tel. 727776 14 30, 16.45 19 0 21 15

Nao acons a menores de 13 anos

OS MALUCOS EM HONG-KONG

ROXY
Tel 48560 14 00, 16 30, 18.45 21 15

O grande espectaculo de Natal!

GENTE COMO EU E VOCÊ

Falado em português

um filme de James Uys

2.ª Semana

Para todos

S. JORGE
Tel. 554153 15 15 18 15 21 15

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

5 Oscares: Melhor Filme do Ano

TIVOLI
Tel. 570595 15 15, 18 30 e 21 15

O espectaculo de Natal por excelencia!

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

um filme de Walt Disney

Falado em Portugues

3.ª Semana

UNIVERSAL
Tel. 774402

As 15, 19 e 21 h
O INIMIGO PRINCIPAL
um filme de Jorge Sanjines
(Não acons m 13 anos)
As 17 h
SANGUE DE CONDOR
um filme de Jorge Sanjines
(Não acons m. 18 anos)
As 23 h
CORAGEM DO POVO
um filme de Jorge Sanjines
(Não acons m 13 anos)

Cinema de Animação

FESTIVAL TOM E JERRY Nº 2

15 00 18 00 21 00
Esc 5$00

Iniciativa da Direccao Geral da Acção Cultural

rádio

1.º Programa

16.00: Musica variada, **17.00**: Giradiscos; **18.05**: O povo e a terra, programa do F.R.S _ música portuguesa; **19.00**: A criança, programa do Emissor Regional de Coimbra, **19.30**: Acção sindical, **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Orquestras, **21.00**: 21º e último episódio do folhetim «O Jogral de Deus — S.Francisco de Assis», numa versão original de Álvaro Martins Lopes, **21.30**: Futebol _ Torneio da U.E.F.A (Esperanças) — transmissão do Estádio dos Barreiros, no Funchal, do relato do jogo Portugal-Itália; **23.30**: Polidesporto, **00.00**: Último jornal, **00.15**: Jazz, **00.30**: O desporto no Mundo; **01.00**: Repetição da 2.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S Luiz _ música na noite

2.º Programa

16.15: Música de piano, **16.30**: Musica sinfónica; **17.40**: Musica de Monteverdi **18.00**: As Sinfonias de Beethoven; **18.29**: Musica de câmara, **19.00**: O canto e os seus intérpretes por Maria Helena de Freitas, **20.00**: Musica sinfónica **21.05**: Opera, **22.00**: Concerto pelo Trio Pró-Arte, **22.37**: Musica de piano **23.00**: Intercâmbio musical **01.00**: Fecho

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação), **16.10**: Casos ao acaso, **17.10**: Prevenção e saúde; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só musica, **21.30**: Quando o telefone toca, **23.03**: Nocturno, **24.00**: Nocturno (continuação); **00.30**: Imprevisto, **02.00**: Fecho

3.º Programa
Local (187,5 m)

18.00: Entardecer; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **18.45**: Totodesporto, **19.30**: Romance de uma cidade (repetição), **20.15**: Apontamentos biográficos, **21.00**: Fecho

4.º Programa
Emissão Total em Estereofonia

19.00: Em órbita; **20.00**: Programa da noite, **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRAFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º
TELEF 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 32115 4/5 32027 1/2/3
RUA DA ROSA 75
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

DL

Continuação da pág 1

Consequentemente, como está estabelecido na Constituição, o Plano «tem carácter imperativo para o sector público estadual e é obrigatório, por força de contratos-programa, para outras actividades de interesse público» (Art.º 92, n.º 1). Acresce que ao Plano caberá definir «o enquadramento a que hão-de submeter-se as empresas dos outros sectores» (Art.º 92, n.º 2). Donde haverá que concluir que ao sector público o Plano deverá atribuir, e realmente proporcionar, um papel director e uma função dinamizadora da economia nacional. Importando, igualmente, não esquecer que, nos termos constitucionais, o Plano deverá contemplar «a política social, educacional e cultural, a preservação do equilíbrio ecológico, a defesa do ambiente e a qualidade de vida do povo português».

O Plano deverá programar a actividade do Governo e deverá integrar o Orçamento. Sendo o Orçamento e o Plano dois instrumentos da acção governativa que se completam, é o Plano, todavia, o determinante. O Orçamento deverá reflectir a política de que o Plano é a programação fundamental, e, para o sector público, programação imperativa. O Orçamento assegura meios de execução do Plano, o Plano traça o programa global para um período delimitado mas com a ambição de prever desenvolvimentos futuros. Sendo claro que, para corresponder à letra do Art.º 91 da Constituição, o Plano deverá empenhar-se na «construção de uma economia socialista».

obras de
Fernando
Lopes Graça

Ao comemorar 20 anos de trabalho, ao longo dos quais se tem procurado divulgar a música do grande compositor **Fernando Lopes-Graça**, a editora Fonográfica Valentim de Carvalho tem a honra de anunciar o lançamento de mais três importantes discos

	OBRAS CORAIS -A CAPELLA-
HMV	GRUPO DE MÚS. VOCAL CONTEMPORÂNEA
8E 063 - 40 413	DIR. MARIO MATEUS
	CANÇÕES HERÓICAS (VOL. 2) ·
	CANÇÕES REGIONAIS PORTUGUESAS
	CORO DA ACADEMIA DE
	AMADORES DE MUSICA
HMV	FERNANDO J. GOMES (piano) ·
8E 065 - 40 429	DIR. F. LOPES GRAÇA
	OBRAS PARA PIANO
	GLOSAS
	PRELUDIO CANÇÃO E DANÇA
	EPITAFIOS
	VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA
HMV	POPULAR PORTUGUES
8E 063 - 40 426	OLGA PRATS (piano)

VALENTIM DE CARVALHO
CI SARL

um contributo fecundo para a divulgação da grande música de todas as épocas.

O CASO DA REDE BOMBISTA

Juiz Rainho ouviu cónego Melo

O juiz instrutor da Polícia Judiciária Militar dr. Dário Rainho inquiriu em Braga o cónego Melo, secretário-geral dos cursos de cristandade, homem forte da reacção local e figura destacada junto do arcebispo de Braga D. Francisco Maria da Silva. O cónego Melo é um nome que desde há muito vem sendo referenciado como tendo estreitas ligações ao MDLP, principalmente a partir das detenções efectuadas no Seminário de Santiago, em Braga onde se realizou uma reunião à qual assistiu Alpoim Calvão. Tudo indica que o cónego Melo tenha participado também nessa reunião. Agora, segundo afirmam certas fontes dignas de confiança, alguns dos mais recentes detidos também referem o cónego e as suas ligações.

O trabalho dos investigadores surge no entanto dificultado pelo facto de apenas poderem inquirir esta personalidade na situação de testemunhas, embora seja evidente que a PJM entrou já no núcleo da rede terrorista e que, a partir dos elementos de que já dispõe, muitas conclusões podem ser tiradas.

Uma personalidade importante entre os recentes detidos é o enigmático «comandante Pinto», homem ligado à FNLA, preso há dias juntamente com outro indivíduo que se apresentava com o pseudónimo de «Jorge Jardim». É um facto conhecido e comprovado que as mais importantes tentativas contra-revolucionárias verificadas em Portugal estiveram sempre articuladas com idênticas tentativas em Angola por parte das forças e elementos afectos à FNLA e à UNITA. A derrota destes movimentos fez transferir para Portugal muitos dos mercenários que ali se encontravam e aumentou os quadros de uma rede terrorista que há muito tempo se encontrava montada e detectada. Muitos dos actos terroristas verificados no último ano eram projectos já conhecidos e até largamente denunciados pela imprensa progressista e pelas forças democráticas.

Ainda em Braga o juiz instrutor dr. Dário Rainho inquiriu também uma outra personalidade muito conhecida e influente no xadrez reaccionário — o célebre Cardoso da Saudade — além de um agente funerário. E a propósito remetemos os nossos leitores para o dia 28 de Setembro de 1974. Poderão relembrar que nessa data um carro funerário que vinha do Norte em direcção a Lisboa ao detectar os controlos militares nas estradas de acesso à capital pôs-se em fuga. Não o fez certamente por transportar qualquer morto clandestinamente...

Mais de dois anos depois muitos factos isolados começam a fazer sentido e a revelar as figuras de um «puzzle» contra-revolucionário que já vem de longe.

Comércio autorizado a abrir amanhã

Na sequência dos fortes protestos de numerosos comerciantes retalhistas de todo o País que, conforme ontem noticiámos, estavam contra a aplicação do Decreto-Lei n.º 247-A/76 que determina que a véspera do Natal seja feriado obrigatório, o Ministério do Trabalho divulgou ontem à noite uma nota oficiosa, em que, nos termos da própria lei, autoriza a abertura do comércio no dia de amanhã. A nota refere, porém que, como em qualquer outro feriado, os trabalhadores do ramo não são, logicamente, obrigados a prestar esse serviço.

A nota dimanada do Ministério do Trabalho é do seguinte teor:

«O dia 24 de Dezembro e nos termos do Decreto-Lei 274-A/76, de 12 de Abril, feriado obrigatório e como tal os trabalhadores não são obrigados nesse dia, como em todos os dias feriados obrigatórios à prestação normal de trabalho.

Não obstante, e nos termos da própria lei, desde que autorizadas pelo Ministério do Trabalho, podem as entidades patronais abrir os seus estabelecimentos nos dias feriados obrigatórios

Nestes termos, e atendendo ao interesse do público em fazer as suas compras na quadra do Natal, que coincide de igual modo com o interesse manifestado pelos comerciantes, é autorizada a abertura dos estabelecimentos do comércio retalhista, serviços e equiparados, no próximo dia 24 (sexta-feira, véspera de Natal), devendo a prestação de trabalho regular-se em todos os seus aspectos pelo disposto na lei, ou em convenção colectiva aplicável ou ainda em conformidade com o que for directamente acordado entre as entidades patronais e os trabalhadores ao seu serviço.»

As compras fizeram-se esta manhã à chuva

A prisão de Carrillo

Continuação da pág. 1

foram libertados após prestarem declarações. A Dirección General de Seguridad informou que Carrillo e outros dirigentes de primeira linha do Partido Comunista Espanhol serão hoje postos à disposição de autoridade judicial para que esta determine «as presumíveis responsabilidades em que possam ter incorrido».

Um telegrama da France Presse, procedente de Madrid confirma esta determinação e informa ainda que Santiago Carrillo não será deportado, solução apontada como a mais provável. Em todo o caso, a opinião geral é que será muito difícil encontrar qualquer crime para incriminar Santiago Carrillo. A hipótese de «associação ilegal» em virtude da sua ligação ao PCE também não tem força, uma vez que outros «líderes» do PCE andam à vontade

O facto tem consequências políticas imprevisíveis. O PCE já protestou contra a «flagrante violação dos direitos humanos e a contradição das afirmações repetidas pelo Governo, do seu desejo de democracia e harmonia». O PCI e o PCF também já emitiram comunicados. Em Portugal, o socialista José Luís Nunes, secretário interino do PS, propôs um protesto presidencial. Toda a esquerda de Espanha está contra a prisão do secretário-geral do PCE, dizendo que Carrillo já há muito deveria ter passaporte e ter sido abrangido pela amnistia. Nos meios políticos ainda não há uma interpretação, mas sabe-se que a extrema-direita pressionou ao máximo Suárez

Ontem, uma manifestação de aproximadamente 2.000 pessoas que pediam a liberdade de Carrillo foi dispersada pelas bombas de fumo da polícia, diante do Governo Civil. Não se registaram feridos.

Cegos expõem trabalhos na Biblioteca Nacional

Foi ontem inaugurada, na Biblioteca Nacional, uma exposição de trabalhos artísticos executados por cegos sob o patrocínio da Comissão do Centenário de Branco Rodrigues.

A exposição estará patente ao público até 16 de Janeiro, podendo ser visitada no período das 16 às 20 horas.

Nota

GRADUADOS

Nas linhas e nas entrelinhas, o diário da manhã «O Dia» explica a manobra: o anunciado pedido de demissão do general Morais da Silva do cargo de chefe do Estado-Maior da Força Aérea destina-se a forçar a demissão do general Vasco Lourenço, o que poderia acontecer no dia 29 do corrente, manobra que o citado jornal preconiza e aplaude em nome da «correcta hierarquização do Exército». O matutino da direita reconhece que os seus próprios boatos «a que chama informações») não foram confirmados, mas insiste. Entretanto continua a chamar «general» ao major Morais da Silva e «general graduado» ao capitão Vasco Lourenço.

ABSOLVIÇÕES

Parece que absolver um trabalhador que terá dirigido uns palavrões a soldados da GNR em momento de exaltação é «grave». Absolver, libertar e elogiar pides que torturaram e oprimiram o povo durante dezenas de anos parece que não tem qualquer gravidade. Pelo menos para certas autoridades judiciais.

CONFIRMA-SE

O «DL», noticiou há dias as tentativas da direita no sentido de remodelar o Governo, abrindo a porta a ministros que tenham mais confiança das esferas do grande capital. O articulista de «O Jornal», José Manuel Barroso, veio hoje confirmá-los. Assim, referindo-se à anunciada «remodelação governamental», indica que o Primeiro-Ministro está interessado nela «antes da sua partida para a Europa do Mercado Comum, perante a qual uma equipa económica com um peso interno e externo e um Governo homogéneo serão trunfos a ter em conta». Enfim, tudo dito!

TORRE EIFEL

CAMISARIA, GRAVATARIA, MALHAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

104 — RUA DO CARMO — 106

Deseja BOAS-FESTAS e ANO NOVO FELIZ aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LDA.

OURIVES - JOALHEIROS

293 RUA DA PRATA 295

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

quartelo
Tel 771378
Metro Roma e Entre-Campos

SALA 1
Às 14-16.30-19-21.30-23.45 h.
Não acons. men. 13
A GUERRA ACABOU
Realiz.: ALAIN RESNAIS

SALA 2
Às 14-16.30-19-21.30-24 h.
Não sc. a men. 18 anos
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
Realiz.: MILOS FORMAN

SALA 3
Às 14.30-16.45-19-21.15-23.30
Int. men. 18 - cen. choc.
IMPÉRIO DOS SENTIDOS
Realiz.: NAGISA OSHIMA

SALA 4
Às 15-17-19-21-23 h.
Int. m/ 18 anos, cen. choc.
O MONSTRO
Real.: Walerian Borowczyk

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 45 382

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete PONTO sete

suplemento semanal

A MARABUNTA

O leitor católico apostólico e romano está de mala aviada para comemorar, com perú, bacalhau ou caldo knorr, o nascimento do Menino. Alguns dos textos que publicamos neste Suplemento, sobre o assunto (já viu a capa, crudelíssima?) foram escritos com certa raiva e gozo. Mas entendemo-nos: a gente não tem nada contra o 25 de Dezembro. O calendário é implacável, e se nos vamos a irritar com as datas estamos fritos.

O que já nos preocupa no Natal, é a ingenuidade do nosso semlehante, metido quase voluntariamente numa máquina de consumo infernal, que estupidifica a família e lhe esvazia o porco de barro.

Ainda este ano, o nosso amigo e semelhante voltou a entrar na máquina e limpou as prateleiras. Parecia marabunta. Saíu dali sem um chavo, mas cheinho de coisas de que não precisa. E com um sorriso «inteligente» nos olhos. Não tem água canalizada em casa, mas tem agora um frasquinho de «eau de cologne» no bolso.

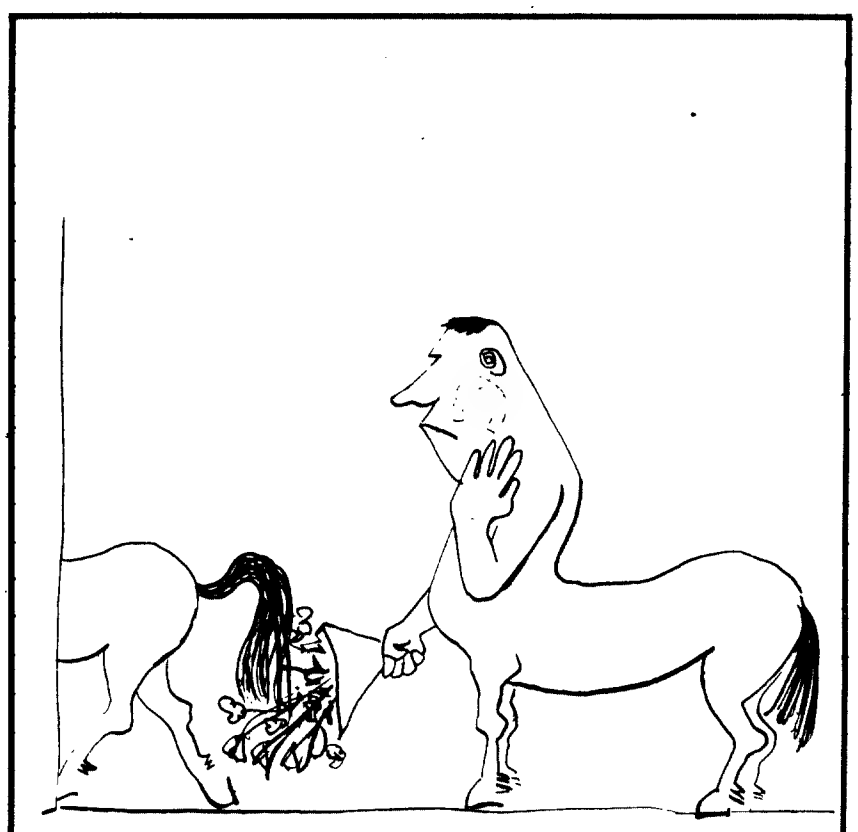
É contra este Natal abdominável, que revolta os desempregados e faz a alegria anual das criancinhas, que nós estamos.

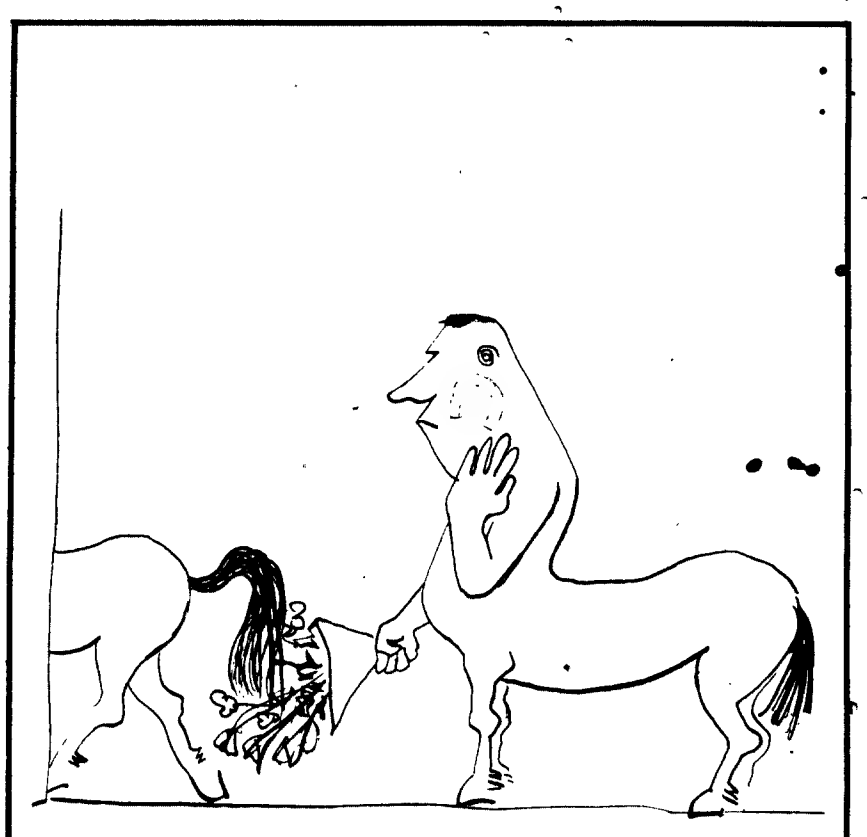
Fora isso, desejamos-lhe um 25 de Dezembro bem passado e um 26 ainda melhor. Olhe, já agora, uma ano inteiro em beleza.

Lisboa, 23 a 31 de Dezembro de 1976

Orientação gráfica de Rodil Garcia

sete PONTO sete

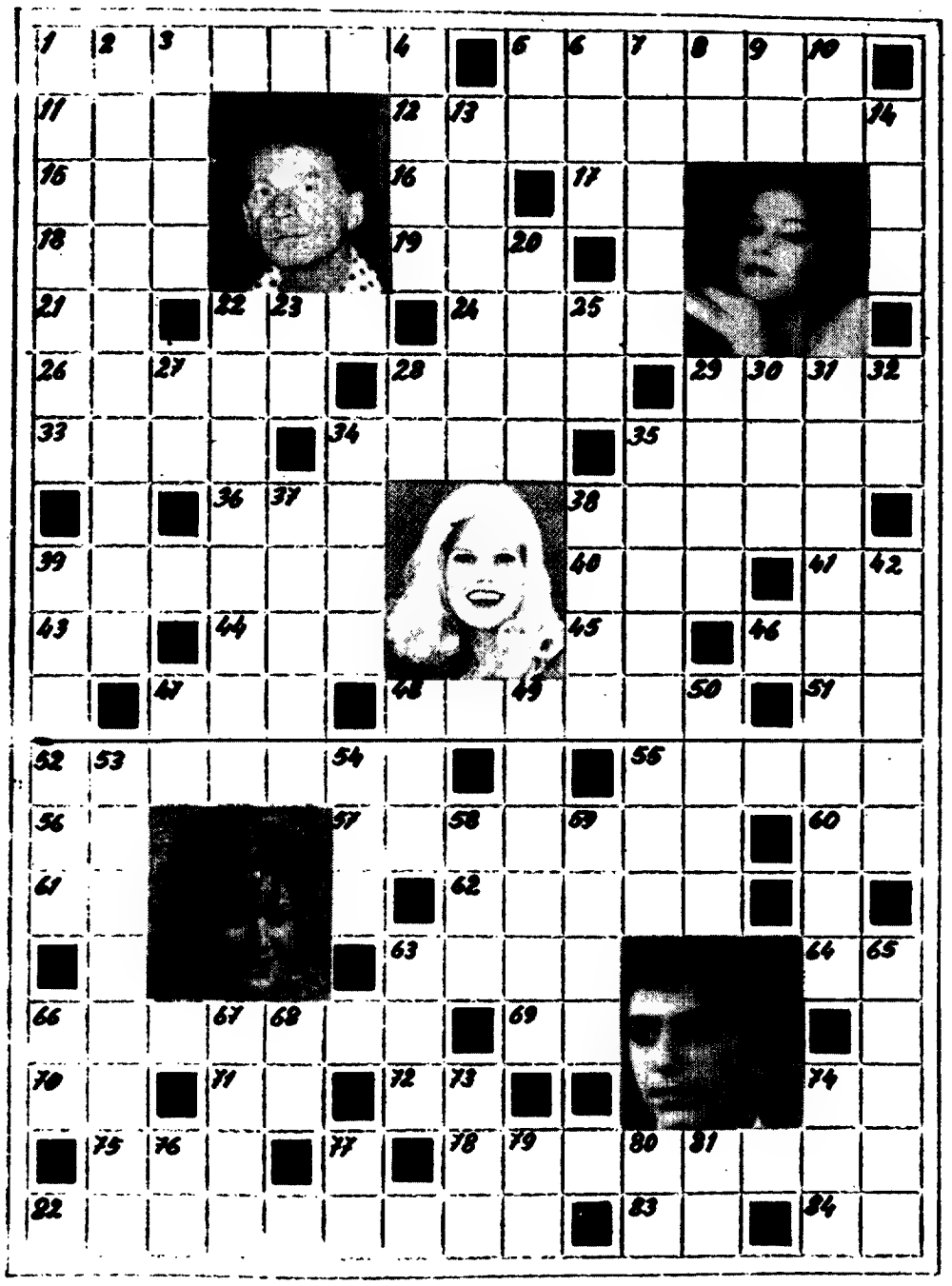




As Sete Diferenças

Solução na pág. 7

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/12, Ela dirige uma equipa de 25 detectives em Nova Iorque e maneja com destreza vários tipos de armas na agência de detectives de que é presidente; 2, Rio de Inglaterra; 11, Ave pernalta; 15, Lista; 16, Neon (s.q.); 17, Aparência; 18, Greda branca; 19, Nome de letra; 21, Prefixo de privação; 22/24, Este jovem príncipe é filho da imperatriz Farah Diba e do xá da Pérsia; 26, Baile; 28, Espécie de altar provisório nos templos indianos; 29/39/48, A convite da Sociedade Portuguesa de Autores, reuniram-se para um jantar no Grémio Literário escritores soviéticos, intelectuais portugueses e artistas franceses entre os quais este grande actor do cinema francês; 33, Cidade da Argélia; 34, Costura; 35, Carapuça; 36, Zombar; 38/66, Há muito que esta jovem de 23 anos tenta multiplicar os documentos para provar que é filha ilegítima de Marylin Monroe e de Peter Lawford; 40, Panela; 41, Prefixo de negação; 43, Carta de jogar; 44, Aqui está; 45, Gálio (s.q.); 46, Rainha dos Países Baixos, mãe da rainha Guilhermina da Holanda; 47, Larva das feridas dos animais; 51, Amónio (s.q.); 52, Conquistamos; 55, Volta; 56, Abreviatura que se usa em música; 57, Pegarem; 60, Associação ou confraria cristã na India; 61, Nota musical; 62, Velho; 63, Membros de aves; 64, Escândio (s.q.); 69, Vareja; 70, Érbio (s.q.); 71, Artigo definido; 72, Em partes iguais; 74, Prefixo de privação; 75, Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica; 78/82, É a filha da actriz Anouk Aimée e participa no filme de Claude Lelouch «Se Tudo Começasse de Novo»; 83, Mulo; 84, Alumínio (s.q).

VERTICAIS:

1, Lugar público onde se vendem mercadorias; 2, Tornareis tépido; 3, A escória da sociedade; 4, Vulcão da Sicília; 5, Pronome pessoal; 6, Arbusto cujas folhas são usadas em Cuba contra a paralisia; 7, Espécie de lima, com serrilha ou picado fino; 8, Segundo; 9, Freguesia do concelho de Ponte de Lima; 10, Em a (inv.); 13, Epístola; 14, Íntimo; 20, Uma das três musas, segundo Pausânias; 22, Acudira depressa; 23, Pelo de certos animais; 25, Letra do alfabeto árabe; 27, Sódio (s.q.); 28, Moderato; 29, Giesta de flor amarela (Prov. beir.); 30, Voz usual entre os índios e caboclos da Amazónia e que exprime espanto; 31, Ardis; 32, Laço; 34, Acretidas; 35, Donairosos; 37, Tempo do verbo ir; 38, Guisado usado pelos indígenas de São Tomé; 39, Pastagens; 42, Nome de fruto; 47, Artigo indefinido; 48, Guarneço de asas; 49, Mexericos; 50, Alcance, importância (fig.); 53, Julgaria; 54, Vã; 58, Lírio; 59, Nome de flor; 63, Nome de mulher; 65, Estreito; 66, Ilha francesa do oceano Atântico; 67, Irmã da mãe; 68, Ósmio (s.q.); 73, Âmio; 74, Fileira; 76, Rio de Itália (Inv.); 77, Bário s.q.); 79, Campeão; 80, Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis; 81, Pronome pessoal.

Por Obra e Graça do Espírito Santo

Andavam os três reis magros a laurear no deserto — sem outro objectivo que não fosse encontrar água para diluir o uísque — quando viram um brilho no céu. Disse um deles: «É uma estrela!» : O outro achava que era um OVNI, e finalmente o terceiro, menos realista, dizia que era um avião da TAP.
Prontamente se convocaram em plenário e resolveram, por maioria de «um», seguir aquela coisa brilhante.
Andaram, andaram, andaram, andaram, andaram, andaram, andaram, andaram, e acabaram por chegar à Galeguileia, habitada por galeguileus. Aqui, foram informados no posto da GNR que o Salvador acabara de nascer. Na dúvida, eles prosseguiram: queriam ver, como Santo Mé.
A meio da noite, chegaram a uma pensão de terceira (quarto cinco, cama doze, e sopa com dedo) onde lhes disseram que o Menino efectivamente nascera, como todos os meninos, «con tudo em su sitio, as 24 en punto de la noche» (Garcia Torta).
Na ocasião, o nascimento era filmado em directo pela RTP, equipa chefiada por Fernando Peça. Palpitante de entusiasmo, dizia o locutor que «este é o 75.º nascimento do Menino, a que assisto, o primeiro estava eu na BBC...».
A certa altura, um dos reis magros avança com incenso e birra e a criança desata a chorar. Fernando Valsinha, outra vedeta da RTP, aproveitou para denunciar o que considerou «mais um caso de sevícias».
Entretanto, corriam boatos: um monarca de Ribeira de Pena mandara matar todas as criancinhas, metendo-se assim numa concorrência desleal com os comunistas do Alentejo (como se sabe, nesta região o arroz de miúdos tem muita saída).
Decretado o estado de sítio, as forças da desordem começaram a pedir o bilhete de identidade à gente, e um tipógrafo nosso amigo chegou a apanhar uma surra só porque se chamava Salvador.
Os anos foram andando, andando, e o Menino vai completar depois de amanhã as suas 1.976 primaveras.
Ao longo deste tempo, como se sabe, o Salvador fez alguns milagres: evitou, por exemplo, que a I Guerra Mundial durasse mais de quatro anos e, a II, mais de seis; ficamos a dever-lhe outra graça espantosa, que os crentes mais crentes sempre apontam: a bomba de Hiroshima teria afectado muitos mais milhões, não fora a sua Intervenção. Daí, aqueles anúncios que vemos todos os dias no «Diário de Notícias», de «agradecimento pelas graças concedidas».
O caso do Líbano não é chamado para aqui, o problema é outro: a tosse seca das «Kalashenikov» prosseguirá, enquanto lá não chegarem os rebuçados do dr. Bayard.
Voltando ao nascimento do Menino, as circunstâncias em que o mesmo se deu provocam ainda hoje séria controvérsia e desavenças entre casais:

— Foi por Obra e Graça do Espírito Santo, acredita.
(As vizinhas: «é a cara do pai»).

— Hummm...

— Ó homem! Se S. José acreditou, porque raio não acreditas tu?
Mas o homem não tem fé, e a falta de fé é responsável por muitos divórcios.

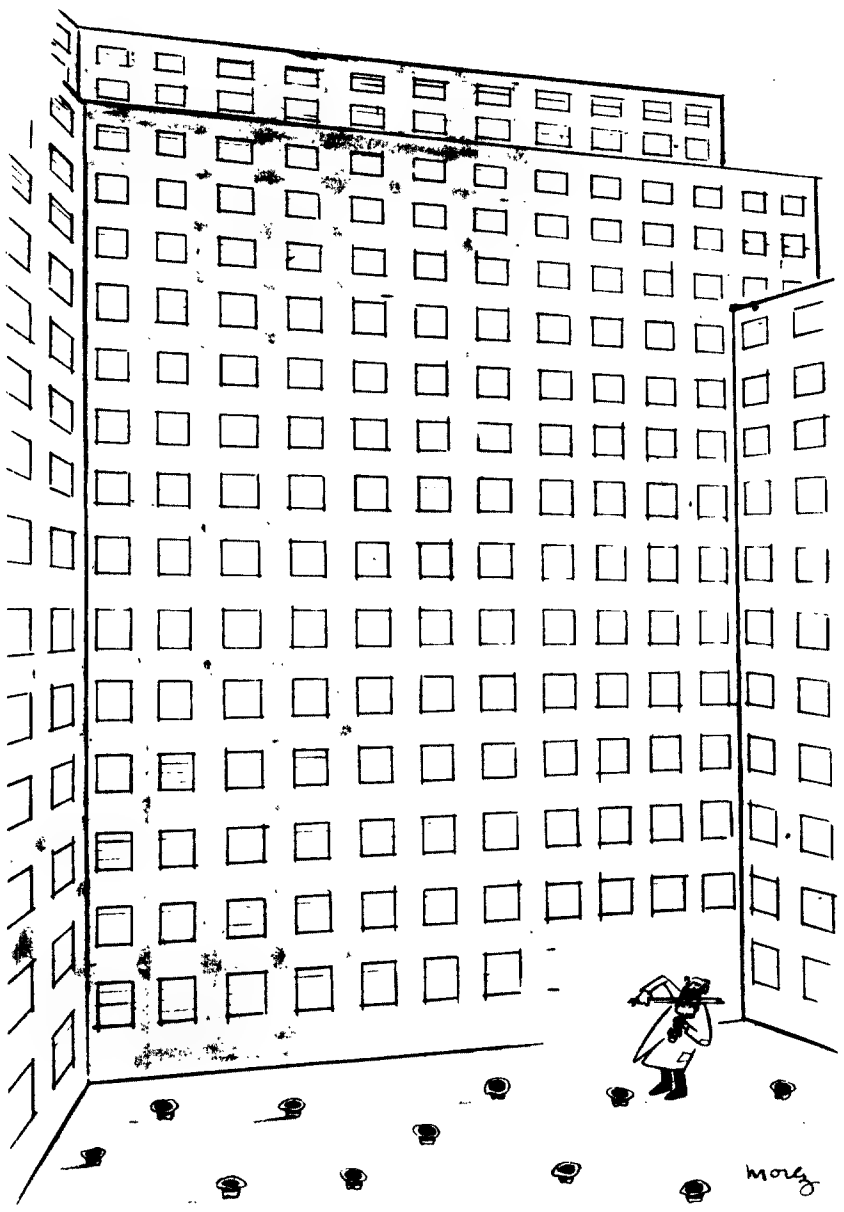
— Não quero que façam de mim gato-sapato.

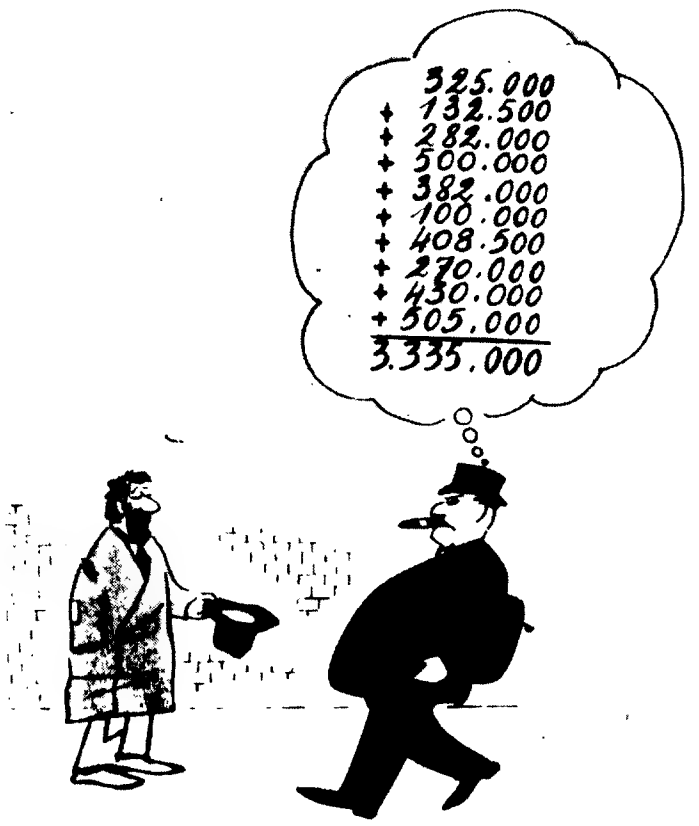
E no entanto, o sapato está profundamente ligado ao Natal. Nesta quadra, todos os sapatos do mundo — mesmo o n.º 42 bico largo — são tratados com a ternura de sapatinhos.
A gente gasta meias-solas aos dez mil quilómetros e, uma vez por ano, vai-se à árvore e deixa lá o sapato.
Depois, é só esperar que a família tenha conseguido levar o merceeiro a fiar umas coisinhas.
Pelo meio, há assim umas pequenas tragédias sem importância, que não chegam para esfriar o calor humano da Festa da Família de Consumo: «E tu, meu pequeno, o que é que queres no sapatinho?» E o miúdo, desmancha-prazeres, saíu-se com aquela: «Eu não quero brinquedos, nem doces, nem nada. Só queria que o meu pai voltasse para casa...»
Mas o Bem acabará por triunfar sobre o Mal. Ontem mesmo, uma senhora dizia-nos que gostava muito de dar aos pobres.

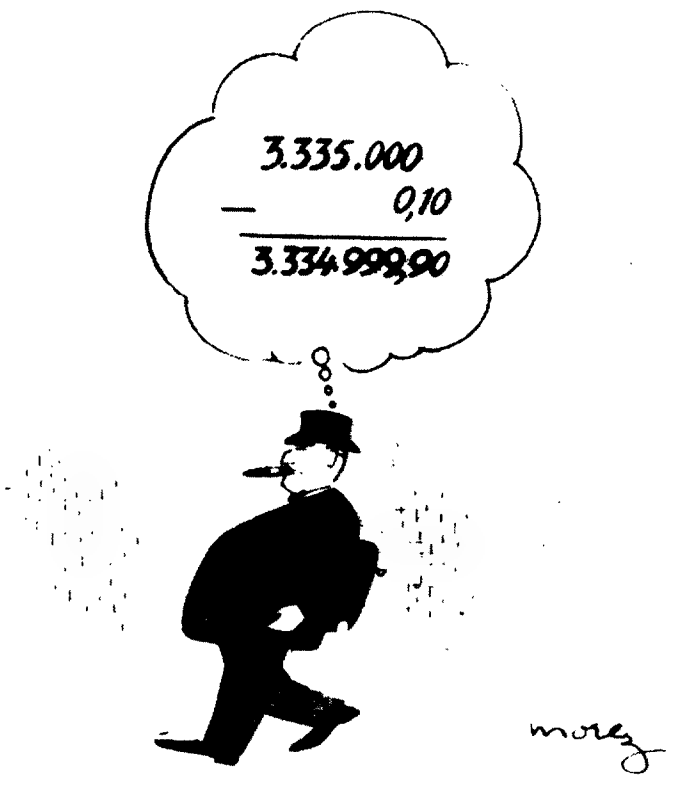
— Adoro os pobrezinhos.

— E se acabassem os pobres, e fôssemos todos iguais?

— Acabar os pobrezinhos!? Ah, não! Que seria de mim, que gosto tanto de dar?
E foi assim, por causa destas senhoras bondosas, que os homens inventaram o Natal e o Pai deste: para que sempre haja pobres, ricos e remediados.
No caso português, a história é muito mais bonita, porque houve uma rebelião e, mesmo assim, os benfeitores não guardam rancor aos pobrezinhos desencaminhados, que queriam festejar o Natal em Abril.







Alguns polí
vistos por um

**O texto-passatempo que aqui publicamos,
Não estando retratados todos os políticos
Depois de lido todo o suplemento, o leitor
colocar cada uma no corpo que lhe parec
moldura longe do alcance das crianças.**

1 — Este jogador dá tudo por tudo quando joga para títulos.
Tem uma maneira de jogar que convence uma grande parte do público que gosta de futebol rendilhado e cheio de floreados. Jogou assim durante duas épocas. Desde que garantiu o seu lugar na selecção, abriu mais o jogo e a maioria já não está a gostar muito da sua maneira de jogar. Tem sido infeliz nalguns lances e até tem metidos golos na própria baliza. Faz muitas vezes o jogo pela direita quando o devia fazer pela esquerda. Tem sido muito vaiado por causa destas más jogadas.
A meio campo, e quando o deixam jogar, é um espectáculo, abrindo clareiras nos blocos contrários.
Adora que o árbitro expulse adversários para ficar em maioria. Gosta muito do sistema de jogo das equipas da Europa Ocidental.
É muito caixinhas, agarra-se muito à bola e só quer jogar sózinho. Está sempre rodeado de adversários. Gosta muito de jogar fora de casa. Não é de opinião da inclusão de jogadores «estrangeiros» na equipa. Quer jogar só com a «prata da casa». Em sua opinião não deve desperdiçar jogo, mas sim jogar com austeridade.

2 — Joga sempre com um sorriso nos lábios. O seu forte é o jogo de cabeça. Gosta muito do jogo de coligação, mas do lado esquerdo nunca lhe passam a bola. Tem um grande sentido de oportunidade, está sempre à espera do ressalto. Os seus melhores jogos de sempre foram os que fez na Madeira e nos Açores; foi o melhor em campo e o mais vitoriado.
Foi o primeiro a apresentar a candidatura do actual treinador. É o jogador mais franzino da equipa. Faz muita ginástica para adquirir uma constituição que lhe dê mais possibilidades de impor o seu jogo.

3 — É considerado o jogador que melhor pé esquerdo tem. Não gosta de jogar na extrema esquerda. Os críticos dizem que é o jogador com melhores golpes de cabeça, mas muito denunciados. Tem uma técnica muito apurada. Por vezes foge à luta. Receia muito os contra-ataques. Diz ele que quando a equipa se adianta muito, pode beneficiar os adversários. A prova disto foi a goleada que sofreram naquele jogo em Novembro e que motivou a sua descida para o 4.º lugar. Este jogador irrita-se muito com os árbitros, quando lhe mostram o cartão amarelo; prefere o vermelho. É um jogador com muitas internacionalizações. Não gosta de jogar em diagonal, prefere jogar em cunha. Tem golpes de rins extraordinários, a sua cintura é muito maleável e obedece sempre às necessidades de movimento. É o veterano da equipa.

4 — Detesta ser bloqueado. Não tem autodomínio. Quando as claques adversárias o vaiam, irrita-se e manda-as para qualquer parte. O último desafio para que estava convocado seria televisionado e directo, e prometeu aos adversários que iria abrir o jogo. Por isso lhe deram forte, para lhe arrumarem as botas. Já se encontra novamente em boa forma e não quer passar à reserva: quer regressar aos relvados. Ele diz que não é um jogador qualquer. Fez parte da equipa que ganhou aquele célebre jogo em Abril. Candidatou-se a treinador mas não pôde ir a exame por causa da rasteira que lhe pregaram.

5 — Tem um belíssimo pé esquerdo. Há quem diga que é mesmo esquerdino. Recentemente não concordou com o esquema de jogo planeado pelo capitão da equipa e pediu a sua demissão, o que originou uma grande bomba. Não gosta de campos pelados. Diz ele que os campos deviam ser todos relvados. No Sindicato dos Jogadores é o que mais tem lutado pela Reforma. O jogador que o substituíu, logo no primeiro jogo que fez, por sinal transmitido pela TV, mostrou que não tem aptidão para o lugar. A sua inclusão foi um grande barrete.

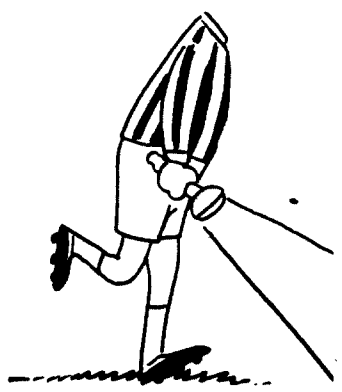
6 — Utiliza muito o passe curto. É um bom profissional, pois considera o jogo como trabalho. Abusa de jogadas muito confusas e entrega muito a bola aos adversários. É o jogador que mais manifestações tem sofrido pela parte do público mais aficionado, e mais sururus tem gerado. Quando o público reivindica a sua presença, foge porque detesta reivindicações. Este jogador só aceita jogar com contrato individual, pois receia que a Federação congele os contratos colectivos.

7 — Senhor de uma grande constituição, é considerado o jogador mais «bolatizado». Tem um grande poder de finta e é muito difícil desarmá-lo. Já chegou a juntar nove à sua volta. No jogo mais importante que fez, dizem que foi o principal causador da derrota da equipa de todos nós, mas ele afirma que embora tenha entregue ao adversário a bola que lhe deu o golo da vitória, considera que moralmente ganhámos. É um bom ponta de lança.

8 — Diz que todos os jogadores que só jogam com o pé esquerdo deviam ser substituídos, porque não têm habilitações próprias dum bom jogador e que devem ser considerados como específicos. Este jogador tem um grande sentido de colocação. Em sua opinião, os jogadores devem ser colocados nos lugares a que mais se ajustem. Outra sua opinião é que o Campeonato deve começar impreterivelmente na data marcada, haja ou não jogadores para todos os lugares. Embora seja um jogador duro, não gosta de jogo violento. Diz ele que há outros sistemas mais eficazes para segurar os adversários. Apesar de cardíaco, tem bom sprint e gosta muito de correr com os adversários.

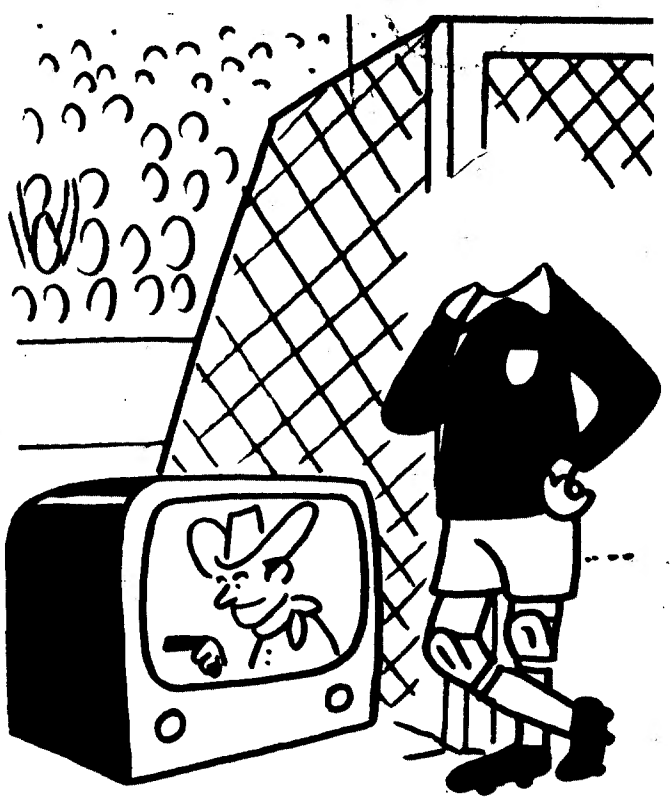
9 — É considerado o carro de assalto da equipa. Está sempre a fazer exercícios de aquecimento. Não gosta que lhe façam obstruções. No célebre jogo de Novembro fez um jogo em cheio. Bem colocado no terreno, não deixou passar os adversários. Atira muito à baliza, cá do meio da rua. Quando engrena é difícil pará-lo. Está sempre pronto para acorrer a qualquer lugar do rectângulo onde haja perigo de ataque do adversário. Procura sempre o melhor ângulo de tiro. Nem sempre está em forma, pois sobe e desce muito. Este jogador é amador.

10 — Este jogador é considerado o melhor extremo-direito. É perigosíssimo nas suas infiltrações. Joga muito encostado à linha



ticos portugueses "doente" do futebol

é da autoria de um «doente» do futebol e do Sete-Ponto-Sete. ou militares mais conhecidos, estão alguns dos mais importantes. pode voltar aqui às centrais, recortar as cabecinhas e r certo. Pode depois encaixilhar, mantendo contudo a



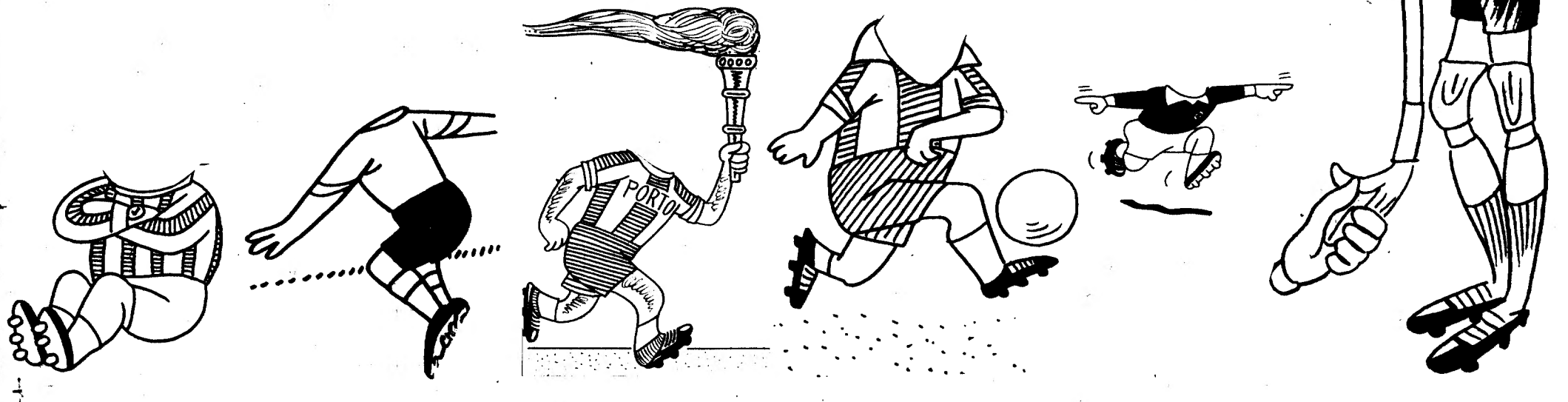
lateral, é incapaz de fazer jogo pelo lado esquerdo; nem mesmo para o centro gosta de passar. Só tem pé direito. No Sindicato é o jogador que mais tem lutado contra a reforma. É um jogador duro e está sempre em despique com os de forte constituição. Abusa muito das obstruções. Tem uma grande capacidade de reacção.

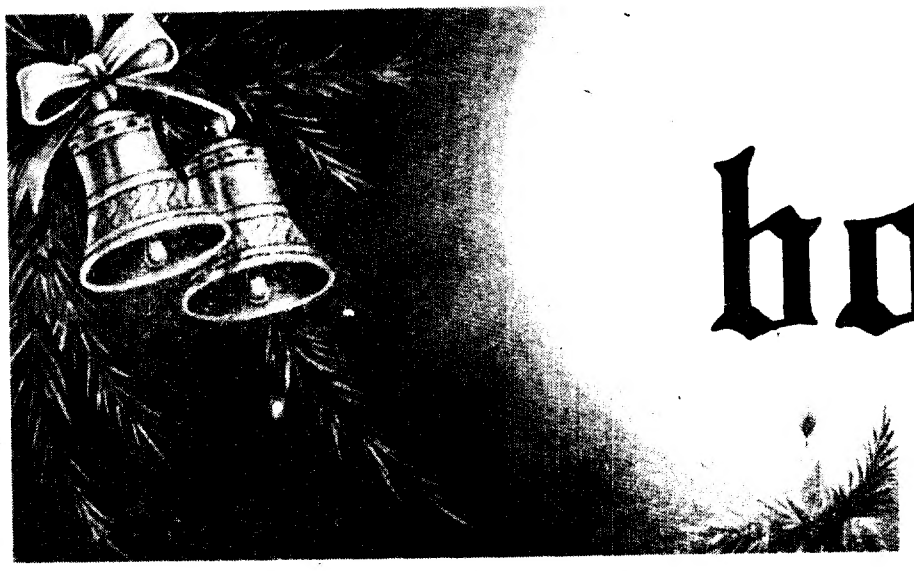
11 — Era considerado como um dos melhores rematadores. Fez parte da célebre equipa de Abril, mas tem vindo a perder a forma e poder de remate e agora só chuta para o lado para onde está voltado. Por vezes baralha-se, perde o sentido de colocação no terreno e toma a posição do companheiro de equipa. Ligava muito bem com a asa esquerda, mas de há uns jogos para cá tem vindo a afunilar o jogo pelo centro, talvez por recomendação do treinador. Foi chamado para substituir o capitão da selecção de Lisboa.

12 — No último jogo que fez, numa jogada por alto, caiu mal e sofreu várias fracturas. Todos os companheiros de equipa e até mesmo adversários o foram visitar ao hospital. Alguns dos seus companheiros pensam que ele não tem jeito para chutar com o pé esquerdo. Ele diz que gostava que o adversário atacasse em força, para depois verem se ele defende bem ou não pelo lado esquerdo. Há jogadores que gostam de jogar contra o vento e outros a favor. Este gosta de jogar de Norte para Sul. Havia quem gostasse que ele fosse o treinador, mas não se candidatou. No último jogo que fez, chamou um jogador da equipa adversária para ser fotografado junto com a sua equipa, o que lhe valeu severas críticas dos jornalistas.

13 — Quando do célebre jogo de Abril, ele foi o capitão da equipa e o estratega de todo o esquema de ataque. Os adversários nem ofereceram resistência. O público entusiasmou-se tanto com aquela vitória que invadiu o campo, vitoriou os jogadores, tomando assim parte naquela inesquecível vitória. Pecou porque no princípio do campeonato teve muitas vezes a baliza à sua mercê e nunca tentou o golo. Perdeu lances incríveis de golo feito. É o jogador que mais tempo está em estágio. Fala muito em campo. Está sempre dentro... da jogada. É constantemente castigado com grandes penalidades. No último encontro, apanhou vinte jogos de castigo. Candidatou-se a treinador, mas não passou no exame.

14 — Foi eleito para treinador com o consenso do conselho da Federação. Por vezes o esquema de jogo que escolhe, o contra-ataque, beneficia os adversários. Devia mandar fazer mais jogo pela esquerda, pois assim iria com certeza a caminho do sensacionalismo. A sua táctica é ter sempre muitos jogadores da sua confiança bem espalhados por todo o rectângulo, e tem grande poder de antecipação. A equipa andava muito indisciplinada, o equipamento amarrotado e as botas nem engraxadas eram. Logo que tomou posse do cargo, proibiu os jogadores de discutirem dentro do campo e de darem entrevistas





boas festas

OS PROPRIETÁRIOS DA

CHAVE DE PRATA

174 — Rua da Prata — 176

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo muito próspero.

BELO HORIZONTE

RESTAURANTE

Rua do Arsenal, 48-52 — T. 360442 — Lisboa

Deseja aos seus estimados Clientes Boas-Festas e um Ano Novo muito Feliz.

CUNHA — ALFAIATE

Rua do Conde Redondo, n.º 14, 1.º, Esquerdo
Telefone 53 15 47 LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes NATAL FELIZ e ANO NOVO muitó próspero.

MÓVEIS JANEL

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A
Telef. 57 16 95

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e Feliz Ano Novo.

SOARES & REBELO, LDA.

Especialistas de sementes, hortaliças, flores, pastos — Bolbos e raízes de flores

RUA DO AMPARO, 2 — LISBOA

Desejam a todos os seus Amigos e Clientes BOAS-FESTAS e um NOVO ANO muito Feliz.

FERREIRA ALVES & ALVES, LDA.

P. da Figueira, 11, 3.º-D. (Escada da Jao)— **Lisboa**

Toda a maravilhosa electrónica japonesa em Rádios com colunas e reprodutor. Auto-rádios de diversas marcas. Gravadores de cassetes. Rádios portáteis de pilhas e corrente

Deseja a todos os seus Exmos Clientes FESTAS FELIZES

A PREDIAL TOMARENSE E IMPERIAL TOMARENSE

DESEJAM AOS SEUS EX.mos CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES, FESTAS FELIZES E UM **ANO NOVO** MUITO PRÓSPERO.

Av. Almirante Reis, 186-B e 186, r/c.
LISBOA — Telef. 4 67 10 - 55 57 32

ORLANDO & ALMEIDA, LDA.

Deseja a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, um FELIZ NATAL.

RUA DE ARROIOS, 179-A E 156-B—LISBOA

COSTA & DIOGO, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 4-A, 4-C — Telefone 4 33 15

Depósito de Tabacos Nacionais e Estrangeiros

Sucursal — PERFUMARIA NINA — Av. Alm. Reis, 2-G

Desejam BOAS-FESTAS e ANO NOVO muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos

Ourivesaria ZURIQUE

OURO ★ JÓIAS ★ PRATAS ★ RELÓGIOS

Largo de Dona Estefânia, 6-E, 6-F

Cumprimenta e agradece todas as atenções dos seus Clientes e Amigos.

PORTARO

VEÍCULO TODO O TERRENO

BOAS FESTAS
FELIZ ANO NOVO

SOC. ELECTRO-MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS, LDA.

Rua Nova de S. Mamede, 7/9 — LISBOA

A CAFÈEIRA, LDA.

CASA CHINESA
CASA CHINESA BAR
CAFÉ RIBATEJANO
MONTE CARLO

Cumprimenta os seus Ex.mos Amigos, Clientes, Colegas e Fornecedores, agradecendo todas as atenções dispensadas.

Armazém:
R. dos Sapateiros, 213-215 — Tel. 32 85 65
Escritório:
Rua dos Anjos, 13, 4.º, Dt.º — Telef. 4 96 61

LISBOA

SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

IMP. — EXP.

BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

Rua da Boavista, 14-16 — Telefone 323906
LISBOA - 2

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.

CASA TESTA

RUA DO ARSENAL, 78—TELEFONE 32 18 92

LOTARIAS
TOTOBOLA

Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos,

UM FELIZ NATAL

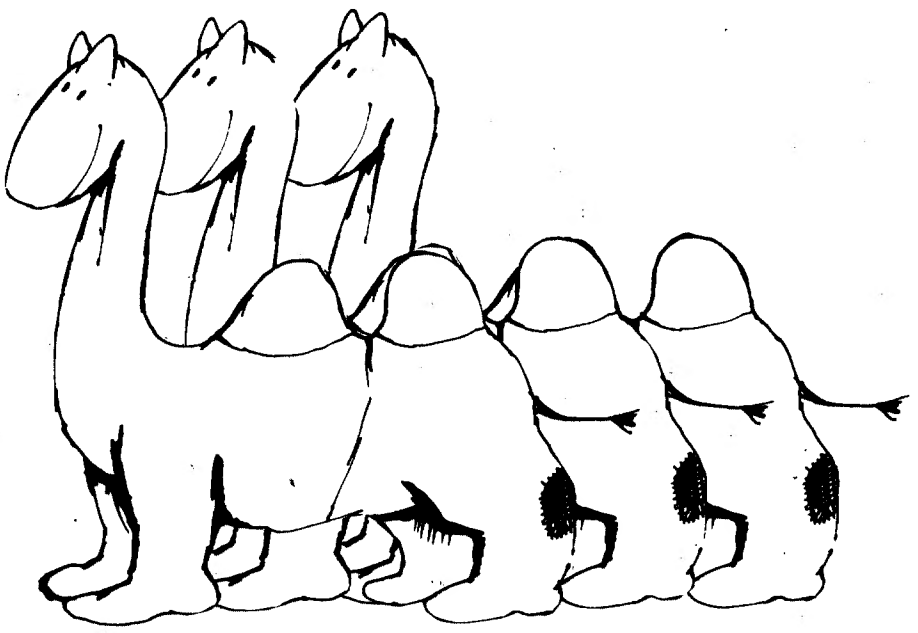
Restaurante REX

Deseja aos seus clientes e amigos

BOAS-FESTAS

Rua Nova da Trindade, 1-B—Telef. 36 01 14—LISBOA

Quatro depoimentos sobre a passagem de três reis por Narim



DOC JACK DOC DOG

Três estranhos montados em camelos ricamente ornamentados e a caminho do Oriente? Ontem mesmo vi-os chegarem a Narim quase ao fim da tarde, estava eu aqui à entrada da cidade mais o cajado e o cão. Comecei por ver ao longe os vagarosos animais, notei logo o que era e disse para mim, olha isto, tilópedes por aqui onde poucos mais animais há que burros e vacas, além dos biciclos, dos triciclos, dos tetraciclos, pentaciclos, que sei eu, como agora há tantas máquinas assim na cidade, nos subúrbios, e sempre em movimento. Eram camelos, vi logo, raros animais hoje em dia em Narim, trata-se de gente de fora, certamente. Diz o senhor se vinham do ocidente. Pois creio que sim. Provinham das montanhas, viriam do deserto, vinham pelo caminho fora para aqui em frente. À medida que se aproximavam fui-me apercebendo, vinham homens lá em cima entre caixas diversas, Reis, diz o senhor. Isso não sei. Mas, reis por aqui. Eram três homens creio que pequenos, digo isto por causa da cabeça, tinham cabeça grande, grandes cabeças como não temos em Narim. Passaram por aqui e detiveram-se quero dizer, um deles deteve-se, camelo e cameleiro em cima dele, deteve-se, atirou-me um boné para dentro do barrete e depois interpelou-me. Que cidade é esta, quis saber. Narim, disse eu. E há albergaria, perguntou a seguir. Eu disse que sim e falei-lhe da estalagem de Cipião o Lento, aquela de outro lado da cidade passando a ponte pênsil que vai para Estetown, à direita, um ligeiro desvio entre árvores frondosas. Reis, disse o senhor. Isso não sei. Ele ouviu o que eu disse, fez menção de ir embora. Curvei a cabeça para a frente pela moeda que ele me tinha dado, e estava eu assim quando ele partiu. Que mais quer saber, se com eles iam armas. Eram algumas bolsas em cima do camelo e caixas dependuradas revestidas de coxim, um ou dois sacos talvez de mantimentos, um cantil de cada lado, armas, não sei, talvez, mas esconsas, admiti, armas curtas, uma pistola, por exemplo. Apenas vi uma pequena espada, não, era um punhalete, branca arma pequena. Olhe, meu senhor, e lembro-me do nome do tilópode, foi quando o homem arrancou de ao pé de mim, incitando o animal, vamos cadilaque, disse para ele, batendo-lhe na bossa da frente. Mas tudo isto não estará registado nos assentos da Polícia. Ah, pois não, já fechou a alfândega e a Polícia quase não existe, o senhor é capaz de ser o único agente sobrevivo, não. Nada mais tenho para lhe dizer. Isto que se passou comigo foi ao fim da tarde mais ou menos como agora, estavam vermelhos raiados de sangue os lados do sol poente, descia o dia atrás daquela montanha para lá do mar, vinham os homens tal como está agora a ver o dia de trabalho nas suas oficinas regressando dos subúrbios de Narim montados nas suas máquinas de reluzentes metálicos, pedalando para os subúrbios de Narim, pedalavam com força, é sempre assim, para chegarem cedo a casa a tempo de pôrem as vacas a pastar nos campos. Para onde foram os homens depois e os seus camelos. Pois, para a estalagem de Cipião o Lento, tal como lhes disse. Que terão feito entretanto e mais tarde, é coisa que me escapa. Mas, espere meu senhor. Lembro-me agora, creio, esta manhã Laertes disse-me, ontem vi três estrangeiros na cidade. Se calhar, eram esses. Eu nem percebi muito bem o que Laertes me disse. Certo era importante, mas, sabe, eu vivo tão cheio de preocupações comigo próprio. Tenho a minha vida, o meu cão, o meu cajado, as minhas feridas nas pernas, no peito, nos braços, na cabeça, tanto em que pensar, e ainda vir todos dias por aí abaixo a este peditório para o meu sustento. Sim, meu senhor, eu devia ter suspeitado. Herodíades é grande, mas eu nem sei como servi-lo, nem tenho instrução. Onde poderá encontrar Laertes. É ao pé de minha casa, daqui a pouco já lá deve estar. Ele vai ao peditório para outra saída, mas faz os mesmos horários que eu. Moramos perto um do outro, e há ainda Loes, a casa de Loes, entre nós. É na rampa que vai dar à colina. Nós damo-nos bem, às vezes estamos em casa uns dos outros. Loes, meu senhor, olhe, essa é por assim dizer, como é que se diz, não sei, a nossa concubina. De vez em quando, quero dizer, ultimamente muito menos, mas os laços mantêm-se. Quando ela não tem mais ninguém a receber recebe-nos a nós. A casa dela, a de Laertes, e a minha, é lá em cima onde lhe disse, três casas brancas, se quiser ir lá falar com Laertes ou Loes vá à vontade, são lugares descansados, e não há que enganar. Se por qualquer imprevisto não atinar, pergunte a alguém, por aqueles lados todos nos conhecem. Chamo-me Doc, Jack Doc, Dog. Meu amigo, Laertes, escreva aí. A rapariga é Loes, todos a conhecem, creio, na cidade e subúrbios, recebe tantas visitas. Obrigado, não tem de quê, meu caro senhor.

LAERTES

Não é meu hábito regressar tarde a casa, mas ontem foi assim. Custava-me muito andar, perdi o meu cão, que dei-o a Doc. Refiro-me a Jack Doc, ou Dog, não sei ao certo, é aquele com quem o senhor falou antes de comigo e lhe falou que eu tinha visto o que vou dizer-lhe que vi com estes meus dois olhos. Como disse, já não tenho o cão, e faz-me falta. Ontem fez, por exemplo, e custou-me tanto regressar. Ainda disse para mim, anda Laertes, é o meu nome, faz um pequeno esforço, daqui a nada é noite e agora em Narim, não é por causa da Polícia que nunca te fez mal, mas é que faz-se escuro e as luzes são tão poucas, é tão acidentado o piso das ruas, ainda cais por aí e pronto, é sempre melhor dormir em casa, sobretudo agora que os invernos são frios, e é húmida Narim. Custa-me muito andar, tive de parar na marginal a certa altura. Foi nessa altura que vi virem passando a ponte pênsil três homens estranhos com cabeças muito grandes, assim como não conheço por aqui nem creio que haja por aqui tão perto. A princípio fiquei, como dizer, assustado, talvez fossem, pensei, governadores ou enviados do rei com alguma missão especial a cumprir, conviria talvez que não passassem por mim, que não me vissem sequer. Recuo infundado, decerto. Mas fosse como fosse pus-me a andar para a Praça Maior subindo as escadas difíceis, e só voltei a olhar para trás quando cheguei lá acima. Foi então que vi pela segunda vez os homens. Encaminhavam-se devagarosos vindos do lado da ponte pênsil para cá. Puxei o embrulho das ervas para meter numa mortalha e fumar, enquanto ia vendo-os lá de cima. Eles seguiram lentamente pela marginal ao longo do rio, àquela hora não passava ninguém. Apesar de envoltas em panos brancos, as suas cabeças via-se que eram grandes. Como eles devem ser inteligentes, pensei eu, e depois passou-me se eles seriam não deste mundo. Ainda pensei em ir lá abaixo e interpelá-los, ou gritar-lhes qualquer coisa cá de cima. Mas tenho as pernas assim, e, como ouve, a minha voz não é melhor do que isto. Talvez se gritasse eles não me ouviriam. Assim fiquei apenas a vê-los afastarem-se. Pus-me outra vez a andar quando os perdi de vista. Cheguei a casa, não, antes passei pela casa de Doc, ou Jack Doc, ou Dog, como quer que seja. Ele ainda não tinha chegado, embora já fosse muito tarde. Mas não estranhei. Às vezes ele atrasa-se por causa das pernas, também anda muito mal, direi mesmo, bem pior do que eu. Fui a casa de Loes, estava tudo fechado. Bati à porta, Loes veio abrir, entreabrir, fiquei a ver só a cabeça dela, pensei, ela está com visitas. Cheguei agora, disse eu. E então, perguntou ela não sei com que ênfase, talvez sem ênfase nenhuma, agora é que estou a pensar. Dedo e meio de conversa, disse. eu a pedir. Não posso, disse ela, estou cá com três estrangeiros. Três estrangeiros, eu. Sim, ela. Cabeças grandes, eu. Sim, ela. Toda a noite, quis saber. Não, disse ela, mas são três e depois não me apetece, amanha, está bem, ou outro dia. Fiz-lhe um gesto até amanhã ou outro dia, ia a retirar quando a porta se fechou atrás de mim. Não voltei a casa de Doc, estava tudo apagado, pensei, ele ainda não chegou, sentia-se cansado. Mas hoje de manhã vim cedo para o meu peditório lá para os lados da ponte e passei por casa de Doc, para contar-lhe o sucedido da véspera. Disse-lhe, vi ontem três estrangeiros esquisitos na cidade. Mas ele não me ouviu, já estava levantado, sentara-se num banco, mas ainda estava a dormir, não me ouviu, ele é assim, demora muito tempo até acordar depois de levantar-se. E eu tinha, não sei porquê, uma certa pressa. Como ele nem sequer parecia notar a minha presença, fui-me embora, e disse de mim para mim, deixa lá, conto-lhe isto logo à noite. Loes, meu senhor. É a casa aqui a seguir como esta minha casa. Ela já deve lá estar. Pode ir à vontade descansado que hoje ela não tem visitas. Loes não é daquelas que recebem mais do que uma, duas visitas, e ontem foram três, deve ser para estoirar, e então estrangeiros com aquelas grandes inteligentes cabeças. Um dia depois de mais do que uma visita geralmente não recebe senão os amigos, eu, e Doc. Vá lá meu senhor, e leve a minha parte. É para investigações, ela não se recusa.

LOES

Estava à espera de Laertes ou Jack Doc, ou os dois ao mesmo tempo, afinal vieram eles. Eram três homens pequenos com grandes cabeças, aros nos pulsos e nos tornozelos e dependurados das orelhas brincos baços de marfim, vi isso tudo e muito mais, depois de eles entrarem e tirarem os panos que os cobriam. Perguntei-lhes quem eram, disseram-me que estrangeiros mas que vinham por bem, e mostraram-me moedas. Abri-lhes a porta e deixei-os entrar. Depois estive aqui um pouco a falar com eles. Mas eles falavam pouco, e do pouco que falavam era mais entre eles do que para mim. É raro virem aqui estrangeiros, isto fica cá em cima e há mais quem receba do outro lado do rio onde é mais fácil chegar. Mas ontem deviam estar todas ocupadas. Se bem que, eu sei, a minha fama é grande, e devem-lhes ter dito. Vêm cá marinheiros, mercadores, peregrinos. Pensei que fossem mercadores, aqueles ornamentos todos por toda a parte neles em abundância, mas, reis, não me diga, que luxo. Essa de reis não me ocorreu, como poderia ocorrer-me, ai de mim. Eles não me disseram de onde vinham, quem eram, tão pouco perguntei, não costumo meter-me na vida dos que passam. Nem sequer me disseram ao que vinham, mas, isso, já vê, meu senhor, não precisam de dizer. Todos os que vêm, entram, estão aí um bocado, avio-os, depois vão-se embora. A mim também não me fizeram perguntas. Ah, não, lembro-me de me terem perguntado, foi se eu sabia se na cidade já corria a boa nova. Eu não sabia de boa nova nenhuma. Há uma luz no oriente, disse um deles. Eu também não percebi. Eles deram-me ervas para eu fumar. Eram ervas diferentes das que do Sul nos chegam a Narim. Outro disse, creio que para mim, mas voltado para a fogueira onde espalhava não sei que cheiroso pó, o filho de Zeus nasceu, glória aos céus longe e nas infinitas alturas. É talvez um sacerdote, pensei eu. Depois entre eles continuaram a falar por algum tempo nessas coisas. Devem ser todos sacerdotes, decidi eu. Diz-me agora o senhor que reis, pergunto, como é possível, em minha casa. Depois eles pediram-me celhas e água para tirarem as sandálias e lavarem os pés. Eu fui-lhes buscar isso, e quando vim, perguntei-lhes, peregrinos, meus senhores, e vieram de longes terras por estas montanhas a pé, de biciclo, de triciclo, de tetraciclo, ou pelo deserto antes das montanhas, e a pé, disse um deles, o que falava mais. Achei estranho, camelos por ali, mas não perguntei nada. Fui foi para dentro, para a alcova, lavar-me, perfurmar-me, esperar que eles viessem, um por um, é claro, para eu os servir. Eles começaram a vir pouco depois e eu servi-os sem voltarmos a trocar mais alguma palavra. Quando já os tinha servido a todos, corri a casa a abrir portas e janelas para arejar, eles já se tinham ido embora. Mas deixaram-me isto que o senhor aí vê, este anel de pedra azul, este colar transparente, estes dois aros para os tornozelos, esta pulseira não sei quê, uma bolsa de pele de camelo com tudo lá dentro, ah, e ainda estes brincos que já pus nas orelhas.

CIPIÃO O LENTO

Cipião o Lento, para o senhor ser servido. Muito bem. Foi ontem ao entardecer, chegaram aqui com os seus camelos e pediram-me ceia e dormida. Há sempre lugar na minha casa para os estrangeiros, vi logo que eram. Vestes mais vistosas, arrebicados em certas partes, um fácil mais dócil, e sobretudo a cabeça, oh, a cabeça, as cabeças, tão grande, tão grandes, que inteligentes eles devem ser, vi logo que eram com aquelas cabeças, cabeças assim, tão grandes, não deve haver em Narim, não há. Eu pensei, fenícios, gregos, romanos. Mas esses já acabaram ou ainda não existem, pois não é assim, eu digo isto mas não sei, senhor. Pergunta-me o que eles quiseram saber de mim. Eu lhe digo. Primeiro, se havia na cidade mulheres que recebessem. Eu disse que sim e indiquei-lhes uma, chama-se Loes, vive quem vai para as colinas lá em cima, é jovem e grácil, todos os homens a apreciam, recomendo-a sempre aos meus hóspedes de primeira sobretudo estrangeiros, ultimamente tão poucos, já quase não há tráfego portuário, trocas comerciais, movimento de turismo, e as peregrinações mudaram de rota mais para Sul. Depois perguntaram-me se eu sabia da boa nova. Da boa nova, eu para eles não sei. Nasceu o filho de Zeus, disse um deles. Eu não sabia de nada, quem era esse Zeus, algum rei doutro reino, devia tratar-se de filho varão. Não disse nada, assenti com a cabeça, não dise nada, que podia eu dizer. Eles pediram-me que os levasse ao terraço, levei-os ao terraço. Então lá em cima eles perguntaram-me, não se vê daqui a estrela. Então eu lembrei-me, ah, sim, vê-se a constelação de Mártires ao amanhecer. Uma estrela grande de seis pontas luminosas e uma auréola no meio, perguntou um deles. Disse-lhes que não com um pesar muito fundo. Eles não deviam saber do que eu estava a falar, e o mesmo se passava comigo em relação a eles. Depois descemos e eles foram cear. Cearam e saíram, foram para a cidade, fiquei a espreitá-los, gostava de os ver nas suas cabeças admiráveis. Eles voltaram muito tarde, ainda eu estava aqui. Deram-me erva. Eu ainda tentei recusar, tenho erva, disse, curvando-me humilde. Mas fuma desta, que é diferente, disse-me aquele que estava a ser tão generoso. Eu aceitei com respeito. Eles foram dormir e eu fiquei ainda um pouco, pus-me a fumar da erva que eles me tinham dado. É uma boa erva, como não há em Narim, ainda aqui tenho o resto, olhe, veja, seja também servido, meu senhor.

Luís de Miranda Rocha

SOLUÇÕES

AS SETE DIFERENÇAS

1 — Um dedo da mão direita; 2 — Uma flor do ramo; 3 — a orelha; 4 — pata traseira do lado direito; 5 — a boca; 6 — o rabo; 7 — o cabelo.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1/12, MARLENE TRIBUIANI; 2, Tamisa; 11, Ema; 15, Rol; 16, Ne; 17, Ar; 18, Cré; 19, Agá; 21, An; 22/24, ALI REZA; 26, Dança; 28, Madã; 29/39/48, JEAN-PIERRE AUMONT; 33, Orão; 24, Cose; 35, Gorra; 36, Rir; 38/66, JANET RAYMOND; 40, Ola; 41, Im; 43, Ás; 44, Eis; 45, Ga; 46; Ema; 47, Ura; 51, Am; 52, Tomamos; 55, Torna; 56, Op; 57, Colarem; 60, Ho; 61, Si; 62, Idoso; 63, Asas; 64, Sc; 69, Sã; 70, Er; 71, As; 72, AA; 74, Am; 75, Ion; 78/82, MANUELLA PAPATAKIS; 83, Mu; 84, Al.

VERTICAIS:

1, Mercado; 2, Amornareis; 3, Ralé; 4, Etna; 5, Ti; 6, Abá; 7, Murça; 8, Il; 9, Sa; 10, An; 13, Regras; 14, Imo; 20, Aede; 22, Acorrera; 23, La; 25, Za; 27, Na; 28, Mo; 29, Jona; 30, Erêl; 31, Artimanhas; 32, Nó; 34, Crês; 35, Galantes; 37, Iriam; 38, Jogó; 39, Pastos; 42, Mamão; 47, Um; 48, Aso; 49, Meadas; 50. Tomo: 53, Opinaria; 54, Oca; 58, Lis; 59, Rosa; 63, Ada; 65, Canal; 66, Mana; 68, Os; 73, Ami; 74; a-la; 76, Po; 77, Ba; 79, As; 80, Ul; 81, Eu.

Voltaria a haver Natal

O avô levantara a taça vermelha a taça de que só ele se servia e apenas nos dias de festa e fizera o seu discurso de todos os natais. Que bonito era o avô a falar «nos que a morte nos levou e a saudade mantém ao nosso lado»! As suas mãos, quase azuis de brancas, desenhavam gestos de ave ferida que o vermelho da taça ora aprisionava ora libertava como uma chaga palpitante à espera de um corpo. Claro que não seria «isto» que eu pensava contemplando a solenidade do avô, mas é isto que eu tenho no recanto da minha memória onde há muitas mãos, sangue e aves feridas...Por cima da mesa, suspenso do florão do tecto, o candeeiro de petróleo com porcelanas brancas e metais amarelos, espelhava uma luz antiga e familiar, serena e amiga. A tia Eduarda traçava com a faca de prata do talher de festas desenhos invisíveis sobre a toalha branca, cada vez mais lentos, cada vez mais espaçados, até que as lágrimas lhe inundassem as rugas da cara. Era quando o avô falava da «grande ausente», a Avó que a mudança de idade levara à demência e ao suicídio, depois de uma vida de estranhas inquietações e inexplicáveis mutismos. A voz do Avô tremia de solenidade e essa tremura repercutia-se em todos os olhos e em todas as mãos.

Brilhava, quase líquido, o vermelho da taça na transparência azul das mãos do Avô, e a criada velha, a sr.ª Palmira, obrigava a tia Clarissa a beber um copo de água com receio dos ataques, enquanto a tia Eduarda escondia a face no avental de rendas que a estranha nunca abandonava. Primos e primas, [illegible] por afinidade, rotavam [illegible] dedos rosados às taças brancas ou, debruçados sobre as crianças, aquietavam turbulências impróprias.

Mas já o avô dominava a emoção e dirigia agora aos jovens [illegible] sorrisos, insinuações, malícias [illegible] de ano para ano, [illegible] tias, o próprio avô [illegible] menos oportunas [illegible]

Sobre a [illegible] de linho [illegible] pratinhos de [illegible] a meia, moderados pelo [illegible] e pelos ramos de azevinho, [illegible] hoje, a recordação que de tudo isto [illegible] como uma longínqua planície branca, numa [illegible] abrupta de penedos [illegible]

E então que, a meio de uma frase [illegible] voz do avô perdeu-se num emaranhado de sons, as feições contorceram-se-lhe e os olhos, muito abertos e redondos de espanto, fitaram [illegible] morto dentro [illegible] prato vazio. A [illegible] que ao esmagar [illegible] a casa se [illegible] de sombras e fantasmas. Ressoam, [illegible] os passos dos gatos [illegible] a voz grave do prior comandando o terço da despedida.

Do fabuloso presépio que as mãos do avô animava, transfiguravam paisagens, remexiam montanhas, [illegible] rios; pus os magos na cabana [illegible] antes do dia 6, e escarranchei num cavalinho de chumbo a rósea nudez do Menino-Deus... com o desiludido prazer de profanar, ante a indiferença dos adultos, símbolos vazios, pequenos cadáveres que o mito abandonara.

Voltaria a haver Natal! Mesmo depois da morte do avô. Mesmo depois da morte da avó. Depois da morte das tias e dos tios, dos primos e das primas, da morte, até, daqueles que enternecedoramente continuaram vivos...

Continuaria a haver Natal, mesmo depois da morte de quem fui e de quem quis ser.

Num campo santo de imaculada pureza recolhi, ano após ano, os cadáveres perfumados da minha infância. E os próprios cadáveres me morreram decompostos em desencanto e em cansaço.

E era ainda Natal quando, na solidão vazia dos ceus e da terra, os reis magos que eu era, ofereciam ao deus-menino que eu era também, o desespero-incenso, a solidão-mirra, e o aniquilamento-oiro, sobre a estrela que eu quisera a marca do destino ímpar de grande sofredor...

E foi Natal, o mais maravilhoso e o mais quente-frio de todos os natais, quando as colinas do meu presépio-destino se coloriram de povo e eu fui, na multidão quente e convulsiva, o cavador sem pão, o mineiro sem sol, o operário sem futuro, a rameira sem amor, o genio sem expressão, o povo sem patria, a pátria sem glória.

E foi Natal quando, na aldeia galega, na taberna mal iluminada por um bico de petróleo colocado sobre o balcão, contemplando a minha mão grossa e feia apertada sobre o copo de vinho, eu recordei a mão fina, quase azul de branca, do avô, e o mistico casamento do meu sangue com o vidro vermelho da taça quebrada.

Natal na miséria. Natal na violência. Natal no pecado. Natal na prisão. Natal no amor. Natal no medo. Na minha miséria, na minha violência, no meu pecado, na minha prisão, no meu amor, no meu medo, [illegible] nascimento em cada acto. [illegible] libertação. Oh, [illegible] de renúncia e [illegible] poderei explicar [illegible] encarnação para que [illegible] sofrer [illegible] dores [illegible] possas [illegible] compreender o apelo humano de uma noite de Natal.

Neste comboio que me leva para o [illegible] deverei encontrar os meus companheiros de luta, ou a morte ou a prisão, espreito em cada rosto adormecido os espectros dum passado [illegible] bonecos de arroz doce. Procuro em cada sorriso o mistério do «quarto das [illegible] nascido em cada ruga a imagem duma mão [illegible] sobre um prato vazio. E há, em todos os rostos e em todas as mãos, um tom quente de terra e sangue, como se a taça vermelha do avô, rasgando o mistério das suas mãos esguias, tivesse um efeito cósmico e inextinguível.

Montréal, Dezembro de 68

CUNHA VIANA